

# Trabalhando para construir ecossistemas de informação mais saudáveis:

*Visões coletivas da sociedade civil na América Latina e no Caribe*



---

Este relatório se baseia em uma pesquisa realizada pela The Engine Room, com o apoio da Open Society Foundations, entre setembro de 2023 e março de 2024.

**Pesquisa e redação:** Bárbara Paes, Olivia Johnson, Cristina Veléz Vieira

**Revisão:** Jeff Deutch, Paola Mosso

**Edição:** Helen Kilbey

**Apoio ao projeto:** Jen Lynn

**Design:** Cristina Ramírez, [La Propia Agencia](#)

**Ilustração:** María Paola Herrera, [La Propia Agencia](#)

**Tradução do inglês para português:** Chloe Villalobos

Citação sugerida: The Engine Room: Bárbara Paes, Olivia Johnson, and Cristina Veléz Vieira. “Trabalhando para fortalecer ecossistemas de informação mais saudáveis: Visões coletivas da sociedade civil na América Latina e no Caribe.” (2024).

---

O conteúdo deste relatório não reflete a opinião oficial da Open Society Foundations, tampouco dos membros do comitê consultivo. A responsabilidade pelas informações e opiniões expressas é exclusiva da The Engine Room.

O texto deste trabalho está licenciado sob a licença internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0. Para visualizar uma cópia dessa licença, acesse:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

---

**THE ENGINE ROOM**

# Índice

<b>Introdução</b>	<u>04</u>
Principais destaques desta pesquisa	<u>09</u>
Metodologia	<u>12</u>
Definições	<u>15</u>
<b>Parte 1</b>	
Um ecossistema em desequilíbrio	<u>18</u>
<b>Interlúdio:</b> Imaginando um ecossistema de informação saudável, forte e equilibrado para a América Latina e o Caribe	<u>46</u>
<b>Parte 2</b>	
Restaurando os ecossistemas de informação: inspiração da sociedade civil	<u>51</u>
<b>Conclusão</b> Formas de apoiar a restauração dos ecossistemas de informação	<u>77</u>



# Introdução

Nosso trabalho na The Engine Room se concentra principalmente no uso de tecnologia e dados em organizações de justiça social. Nos últimos anos, temos testemunhado tendências preocupantes em relação ao papel das tecnologias digitais na formação de ecossistemas de informação na América Latina e no Caribe (ALC). (Estamos usando o termo “ecossistemas de informação” ao longo deste relatório para nos referirmos a sistemas de criação, troca, fluxo e uso de informações).

Por toda a América Latina e o Caribe, a polarização política e a falta de confiança têm aumentado.<sup>01</sup> Além disso, em muitos países, o acesso pleno às informações continua sendo um desafio, e as desigualdades no acesso à internet e às tecnologias digitais impactam muitas pessoas, especialmente nas áreas rurais e nas florestas. Ao mesmo tempo, um número significativo de agentes estatais, certas corporações e grupos extremistas usa a tecnologia para vigiar e enfraquecer o trabalho de ativistas.<sup>02</sup> Em toda a região, desinformação tem sido usada para incitar discurso de ódio contra grupos vulneráveis,<sup>03</sup> ataques digitais contra ativistas e jornalistas<sup>04</sup> têm se tornado frequentes<sup>05</sup> e mais sofisticados e generalizados.<sup>06</sup>

Ao iniciar esta pesquisa, nossa equipe pretendia contribuir para a criação e a manutenção de ecossistemas de informação mais saudáveis e robustos na América Latina e no Caribe, compilando os aprendizados do trabalho existente realizado pela

---

**01** “With me, or against me”: The intensification of political polarization in Latin America and the Caribbean,” UNDP, 28 de fevereiro 2023, <https://www.undp.org/latin-america/blog/me-or-against-me-intensification-political-polarization-latin-america-and-caribbean>; “In whom do we trust? Less in institutions and more in communities in LAC,” UNDP, 23 de janeiro 2024, <https://www.undp.org/latin-america/blog/whom-do-we-trust-less-institutions-and-more-communities-lac>.

**02** Natalie Southwick, “Surveillance Technology Is on the Rise in Latin America,” Americas Quarterly, (junho 2023), <https://www.americasquarterly.org/article/surveillance-technology-is-on-the-rise-in-latin-america/>.

**03** Eliška Pírková, “Fighting misinformation and defending free expression during COVID-19: recommendations for states,” Access Now, (abril 2020):3, <https://www.accessnow.org/wp-content/uploads/2020/04/Fighting-misinformation-and-defending-free-expression-during-COVID-19-recommendations-for-states-1.pdf>.

**04** “Press under attack – digital strategies to intimidate journalists in Latin America,” Access Now, 12 de dezembro, 2022, <https://www.accessnow.org/press-under-attack-latin-america/>.

**05** Carolina de Assis, “Study shows 83 percent of gender editors in Argentina targeted by online violence,” LatAm Journalism Review, (agosto 2023), <https://latamjournalismreview.org/articles/study-shows-83-percent-of-gender-editors-in-argentina-targeted-by-online-violence/>.

**06** Marie Lamensch, “For Rights Defenders, Cyber Is the New Battleground,” Centre for International Governance Innovation, 22 de novembro 2021, <https://www.cigionline.org/articles/for-rights-defenders-cyber-is-the-new-battleground/>.

sociedade civil na região e mapeando alguns dos principais desafios enfrentados por aqueles que realizam esse trabalho.

Por meio do nosso trabalho e pesquisas anteriores, sabíamos que havia muitas coisas em desequilíbrio: não faltam “coisas para consertar” se queremos criar ecossistemas de informação equilibrados, prósperos e que apoiem a justiça social. Também sabíamos que o trabalho de construir ecossistemas de informação mais saudáveis requer consolidar as visões sobre como ecossistemas de informação robustas e saudáveis poderiam ser. Considerando que no passado a região da América Latina e o Caribe não detinha, necessariamente, ecossistemas de informação equilibrados e saudáveis em larga escala e ao longo prazo, a restauração desses ecossistemas não se trata, necessariamente, de voltar a um estado saudável anterior. Em vez disso, se trata de focar em construir ecossistemas de informação mais fortes para o futuro.

Durante a realização desta pesquisa colaboramos com mais de 70 pessoas que trabalham para melhorar a saúde dos ecossistemas de informação na ALC. As pessoas com quem conversamos compartilharam generosamente seus aprendizados e percepções, e inspiraram as visões coletivas de ecossistemas de informação fortes e saudáveis que foram reunidas no decorrer deste projeto.

É importante observar que, embora os ecossistemas de informação contemplem uma variedade de atores (inclusive aqueles dos setores público e privado), esta pesquisa se concentra principalmente nos atores da sociedade civil, entre eles aqueles que usam as informações para seu trabalho (como consumidores, produtores, nós ou facilitadores de informações), doadores, mobilizadores, ativistas de organizações de direitos digitais, tecnólogos da justiça social, especialistas em segurança digital e pesquisadores.

Na **Parte 1** deste relatório, compartilhamos uma visão geral de alguns dos desafios e características que formam o desequilíbrio dos ecossistemas de informação na região.

No **Interlúdio**, descrevemos as visões coletivas de ecossistemas de informações fortes e saudáveis que reunimos durante o desenvolvimento do projeto. Isso se enquadra em uma de nossas áreas de foco para esta pesquisa, que é o estímulo ao “poder comunicativo” - definido por Fung e Cohen (2021) como a capacidade de ação conjunta (ou coletiva) contínua, para associar e explorar interesses e ideias com outras pessoas, com o objetivo de chegar a entendimentos comuns e promover preocupações comuns na esfera pública.<sup>07</sup>

Na **Parte 2**, compartilhamos algumas estratégias inspiradoras usadas pela sociedade civil para restaurar os ecossistemas de informação na região. Em vez de apresentar essas estratégias como “soluções definitivas”, o objetivo deste relatório é indicar uma variedade de possíveis caminhos para restaurar os ecossistemas de informação e incentivar financiadores, doadores e outros atores a apoiar o trabalho daqueles que estão se esforçando para materializar essa restauração. Além disso, essas estratégias

---

<sup>07</sup> Joshua Cohen and Archon Fung, “Democracy and the Digital Public Sphere,” in *Digital Technology and Democratic Theory* ed. Lucy Bernholz, Hélène Landemore, and Rob Reich (Chicago: University of Chicago Press, 2021), 23-61, <https://drive.google.com/file/d/14c-bUV20AUHzaovj8hBRcN9w7xJlZa2/view>

também podem ser uma fonte de inspiração para o trabalho que outros atores da sociedade civil, tecnólogos e defensores dos direitos digitais estão desenvolvendo.

Com isso em mente, a **Conclusão** resume algumas das principais áreas de apoio necessárias aos atores que trabalham para melhorar os ecossistemas de informações na América Latina e Caribe.

## Por que estamos usando o marco teórico de “ecossistemas de informação”

Neste relatório, o termo “ecossistemas de informação” refere-se a sistemas de criação, troca, fluxo e uso de informações. Ao adotar uma abordagem de ecossistema, esperamos transmitir as formas complexas pelas quais as informações são produzidas, compartilhadas e disseminadas, destacando a interconexão dos diferentes elementos e atores que coexistem nesse ecossistema e incentivando uma análise mais holística dos desafios que enfrentamos quando se trata de informações.

Inicialmente nossa pesquisa investigou questões relacionadas ao marco teórico da “desordem informacional”, que tanto destacava o estado poluído do nosso cenário de informações, quanto fornecia uma estrutura eficaz para falar sobre desafios relevantes que afetam os profissionais da sociedade civil em toda a América Latina, incluindo desigualdades no acesso à internet e à infraestrutura tecnológica, desinformação, assédio online, manipulação da mídia, plataformas digitais, vigilância cibernética e agentes nocivos, como trolls, bots e operações de influência. No entanto, ao nos envolvermos com as experiências de organizadores, ativistas, jornalistas e defensores dos direitos humanos, nossa perspectiva se expandiu.

Encontros com iniciativas comunitárias, como redes de estações de rádio locais na Amazônia, sessões de pintura coletiva de murais nos bairros da Cidade da Guatemala com populações maias, ou os serviços de informações comunitárias organizados pela Nois Radio durante os protestos na Colômbia em 2021, entre outros, demonstraram a necessidade de usar uma abordagem mais ampla.

O termo “ecossistema de informações” provou ser uma boa opção - entendido como uma rede interconectada sem fronteiras rígidas, em que vários atores da sociedade civil, do setor privado, do setor público, dos sistemas de mídia e das comunidades moldam e constroem o ecossistema simultaneamente. É também um ecossistema cada vez mais influenciado e moldado pelas tecnologias digitais.

Essa abordagem holística exige o reconhecimento da comunicação como uma prática cultural. Também exige a compreensão de que a informação serve a um propósito social, intrinsecamente ligada à maneira como as comunidades de cada território pensam e co-criam significados, e que também depende da infraestrutura, das histórias e das conexões presentes nessas áreas.<sup>08</sup> É importante ressaltar que essa também não é uma perspectiva nova para o contexto latino-americano: é algo que as organizações indígenas, afro-latinas e de mulheres em vários países da região já vêm praticando em seu trabalho.<sup>09</sup>

Como Claire Wardle, co-diretora do laboratório Information Futures Lab da Universidade de Brown, destaca em seu ensaio “Misunderstanding Disinformation”, uma perspectiva baseada em sistemas nos ajuda a ampliar nosso foco, indo para além da verificação de fatos de conteúdos problemáticos que trafegam pelo ecossistema<sup>10</sup>; a prioridade deve ser entender o contexto e as motivações que levam os indivíduos a criar, consumir e compartilhar determinados tipos de conteúdo, identificar quais informações as pessoas realmente precisam e analisar abordagens que possam ajudar a traduzir essas informações para que as comunidades possam ter uma vida segura e saudável, ter acesso total a oportunidades educacionais, de emprego e econômicas, e participar plenamente dos principais espaços cívicos.

“Apenas checagem de fatos não é suficiente para superarmos a polarização, a desconfiança e o ceticismo”, afirma Courtney C. Radsch, Ph.D., que desenvolveu uma estrutura de 10 componentes para ajudar a comunidade de doadores a visualizar como funciona um ecossistema de informações saudável, como evitar silos que impedem oportunidades de ação coletiva e como garantir que várias abordagens sejam incluídas e que os investimentos se fortaleçam mutuamente.<sup>11</sup>

**08** Inspirado por: Courtney C. Radsch, “From Our Fellows: Envisioning a Healthy Information Ecosystem,” Center for Democracy and Technology, 2 de junho, 2023, <https://cdt.org/insights/from-our-fellows-envisioning-a-healthy-information-ecosystem/>.

**09** Read more in: Paola Mosso Cárdenas, “Transformative Technological Ecosystems Inspired by ‘Buen Vivir,’” GenderIT, 22 de janeiro, 2024, <https://genderit.org/es/feminist-talk/3-ecosistemas-tecnologicos-transformadores-inspirados-en-el-buen-vivir>.

**10** Claire Wardle, “Misunderstanding Misinformation,” *Issues in Science and Technology* 39, no. 3, (Primavera 2023): 38-40, <https://doi.org/10.58875/ZAUD1691>

**11** Radsch, “From Our Fellows.”

Ela escreve sobre como uma abordagem de ecossistema permite que os atores promovam sistemas e normas para que as pessoas produzam e compartilhem informações de qualidade, ao mesmo tempo em que discute “a interação entre a infraestrutura tecnológica na qual os sistemas de informação e mídia estão inseridos”.<sup>12</sup>

A adoção de uma abordagem de ecossistema também pode ajudar numa maior conscientização por parte dos financiadores, permitindo uma melhor alocação de recursos e a identificação de lacunas, já que o foco está no ecossistema e não em um único parceiro ou comunidade.<sup>13</sup> De fato, os financiadores já estão começando a oferecer apoio contínuo para promover redes ou ecossistemas comunitários, financiando parcerias e trabalhos que atendam às necessidades identificadas pela comunidade.<sup>14</sup>

Os ecossistemas vão além das notícias, incluindo as informações de que as pessoas precisam para viver. Radsch acrescenta que, para pensar por uma lente de ecossistema, podemos começar não apenas a identificar o que está errado, mas também a criar ecossistemas de informação positivos.<sup>15</sup>

<sup>12</sup> Radsch, “From Our Fellows.”

<sup>13</sup> Radsch, “From Our Fellows.”

<sup>14</sup> Mandy Van Deven and Jody Myrum, “How to Fund Narrative Ecosystems,” Non-profit Quarterly, (fevereiro 2024), <https://nonprofitquarterly.org/how-to-fund-narrative-ecosystems/>.

<sup>15</sup> Radsch, “From Our Fellows.”

# Principais destaques desta pesquisa

## Os ecossistemas de informação estão desequilibrados há muito tempo

As tecnologias digitais têm um papel importante a desempenhar no estado atual dos ecossistemas de informação na América Latina e Caribe. Dito isso, ao longo desta pesquisa, tanto as pessoas entrevistadas quanto outras pessoas que participaram deste projeto destacaram como o estado desequilibrado desses ecossistemas também está relacionado a problemas sistêmicos mais amplos nos ecossistemas de informação da região, como a presença duradoura de machismo, misoginia, racismo, classismo e capacitismo, exacerbados por tendências autoritárias e pelo encolhimento dos espaços cívicos na região.

Nesse contexto, a desigualdade de informações continua a ser um grande problema, pois as necessidades básicas de informações das pessoas não estão sendo atendidas. Há também uma falta de infraestrutura para apoiar e incluir de forma significativa as comunidades que foram excluídas dos ecossistemas de informação no passado. Além disso, a crescente polarização política e a falta de espaços para conversas e intercâmbios saudáveis contribuem para a desmobilização das pessoas.

Exploramos isso mais detalhadamente na **Parte 1** do relatório.

## Já existem visões coletivas potentes para ecossistemas de informações mais saudáveis e robustos

A sociedade civil tem visões coletivas potentes sobre como poderiam ser os ecossistemas de informação que fortalecem a justiça social e a democracia.

Nesse cenário, as necessidades de informação das pessoas são priorizadas. As iniciativas locais de informação, lideradas pela comunidade, estão prosperando, as pessoas desfrutam de um senso de comunidade e há espaços para conversas significativas que fortalecem os processos democráticos. Há uma diversidade de atores coexistindo e colaborando para conservar a saúde dos ecossistemas de informação, e a infraestrutura tecnológica desses ecossistemas é construída de forma a colocar a justiça social e climática no centro. Jornalistas, ativistas e comunicadores populares estão seguros, e há financiamento abundante para apoiar os atores das comunidades que foram mais afetadas pelos desequilíbrios do ecossistema de informações.

Essas visões coletivas são exploradas no **Interlúdio**.

## Para restaurar os ecossistemas de informação, precisamos pensar em tecnologia, mas também ver além da tecnologia

Algumas das questões complexas que afetam a saúde dos ecossistemas de informação na América Latina e no Caribe (como a desordem informacional, incluindo a desinformação e a informação falsa, os possíveis danos causados por Inteligências Artificiais [IA] generativas e a crescente polarização) estão intrinsecamente relacionadas às tecnologias digitais, e há muitas suposições de que os ecossistemas de informação poderiam ser perfeitamente ajustados se as estruturas tecno-legais pudessem ser corrigidas. No entanto, embora as tecnologias digitais tenham um papel importante nos ecossistemas de informação, há muitas outras forças sociais que os moldam, o que exige intervenções mais holísticas e estratégicas. O trabalho de criar ecossistemas de informação mais fortes e saudáveis precisa abordar questões relacionadas à tecnologia, mas esse não pode ser o único foco.

Durante o curso dessa pesquisa, encontramos várias iniciativas inspiradoras que, em sua maioria, estão usando a tecnologia para ajudar a lidar com a desigualdade de informações, responder às prioridades das pessoas, cultivar o senso de comunidade das pessoas, criar conversas significativas, projetar infraestruturas que apoiem a justiça social e proteger aqueles que são prejudicados pelo encolhimento dos espaços cívicos.

Na **Parte 2**, compartilhamos os aprendizados de algumas dessas iniciativas.

## É necessário um financiamento contínuo de longo prazo para fomentar o setor

Para alcançar ecossistemas de informação mais saudáveis e robustos, é preciso um apoio contínuo para fortalecer o jornalismo local, as organizações da sociedade civil, comunicadores populares, ativistas e outros atores da justiça social, além de tecnologistas que colaboram com essas iniciativas de forma crítica na região. Isso inclui atender às necessidades de dados e tecnológicas das pessoas, desenvolver resiliência digital, garantir uma conexão plena por meio de uma infraestrutura equitativa e que respeite o meio ambiente, promover a colaboração e financiar visões coletivas de ecossistemas de informação mais saudáveis.

As pessoas entrevistadas pediram tipos específicos de apoio e recursos para enfrentar os desafios e as complexidades dos ecossistemas de informações com mais eficiência, como ferramentas para combater a desordem informacional, recursos para proteção contra ameaças digitais, além de tecnologia que respeite o meio ambiente e a privacidade, entre outras necessidades.

O financiamento de longo prazo é especialmente importante – principalmente aquele que permita a capacidade do sistema, proporcione o tempo e espaço para sonhar e fazer visões acontecerem, que invista nas necessidades do público, estimule organizações menores e de base, e promova a diversidade de atores.

Na **Conclusão**, trazemos recomendações para financiadores e doadores sobre como eles podem apoiar esses atores.

# Metodologia

Este relatório baseia-se em uma pesquisa conduzida pela The Engine Room entre setembro de 2023 e março de 2024, que incluiu uma combinação de pesquisa documental, chamadas comunitárias e entrevistas.

Como parte de nossos esforços para garantir que esta pesquisa fosse o mais útil possível para aqueles que se envolveram com o projeto, durante o curso da pesquisa, The Engine Room compartilhou os resultados preliminares das chamadas comunitárias e entrevistas publicamente em nosso site e por email com aqueles que participaram da pesquisa.<sup>16</sup>

## Chamadas Comunitárias

The Engine Room realizou três chamadas comunitárias entre outubro de 2023 e fevereiro de 2024. Essas reuniões virtuais foram facilitadas pelos pesquisadores que trabalham neste projeto e contaram com a participação de mais de 60 pessoas de mais de 12 países da América Latina e do Caribe.<sup>17</sup> O grupo de pessoas que participou das chamadas da comunidade incluiu representantes de organizações da sociedade civil, representantes de movimentos de justiça social, ativistas de direitos digitais, jornalistas, acadêmicos e membros de instituições filantrópicas.

Em cada uma das chamadas, The Engine Room propôs um tema para fundamentar uma conversa semiestruturada, com o objetivo de aprofundar nossa compreensão de como os diferentes atores que trabalham nos ecossistemas de informação da América Latina e Caribe entendiam algumas das questões abordadas nesta pesquisa.

---

<sup>16</sup> Essas descobertas preliminares podem ser encontradas nos seguintes blogs: Bárbara Paes, “To improve the information ecosystem we need to rebuild trust and focus on local, community-driven initiatives,” The Engine Room (blog), 2 de novembro de 2023, <https://www.theengineerroom.org/library/a-slow-burning-process-to-improve-the-information-ecosystem-we-need-to-rebuild-trust-and-focus-on-local-community-driven-initiatives/>; Bárbara Paes, “Community diagnosis: Protecting the health of the Latin American Information Ecosystem,” The Engine Room (blog), 11 de dezembro de 2023, <https://www.theengineerroom.org/library/community-diagnosis-protecting-the-health-of-the-latin-american-information-ecosystems/>; Cristina Vélez Vieira, “Roots and Infrastructure: two key ingredients,” The Engine Room (blog), 14 de fevereiro de 2024, <https://www.theengineerroom.org/library/roots-and-infrastructure-two-key-ingredients/>; Bárbara Paes, “For some in Latin America, the info ecosystem has always been hostile,” The Engine Room (blog), 12 de março de 2024, <https://www.theengineerroom.org/library/latam-communities-eco-ecosystem-4/>; Olivia Johnson, “The hill is no longer called by its own name, but is ‘The Hill of the Antennas,’” The Engine Room (blog), 11 de abril de 2024, <https://www.theengineerroom.org/library/the-hill-is-no-longer-called-by-its-own-name-but-is-called-the-hill-of-the-antennas/>.

<sup>17</sup> Os participantes da chamada comunitária que indicaram os países onde estavam localizados eram de: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Honduras, Guatemala, México, Peru, Uruguai e Venezuela. Além disso, é importante observar que também havia participantes de países como Estados Unidos, Holanda, Finlândia, França e Dinamarca, cujo trabalho era focado na ALC.

- \* A primeira chamada comunitária incluiu comentários iniciais de três palestrantes, seguidos de uma discussão geral sobre os desafios que a sociedade civil está enfrentando nos ecossistemas de informação na América Latina e as oportunidades de ação enxergadas pelo grupo. O grupo de palestrantes incluiu Nathaly Espitia e Maria Juliana (Universidad Icesi, Cali, Colômbia), representando o Colectivo Noís Radio, Júlia Rocha, representando a Artigo 19, e Ramiro Alvarez Ugarte, representando o CELE. No total, essa chamada incluiu entre 23 e 25 participantes de 9 países da América Latina e do Caribe.
- \* A segunda chamada comunitária incluiu 20 participantes de 10 países e foi estruturada como uma discussão aberta sobre as diferentes maneiras pelas quais cada participante e suas organizações estavam trabalhando para fortalecer esse ecossistema e os desafios que enfrentavam.
- \* A terceira chamada comunitária teve como foco uma discussão sobre os tipos de infraestruturas necessárias para criar coletivamente um fluxo melhor de criação, distribuição e recepção de informações na América Latina e no Caribe. Ela incluiu um painel de discussão com cinco palestrantes (Isapi Rúa, da Red Chaco, da Bolívia; Melquiades (Kiado) Cruz, da Iniciativa INDIGITAL, do México; Amarilys Llanos, do Movimiento César sin Fracking y Sin Gas, da Colômbia; Oscar Parra, da Rutas del Conflicto, da Colômbia; Nina Vieira, curadora da Juízas Negras Para Ontem, no Brasil), bem como a participação de outros 23 a 25 participantes de 9 países da região.

Para tentar garantir que a nossa pesquisa seja útil para aqueles que se envolveram com este projeto, as chamadas comunitárias também foram pensadas como espaços onde The Engine Room pudesse facilitar conexões entre pessoas e organizações, assim como disponibilizar as nossas ferramentas de apoio de dados e tecnologia para aqueles que participaram e suas redes.

## Entrevistas

De novembro de 2023 a fevereiro de 2024, The Engine Room realizou 21 entrevistas com um total de 28 pessoas de 13 países.<sup>18</sup> O grupo incluiu representantes da sociedade civil, incluindo articuladores e ativistas que trabalham de várias maneiras para melhorar a saúde dos ecossistemas de informação; acadêmicos e outros pesquisadores cujo foco são os ecossistemas de informação; jornalistas e representantes de portais de mídia on-line independentes; especialistas técnicos e tecnologistas com foco em ecossistemas de informação; e instituições filantrópicas que investem em ecossistemas de informação. As pessoas entrevistadas foram selecionadas com base no tipo de trabalho e/ou intervenção em que estavam envolvidas. Algumas das pessoas entrevistadas também participaram das chamadas comunitárias descritas acima, de acordo com suas disponibilidades.

---

<sup>18</sup> Veja a lista completa de pessoas entrevistadas no Apêndice 1.

Cada uma das entrevistas aprofundadas e semiestruturadas durou aproximadamente uma hora e se concentrou em tópicos relacionados a aprendizados e percepções do trabalho e das experiências das pessoas entrevistadas, desafios envolvidos na realização desse trabalho e possíveis oportunidades de ampliar o impacto daqueles que trabalham para melhorar os ecossistemas de informações. As entrevistas foram transcritas, codificadas e analisadas tematicamente, o que resultou na articulação dos principais temas explorados no relatório. Os trechos das entrevistas presentes neste relatório foram editados para fins de brevidade e clareza, e para evitar aumentar quaisquer riscos potenciais que as pessoas entrevistadas possam enfrentar.

Para garantir que reconhecemos adequadamente o valor do tempo e do conhecimento das pessoas entrevistadas, oferecemos a cada uma delas uma remuneração em agradecimento por sua contribuição.

## Limitações da pesquisa

Esta pesquisa possui diversas limitações. Uma das principais é o fato de que ecossistemas de informação, especialmente no contexto de maior plataformação, estão em constante mudança e evolução, com novos desafios que continuam a surgir. Outra limitação é que esta pesquisa não conseguiu abranger todos os 33 países da América Latina e do Caribe, o que resultou em uma representação restrita de algumas áreas, incluindo países do Caribe, bem como um foco maior em exemplos de países como Argentina, Brasil, Colômbia e Chile. As entrevistas foram realizadas on-line em espanhol e português. As chamadas comunitárias também foram feitas virtualmente em espanhol e português, e a pesquisa documental foi realizada em inglês, espanhol e português.

Portanto, as conclusões desta pesquisa não devem ser entendidas como totalmente representativas de todos os desafios e oportunidades relacionados ao ecossistema de informação que os atores da sociedade civil (incluindo jornalistas, pesquisadores e organizações de justiça social) enfrentam na região.

# Definições

## **7 Desordem informacional, incluindo desinformação:**

Todos estes termos estão relacionados à disseminação de informações falsas e/ou enganosas, tanto a disseminação intencional de informações falsas para infligir danos, quanto a disseminação não intencional de informações falsas.<sup>19</sup> O conceito de desordem informacional também inclui informações que não são necessariamente falsas, mas carecem de contexto e são usadas para enganar as pessoas: embora “essas informações possam ser baseadas na realidade... elas são usadas para causar danos a uma pessoa, organização ou país (por exemplo, vazamentos de e-mail, assédio on-line e discurso de ódio)”.<sup>20</sup> De acordo com o trabalho de Wardle (2023) sobre como a informação falsa é mal interpretada, estamos usando o termo abrangente “desordem informacional” para categorizar questões relacionadas à fake news e desinformação.<sup>21</sup>

## **7 Desigualdade Informacional:**

O termo “desigualdade informacional” é usado neste relatório para se referir à desigualdade no acesso à informação, que pode ter um efeito desproporcional em determinados grupos de pessoas. Nesse sentido, a desigualdade de informação é um fenômeno que, entre outras coisas, dificulta a participação pública e o engajamento cívico, além de agir como um obstáculo à capacidade

das pessoas de acessar as informações necessárias para apoiar suas tomadas de decisão individuais e coletivas.

## **7 Ecossistemas de Informação:**

Estamos usando o termo “ecossistemas de informação” para nos referirmos aos sistemas de criação, troca, fluxo e uso de informações. Conforme mencionado na introdução, uma abordagem de ecossistema é usada para transmitir as formas complexas pelas quais as informações são produzidas, compartilhadas e disseminadas, destacando a interconexão dos diferentes elementos e atores que coexistem nesse ecossistema e incentivando uma análise mais holística dos desafios que estamos enfrentando quando se trata de informações. Para quem se interessar em ler mais, recomendamos o trabalho de Courtney C. Radsch<sup>22</sup> sobre ecossistemas de informação saudáveis como um bom ponto de partida.

## **7 Deserto de notícias/informações:**

Um deserto de notícias ou informações é uma comunidade com acesso limitado a fontes de notícias locais e confiáveis. O UNC Center for Innovation and Sustainability in Local Media chama os desertos de notícias de “uma comunidade, rural ou urbana, com acesso limitado ao tipo de

<sup>19</sup> A versão original em inglês deste relatório diferencia entre desinformação e informação errônea (misinformation). Nesta tradução em português, esses dois conceitos são abrangidos pelo termo “desinformação”.

<sup>20</sup> Claire Wardle and H. Hossein Derakshan, “Information Disorder: Toward an Interdisciplinary Framework for Research and Policy Making,” Council of Europe Report DGI(2017)09, (Setembro de 2017), <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>.

<sup>21</sup> Wardle, “Misunderstanding Misinformation.”

<sup>22</sup> Radsch, “From Our Fellows.”

notícias e informações confiáveis e abrangentes que alimentam a base da democracia”.<sup>23</sup> Além de pensar sobre a dificuldade de encontrar notícias de qualidade, gostamos do trabalho de Jessica Botelho ao pensar nos desertos de notícias como biomas, onde ainda há vida e sementes para regar. Em particular, ela observa como, mesmo em áreas onde há escassez de notícias, as pessoas ainda estão conectadas a ecossistemas de informações maiores, por meio das redes sociais e de outras formas de comunicação.<sup>24</sup> Semelhante a um deserto de notícias, um deserto de informações refere-se a uma comunidade com acesso limitado a recursos de informações úteis em uma escala mais ampla (por exemplo, de agências governamentais ou outras instituições). Usamos esse termo para descrever a falta de acesso a informações de qualidade de diversas fontes e a falta geral de infraestrutura de informações em determinadas comunidades.

### ➤ Brecha digital:

As brechas digitais são as disparidade no acesso à tecnologia digital (que pode incluir dispositivos como laptops, desktops, smartphones, tablets), bem como à internet. As brechas digitais abrangem disparidades na disponibilidade de tecnologia ou acesso à internet, fatores de custo, qualidade do serviço e lacunas de conhecimento (por exemplo, alfabetização digital e segurança digital).<sup>25</sup>

### ➤ Alfabetização midiática:

A alfabetização midiática é a capacidade de encontrar, compreender, analisar e usar mídias de notícias. Com o aumento das tecnologias emergentes, como a IA, e a desordem informacional, a alfabetização midiática é uma ferramenta importante para reconhecer fontes legítimas de informação, dissecar preconceitos, buscar segundas opiniões e entender argumentos. O Carnegie Endowment for International Peace revelou que há evidências significativas que mostram que a capacitação em alfabetização midiática pode ser fundamental para que as pessoas identifiquem histórias e notícias falsas na mídia. No entanto, eles alertam que as diferenças na pedagogia e no treinamento (além das barreiras de escala e custo) significam que a alfabetização midiática não é garantidamente uma estratégia eficaz no combate à desordem informacional. Eles constataram que “as variantes mais bem-sucedidas capacitam indivíduos motivados a assumir o controle de seu consumo de mídia e a buscar informações de alta qualidade, instilando confiança e um senso de responsabilidade juntamente com o desenvolvimento de habilidades”.<sup>26</sup> Embora a alfabetização midiática tenha sido mencionada em nossa pesquisa documental, ela não foi amplamente discutida em nossas entrevistas e é um tópico que este relatório aborda apenas de forma superficial. No entanto, há certamente uma necessidade de maior investigação sobre casos de uso e

<sup>23</sup> “What Exactly is a ‘News Desert’?”, UNC Center for Innovation and Sustainability in Local Media, acessado em 24 de junho de 2024, <https://www.cislm.org/what-exactly-is-a-news-desert/>.

<sup>24</sup> Jéssica Botelho, “Por uma política de reflorestamento dos desertos de notícias,” CartaCapital (blogs), 11 de março de 2024, <https://www.cartacapital.com.br/blogs/br-cidades/por-uma-politica-de-reflorestamento-dos-desertos-de-noticias/>.

<sup>25</sup> Charlie Muller and João Paulo de Vasconcelos Aguiar, “What is the Digital Divide?,” *Internet Society (blog)*, 3 de março de 2022, <https://www.internetsociety.org/blog/2022/03/what-is-the-digital-divide/>.

<sup>26</sup> Jon Bateman and Dean Jackson, “Countering Disinformation Effectively: an Evidence Based Policy Guide,” Carnegie Endowment for International Peace, (Janeiro de 2024): 6, <https://carnegieendowment.org/research/2024/01/countering-disinformation-effectively-an-evidence-based-policy-guide?lang=en>.

eficácia, além do interesse da comunidade em implementar estratégias de educação sobre alfabetização midiática.

### ➤ **Machismo:**

O machismo pode ser definido como um forte senso de orgulho masculino.<sup>27</sup> De forma semelhante ao termo “masculinidade tóxica”, o machismo pode ser exibido por meio de agressividade, possessividade, demonstrações exageradas de masculinidade e comportamento humilhante em relação a outros gêneros.<sup>28</sup> As feministas latino-americanas, a partir das décadas de 70 e 80, usaram o termo para descrever a agressão e a violência masculina. Desde então, o termo tem sido usado por feministas e acadêmicos latino-americanos para criticar a estrutura patriarcal das relações de gênero nas comunidades latino-americanas.<sup>29</sup>

### ➤ **Comunicação popular e comunicadores populares:**

Com origens nos movimentos sociais latino-americanos das décadas de 1970 e 1980, o termo “comunicação popular” refere-se a iniciativas de comunicação que emergem da ação de movimentos sociais ligados principalmente aos setores da população que se organizam com os objetivos de sobrevivência, participação política e justiça social. Ao longo deste relatório, o termo “comunicadores populares” é usado para se referir a pessoas e organiza-

ções envolvidas com iniciativas de comunicação popular. Termos como “comunicação alternativa” ou “comunicação comunitária” também são usados. Os princípios pedagógicos do conceito de educação libertadora de Paulo Freire também orientam a comunicação popular.<sup>30</sup>

### ➤ **Plataformização:**

A plataformização pode ser entendida como a crescente importância econômica e de infraestrutura das plataformas (de redes sociais); o termo descreve a crescente relevância das redes sociais (por exemplo, Facebook, WhatsApp, Telegram, X, Instagram, TikTok) na forma como as pessoas acessam informações e se comunicam umas com as outras.<sup>31</sup>

---

<sup>27</sup> “Machismo”, Real Academia Española, acessado em 24 de junho de 2024, <https://dle.rae.es/machismo>.

<sup>28</sup> Leia mais sobre machismo: “Machismo,” Glosario para la Igualdad by Instituto Nacional de las Mujeres, accessed 24 de junho de 2024, <https://campusgenero.inmujeres.gob.mx/glosario/terminos/machismo>.

<sup>29</sup> Ramon Meza Opazo, “Latino Youth and Machismo: Working Towards a More Complex Understanding of Marginalized Masculinities,” *Ryerson University Digital Commons Thesis Dissertation Paper 108*, (Maio de 2023), <https://doi.org/10.32920/ryerson.14657271.v1>.

<sup>30</sup> Cicilia Maria Krohling Peruzzo, “Ideias de Paulo Freire aplicadas à Comunicação popular e comunitária,” *Revista FAMECOS 24*, no. 1, (2017), <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2017.1.24207>.

<sup>31</sup> Rasmus Kleis Nielsen and Richard Fletcher, “Comparing the platformization of news media systems: A cross-country analysis,” *European Journal of Communication 38*(5), (Julho 2023): 484-499, <https://doi.org/10.1177/02673231231189043>.



# Parte 1

## Um ecossistema em desequilíbrio

Desde o início desta pesquisa, algo que foi repetidamente elucidado pelas organizações e pessoas com quem interagimos é que os ecossistemas de informação na América Latina e no Caribe estão desequilibrados.

Na última década, a The Engine Room tem testemunhado tendências preocupantes em relação ao papel das tecnologias digitais na formação de ecossistemas de informação na região: As desigualdades no acesso à internet e às tecnologias digitais continuam afetando a capacidade das pessoas de acessar informações de forma significativa, especialmente aquelas em áreas rurais e florestas. Cada vez mais atores estatais, partes interessadas corporativas e grupos extremistas da região têm usado a tecnologia para vigiar e prejudicar o trabalho de ativistas.<sup>32</sup> A desinformação têm sido usadas para instigar o discurso de ódio contra grupos vulneráveis,<sup>33</sup> e ataques digitais contra ativistas e jornalistas<sup>34</sup> são frequentes<sup>35</sup> e estão se tornando mais sofisticados e generalizados.<sup>36</sup>

Ao considerar esses (e outros) desafios envolvendo tecnologias digitais e ecossistemas de informação, é comum ver um foco exagerado em suposições de que a estrutura tecno-legal “correta” é tudo o que é necessário para “calibrar perfeitamente” as coisas.<sup>37</sup>

Porém, as conversas com as pessoas que participaram desta pesquisa confirmaram de forma consistente que a natureza desequilibrada dos ecossistemas de informação na América Latina e no Caribe não é novidade, nem é resultado exclusivo de usos prejudiciais das tecnologias digitais (embora possa ser exacerbado por isso). Há muitas outras forças sociais que moldam os ecossistemas de informação, o que exige uma consideração cuidadosa de intervenções mais holísticas e estratégicas.<sup>38</sup> Para realmente entender o que é necessário para que os ecossistemas de informação sejam mais fortes e saudáveis, não podemos tomar a tecnologia como o único foco.<sup>39</sup>

Nesta seção compartilhamos algumas das características que definem o desequilíbrio dos ecossistemas de informação na região, a partir de nossas entrevistas, chamadas comunitárias e pesquisa documental. Em vez de fornecer uma descrição detalhada de todos os elementos que contribuíram para esse desequilíbrio, oferecemos uma visão geral dos elementos que mais afetam aqueles que trabalham para criar ecossistemas de informação saudáveis.

---

<sup>32</sup> Southwick, “Surveillance Technology Is on the Rise in Latin America.”

<sup>33</sup> Pirková, “Fighting misinformation and defending free expression,” 3.

<sup>34</sup> “Press under attack – digital strategies to intimidate journalists in Latin America.”

<sup>35</sup> de Assis, “Study shows 83 percent of gender editors in Argentina targeted by online violence,”

<sup>36</sup> Lamensch, “For Rights Defenders, Cyber Is the New Battleground.”

<sup>37</sup> Justin Hendrix and Dean Jackson, “How to Counter Disinformation Based on Science,” Tech Policy Press, (Fevereiro de 2024), <https://www.techpolicy.press/how-to-counter-disinformation-based-on-science/>.

<sup>38</sup> Radsch, “From Our Fellows.”

<sup>39</sup> Bateman and Jackson, “Countering Disinformation Effectively,” 3.

# Os ecossistemas de informação têm sido hostis há muito tempo



Ao longo desta pesquisa, as pessoas entrevistadas e as que participaram das chamadas comunitárias falaram sobre como os ecossistemas de informação na América Latina e no Caribe foram historicamente afetados pelo machismo, misoginia, racismo, classismo e capacitismo. Como consequência, alguns setores da população tiveram suas histórias apagadas, percepções racistas sobre eles e seus povos foram perpetuadas, o acesso à informação foi negado e suas vozes silenciadas. Essa é uma realidade que deve ser levada em consideração ao se examinar o estado atual dos ecossistemas de informação na região.

Por exemplo, ao falar sobre desinformação no Brasil, a pesquisadora e comunicadora Catarina de Angola explica que, em sua opinião, a desinformação não é um fenômeno novo, mas sim “a história oficial [do país]”,<sup>40</sup> descrevendo como a mídia e a academia sempre construíram e disseminaram histórias que “desumanizam as existências não-brancas e transgêneros”.

Em muitos países da região, as comunidades indígenas e negras têm lutado para preservar suas memórias e combater o estigma e a exclusão, que são alimentados por estereótipos e narrativas racistas perpetuados em todo o ecossistema de informações.<sup>41</sup> Uma análise de artigos jornalísticos na Argentina mostra que a cobertura da mídia no país contribuiu para o reforço de estereótipos e preconceitos

<sup>40</sup> Pedro Ribeiro Nogueira, “A história oficial do Brasil é desinformação” — indo além do trauma bolsonarista para pensar sua superação,” Escola de Ativismo, September 23, 2023, <https://escoladeativismo.org.br/a-historia-oficial-do-brasil-e-desinformacao-indo-alem-do-trauma-bolsonarista-para-pensar-sua-superacao/>.

<sup>41</sup> Em grande parte da América Latina, os movimentos sociais há muito tempo defendem a preservação da memória como uma ferramenta essencial para a luta pela justiça social. Em países que sofreram ditaduras, como Argentina, Brasil e Chile (para citar alguns), o “direito à memória” tem sido um elemento central na organização de movimentos pró-democracia, em sua busca por reparação por crimes cometidos durante as ditaduras e no processo de reconstrução das democracias na região. Ao mesmo tempo, em contextos afetados por legados coloniais de racismo, a preservação da memória também é fundamental para grupos indígenas, afrolatinos e outros grupos. Por exemplo, no Brasil, a preservação da memória da história negra no país é fundamental para a organização liderada pelos movimentos de justiça racial. Como visto a seguir: Beatriz de Oliveira, “A memória é um importante instrumento de combate ao racismo,” Nós, (Março 2023), <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/a-memoria-e-um-importante-instrumento-de-combate-ao-racismo/>; Dalila Varela Singulane, “O impacto do racismo na preservação da memória,” NEXO Jornal, (Setembro 2023), <https://www.nexojornal.com.br/o-impacto-do-racismo-na-preservacao-da-memoria/>; Mafuane Oliveira, “Preservar a memória negra é um ato político,” Fundação Rosa Luxemburgo, 5 de julho 2023, <https://rosalux.org.br/preservar-a-memoria-negra-e-um-ato-politico/>.

sobre os povos indígenas.<sup>42</sup> No Brasil, os pesquisadores descreveram como as pessoas negras ainda são sub-representadas na grande mídia e que isso continua reforçando os estereótipos raciais.<sup>43</sup> Na Colômbia, especialistas apontam que o racismo persiste na cobertura midiática.<sup>44</sup>

Isso também significa que, em grande parte da ALC, as pessoas marginalizadas têm enfrentado criminalização e censura, além de terem oportunidades limitadas para produzir informações de grande alcance. No Brasil, onde 54% da população se identifica como afro-brasileira, em 2015 apenas 22% dos jornalistas eram afrodescendentes.<sup>45</sup> No México, uma pesquisa com jornalistas do país mostrou que apenas 3% dos participantes se identificaram como indígenas, embora um pouco mais de 19% da população do país seja indígena.<sup>46</sup> Na Colômbia, as organizações da sociedade civil pediram mais participação dos afro-colombianos na mídia.<sup>47</sup> Ao mesmo tempo, jornalistas, comunicadores e figuras públicas enfrentam violência e ameaças frequentes, sendo ainda mais grave para certos grupos, como mulheres jornalistas,<sup>48</sup> comunicadores LGBTQI+ e ativistas,<sup>49</sup> mulheres indígenas jornalistas,<sup>50</sup> e mulheres negras jornalistas,<sup>51</sup> entre outras.

Em nossas conversas, muitas pessoas apontaram que, para ter sucesso na construção de ecossistemas de informação mais saudáveis e robustos, essas questões estruturais subjacentes devem ser levadas em conta.

---

<sup>42</sup> Rocío Pereyra, Exequiel Alonso, and Rocío Lencina, “La construcción noticiosa de los pueblos indígenas en los principales diarios online de Argentina,” *Revista de Comunicación* 20, n.1 (2021): 217-238, <http://dx.doi.org/10.26441/rc20.1-2021-a12>.

<sup>43</sup> Bruna da Paixão Santana, Everton Melo da Silva, and Yanne Angelim, “Negro(a)s na mídia brasileira: este-reótipos e discriminação ao longo da formação social brasileira,” *Lutas Sociais* 22, no. 40 (2018): 52-66, <https://doi.org/10.23925/ls.v22i40.46651>.

<sup>44</sup> Florencia Pagola, “Racism persists in Colombian media, even with an Afro-Colombian woman as vice-president, say experts,” *LatAm Journalism Review*, (Agosto de 2023), <https://latamjournalismreview.org/articles/colombia-racism-in-the-media-and-an-afro-colombian-woman-in-the-vice-presidency/>.

<sup>45</sup> Guilherme Soares Dias, “Imprensa tem dificuldade de reconhecer seu racismo”, *UOL ECOA*, 18 de agosto de 2020, <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/18/imprensa-tem-dificuldade-de-reconhecer-seu-racismo-diz-professor-da-usp.htm?cmpid=copiaecola>.

<sup>46</sup> Blanca Juárez, “El periodismo en México se escribe entre violencia y precariedad laboral,” *El Economista*, (Julho de 2023), <https://www.economista.com.mx/capitalhumano/El-periodismo-en-Mexico-se-escribe-entre-violencia-y-precariedad-laboral-20230726-0064.html>.

<sup>47</sup> Sandra Valoyes Villa, “Mujeres afro en los medios: resistiendo a los estereotipos,” *Red Colombiana de Periodistas con Visión de Género*, acessado 24 de junho de 2024, <https://www.redperiodistasgenero.org/mujeres-afro-en-los-medios-resistiendo-a-los-estereotipos/>.

<sup>48</sup> “Periodistas argentinas denuncian la violencia de género digital,” *UNFPA*, 19 de julho 2023, <https://www.unfpa.org/es/news/periodistas-argentinas-denuncian-la-violencia-de-g%C3%A9nero-digital>.

<sup>49</sup> Agência Mural, “Brasil: Comunicadores e ativistas periféricos relatam ataques virtuais e como tentam se proteger,” *Global Voices*, 13 de outubro de 2023, <https://pt.globalvoices.org/2023/10/13/brasil-comunicadores-e-ativistas-perifericos-relatam-ataques-virtuais-e-como-tentam-se-proteger/>.

<sup>50</sup> Luis Fernando Cantoral and Ruth Oblitas Quispe, “Mujeres, periodistas e indígenas: entre la invisibilidad, la violencia y la discriminación,” *Cuestione*, 28 de dezembro de 2023, <https://cuestione.com/especiales/mujeres-periodistas-indigenas-invisibilidad-violencia-discriminacion/>.

<sup>51</sup> Jamile Santana and Laís Martins, “Black and Indigenous journalists are attacked online when they take a stand against racism,” *LatAm Journalism Review*, (Março de 2022), <https://latamjournalismreview.org/articles/black-and-indigenous-journalists-are-attacked-online-when-they-take-a-stand-against-racism/>.



# Tendências autoritárias e encolhimento do espaço cívico

Os ecossistemas de informação na América Latina e Caribe se encontram atualmente dentro de um amplo contexto de encolhimento do espaço cívico e fortalecimento de diversas formas de autoritarismo.

O autoritarismo não é algo novo para a região: ele tem acompanhado a história da ALC e tem ressurgido nos últimos tempos<sup>52</sup> sob o que foi diagnosticado por organizações de direitos humanos como um alarmante retrocesso das liberdades fundamentais.<sup>53</sup> Os defensores de direitos humanos e as organizações da sociedade civil em prol da democracia enfrentam ambientes cada vez mais hostis,<sup>54</sup> incluindo a criminalização de seu trabalho, intimidação, assédio e ataques físicos.

Além dos ataques à sociedade civil independente e aos defensores de direitos humanos, a região também tem visto um número crescente de ataques à imprensa e a jornalistas,<sup>55</sup> e foi considerada a região mais letal para jornalistas em 2022.<sup>56</sup> Discurso hostil, invasão de residências e escritórios, detenções arbitrárias,<sup>57</sup> diversos tipos de ameaças, ataques on-line e violência extrema são bastante comuns para muitos jornalistas e comunicadores populares na ALC.

Em entrevistas e chamadas comunitárias com jornalistas e comunicadores da região, foi destacado que o uso de desinformação e propaganda associada à violência on-line contra jornalistas e a mídia é cada vez mais comum.<sup>58</sup> Uma jornalista descreve como os ataques à sua integridade física e digital se tornaram rotina:

---

**52** Diana Esther Guzmán Rodríguez and Christy Crouse, “Resisting authoritarian tendencies in Latin America,” *Dejusticia*, (Junho de 2022), <https://www.dejusticia.org/en/column/resisting-authoritarian-tendencies-in-latin-america/>.

**53** “Latin America: Alarming Reversal of Basic Freedoms,” HRW, 13 de janeiro 2022, <https://www.hrw.org/news/2022/01/13/latin-america-alarming-reversal-basic-freedoms>.

**54** “Defending Latin American Human Rights and Democracy Activists,” Freedom House, (Janeiro de 2022), [https://freedomhouse.org/sites/default/files/2022-01/Special\\_Report\\_LAC\\_HRDs\\_PDF\\_ENGLISH\\_Final\\_01262022.pdf](https://freedomhouse.org/sites/default/files/2022-01/Special_Report_LAC_HRDs_PDF_ENGLISH_Final_01262022.pdf).

**55** “Latin America: Alarming Reversal of Basic Freedoms.”

**56** “Latin America was the deadliest region for journalists in 2022,” CPJ, 24 de janeiro de 2023, <https://cpj.org/2023/01/latin-america-was-the-deadliest-region-for-journalists-in-2022/>.

**57** “Press Freedom Under Attack in Latin America,” Free Press Unlimited, acessado 24 de junho de 2024, <https://www.freepressunlimited.org/en/dossiers/press-freedom-under-attack-latin-america>.

**58** “Political pressure increasingly threatens journalistic independence and safety,” Reporters Without Borders, acessado em 24 de junho de 2024, <https://rsf.org/en/region/americas>.

[Grupos associados ao crime organizado] vieram para fora do meu [local de trabalho], a polícia veio para fora do [meu local de trabalho], prenderam [uma pessoa próxima à entrevistada], a última coisa que aconteceu foi que sofri ataques cibernéticos. Então, é assim que eles estão tentando tornar nosso trabalho insustentável, tentando nos sobrecarregar, nos sufocar.<sup>59</sup>

Uma das consequências disso é que muitos jornalistas estão se autocensurando e/ou alterando seu comportamento on-line para se protegerem de ataques<sup>60</sup> - o que pode ser ainda mais grave para jornalistas e comunicadores que são mulheres e LGBTQI+<sup>61</sup>. De acordo com uma pesquisa recente, 85% dos jornalistas mudaram seu comportamento on-line como forma de se proteger<sup>62</sup> e 83% das pessoas que são editoras de gênero na Argentina, muitos dos quais são mulheres, foram alvo de violência on-line.<sup>63</sup> Uma jornalista da América do Sul compartilhou sua experiência após sofrer uma série de ataques devido à sua atividade nas redes sociais:

No meu caso, assim como no caso de outras colegas, após ataques contínuos nas redes sociais, tive que encerrar minhas contas. Tive que excluir, por exemplo, minha conta do Twitter. [Antes, eu costumava compartilhar] notícias e publicá-las em meu perfil... Agora, há uma mudança [no meu comportamento] e ela é bastante perceptível: no meu Instagram não há muitas fotos, mas as fotos que compartilho são mais fotos de minhas viagens, são questões muito gerais, obviamente sem expor muito a família.<sup>64</sup>

Além da violência, muitos dos atores que trabalham por ecossistemas de informação mais fortes na região também têm enfrentado leis e processos que as organizações de monitoramento consideram repressivas. Em vários países, as restrições à sociedade civil foram ainda mais possibilitadas pelo uso indevido da legislação pelos governos para limitar o trabalho da sociedade civil<sup>65</sup> e de jornalistas.<sup>66</sup> Isso inclui a criminalização

---

<sup>59</sup> Entrevista com uma jornalista que optamos por não identificar neste caso, dado o contexto hostil em que ela trabalha.

<sup>60</sup> “Nuevo estudio revela que el sector de medios digitales independientes latinoamericanos está creciendo, pero sujeto a ataques,” Luminare, 20 de julho de 2017, <https://luminaregroup.com/posts/news/nuevo-estudio-revela-que-el-sector-de-medios-digitales-independientes-latinoamericanos-esta-creciendo-pero-sujeto-a-ataques-1/es>.

<sup>61</sup> Agência Mural, “Brasil: Comunicadores e ativistas periféricos relatam ataques virtuais.” <https://pt.global-voices.org/2023/10/13/brasil-comunicadores-e-ativistas-perifericos-relatam-ataques-virtuais-e-como-ten-tam-se-proteger/>

<sup>62</sup> Vitória Régia da Silva, “Desinformação e violência nas redes mudam comportamento de jornalistas, mostra pesquisa,” genero numero, (abril de 2022), <https://www.generonumero.media/reportagens/desinformacao-violencia-nas-redes-pesquisa/>

<sup>63</sup> Assis, Carolina de. ‘Study Shows 83 Percent of Gender Editors in Argentina Targeted by Online Violence.’ LatAm Journalism Review by the Knight Center, 29 August 2023. <https://latamjournalismreview.org/articles/study-shows-83-percent-of-gender-editors-in-argentina-targeted-by-online-violence/>.

<sup>64</sup> Entrevista com uma jornalista que optamos por não identificar neste caso, devido à sua recente experiência com TFGBV.

<sup>65</sup> “Global Analysis 2022,” Frontline Defenders, 26 outubro de 2022, [https://www.frontlinedefenders.org/sites/default/files/1535\\_fld\\_ga23\\_web.pdf](https://www.frontlinedefenders.org/sites/default/files/1535_fld_ga23_web.pdf).

<sup>66</sup> Adrian Shahbaz, “Crime and Punishment: The Twin Threats Faced by Journalists in Central America,” Freedom House, (Agosto de 2023), <https://freedomhouse.org/article/crime-and-punishment-twin-threats-faced-journalists-central-america>.

daqueles que denunciaram a corrupção,<sup>67</sup> detenções arbitrárias e a aprovação de “leis vagamente redigidas com o objetivo de caracterizar seus oponentes como criminosos comuns, agentes estrangeiros, terroristas ou simpatizantes de gangues.”<sup>68</sup>

Isso faz parte de uma tendência mais ampla na região, na qual os governos “codificam a repressão” por meio de uma legislação fraca e oferecem uma “fachada legal para justificar os ataques à sociedade civil.”<sup>69</sup> Uma jornalista descreveu como os obstáculos burocráticos impostos pelo governo nacional para estabelecer a “personalidade jurídica” de sua organização se tornaram obstáculos de fato à continuidade de seu trabalho:

Muitos de nós, neste momento, estamos lutando, digamos, em primeiro lugar, por nossa personalidade jurídica. Isso nos permitiria obter melhor sustentabilidade para nossos projetos de mídia... na verdade, era uma prioridade para este ano. Mas este ano houve muitas coisas aqui no [país] que não nos permitiram nos estabelecer legalmente. Não vamos fazer isso em [país], considerando o fechamento desses espaços cívicos que está acontecendo.<sup>70</sup>

O impacto de tudo isso é que muitos jornalistas, comunicadores e agentes da sociedade civil não conseguem realizar com segurança seu trabalho de produzir e compartilhar informações, exercer sua liberdade de expressão e investigar assuntos cruciais.



<sup>67</sup> “Global Analysis 2022,” 28.

<sup>68</sup> Shahbaz, “Crime and Punishment.”

<sup>69</sup> Katie Burns, “Throwing the Book at Civil Society: Antidemocratic Regimes in the Americas Are Using the Law to Narrow Civic Spaces,” Freedom House, (Dezembro de 2021), <https://freedomhouse.org/article/throwing-book-civil-society-antidemocratic-regimes-americas-are-using-law-narrow-civic>.

<sup>70</sup> Entrevista com uma jornalista que optamos por não identificar neste caso, dado o contexto hostil em que ela trabalha.

# Aumento da polarização e falta de espaços para cultivar um senso de comunidade e pertencimento



A polarização política tornou-se uma característica definidora dos ecossistemas de informação na ALC, que, de acordo com pesquisas recentes, registrou o maior aumento da polarização política no mundo nos últimos 20 anos.<sup>71</sup>

Nas últimas décadas, as tecnologias digitais e a plataformação também desempenharam um papel importante na mudança das formas como as pessoas consomem informações, se comunicam e se conectam umas com as outras. A maneira como as plataformas digitais (incluindo as principais plataformas das redes sociais) intermediam a forma como as pessoas acessam as notícias e as informações, e influenciam o tipo de informação que as pessoas podem ver ou ter acesso, já foi objeto de muitas pesquisas, algumas das quais concluíram que muitas vezes essas plataformas acabam contribuindo para promover “bolhas ideológicas que tendem a confirmar crenças políticas pré-concebidas.”<sup>72</sup> Conforme o aumento da polarização contribui para a crescente desordem informacional,<sup>73</sup> essas bolhas ideológicas também se tornam o local onde a desinformação é disseminada de forma a reforçar as crenças dos indivíduos e reafirmar as visões de mundo dos grupos com os quais eles se identificam.

Pesquisadores, jornalistas e atores da sociedade civil com quem conversamos descreveram como a polarização política contribuiu para um sentimento geral de rejeição às instituições democráticas e às eleições. No Brasil, por exemplo, a pesquisa mostrou como o medo de expressar opiniões políticas está aumentando.<sup>74</sup> Falando sobre seu trabalho bem-sucedido de incentivar a participação dos jovens nas eleições brasileiras, Maíra Berutti, diretora de inteligência da agência de comunicação de impacto social Quid, explica que muitos jovens preferem não se envolver em processos políticos para evitar conflitos:

---

<sup>71</sup> “With me, or against me.”

<sup>72</sup> “With me, or against me.”

<sup>73</sup> Pramukh Nanjundaswamy Vasist, Debashis Chatterjee, and Satish Krishnan, “The Polarizing Impact of Political Disinformation and Hate Speech: A Cross-country Configural Narrative,” *Inf Syst Front*, (Abril de 2023): 1-26, [10.1007/s10796-023-10390-w](https://doi.org/10.1007/s10796-023-10390-w).

<sup>74</sup> Ester Borges e Heloisa Massaro, “Em ambiente de receio, confiança individual no emissor e no retransmissor é central no consumo de informações políticas, aponta nova pesquisa,” *InternetLab* (blog), 31 de outubro 2023, <https://internetlab.org.br/pt/pesquisa/em-ambiente-de-receio-confianca-individual-no-emissor-e-no-retransmissor-e-central-no-consumo-de-informacoes-politicas-aponta-nova-pesquisa/>.

Entendemos que havia alguns jovens que queriam evitar esses ambientes de conflito. Assim, preferiam não se registrar para votar, para que na escola não tivessem que defender um lado ou outro, ou mesmo em casa com suas famílias.<sup>75</sup>

Em outras palavras, a polarização acaba reduzindo os níveis de engajamento cívico e afastando as pessoas dos processos democráticos, já que ela leva a uma diminuição das conversas políticas saudáveis e plurais:

Houve vários relatos de pessoas que disseram: “Ah, eu me lembro de quando era criança, eu costumava ir votar com meus pais e era um momento muito legal em família”. E é exatamente isso que sentimos que perdemos hoje por causa desse contexto de polarização, que também teve um impacto em ambientes conflituosos dentro de casa.<sup>76</sup>

Nesse ambiente altamente polarizado, o trabalho dos jornalistas e das organizações da sociedade civil torna-se ainda mais desafiador. O *Chequeado*, por exemplo, é uma organização argentina de checagem de fatos, não governamental, sem fins lucrativos e apartidária, cuja missão é “contribuir para melhorar a qualidade do debate público para fortalecer o sistema democrático”. Embora a transparência seja uma característica essencial de seu trabalho - eles compartilham abertamente suas metodologias, os projetos em que estão trabalhando e publicam as finanças da organização - eles descreveram em uma entrevista como pode ser difícil manter a legitimidade em um contexto de extrema polarização política:

Não somos partidários e demonstramos ativamente que não somos partidários [mostrando] que checamos todo mundo, que nem sempre colocamos o falso de um lado e o verdadeiro do outro, e todas as outras coisas que nós, verificadores, fazemos para deixar bem claro que não estamos brincando com ninguém... Mas fazer tudo isso não é suficiente para sermos vistos como imparciais... Se um grupo político ou até mesmo o governo decidir tomá-lo como inimigo e dizer que tudo o que você diz é falso, mesmo que não seja baseado em evidências, bem, isso prejudica sua legitimidade aos olhos dos seguidores de uma forma muito marcante.<sup>77</sup>

Jornalistas e ativistas entrevistados para esta pesquisa sentiram esse impacto em primeira mão, e muitos foram alvo de ameaças e ataques por causa de suas reportagens.

Restaurar os ecossistemas de informação e desfazer a extrema polarização na região é uma tarefa geracional que provavelmente exigirá décadas de pesquisa, além de conquistas significativas na superação dos principais desafios no cenário político-cultural da ALC.

---

<sup>75</sup> Entrevista com Maira Berutti

<sup>76</sup> Entrevista com Maira Berutti

<sup>77</sup> Entrevista com Olivia Sohr

Com isso em mente, nossa pesquisa não promete respostas definitivas para acabar com a polarização. Em vez disso, estamos compartilhando alguns dos principais temas relacionados à polarização que surgiram em nossas entrevistas e chamadas comunitárias. Um desses temas está relacionado a como os ecossistemas de informação na ALC carecem de espaços e infraestrutura que facilitem conversas significativas,<sup>78</sup> senso de comunidade e de pertencimento.

Em nossa pesquisa, participantes frequentemente se referiam a um senso geral de que ecossistemas de informações saudáveis são aqueles em que “as pessoas podem ouvir e conversar umas com as outras”.<sup>79</sup> Destacaram a importância de romper as “bolhas” de polarização para remodelar os ecossistemas de informação, mas também a dificuldade de realizar esse trabalho em um contexto tão fragmentado.<sup>80</sup> Nas redes sociais convencionais, por exemplo, não é incomum que a percepção de distância das pessoas em relação àquelas que não se identificam com suas próprias características, opiniões e perspectivas seja ampliada.<sup>81</sup>

Muitas coisas surgiram enquanto pesquisamos os elementos que ajudam a manter esse status quo. Uma delas foi que parece haver uma prevalência de iniciativas de informação que promovem “fluxos unidirecionais de fornecimento de informações” - uma abordagem que faz com que as pessoas sintam que não fazem parte de uma comunidade, pois não abre espaço para conversas. Mesmo quando as iniciativas estão fornecendo informações de alta qualidade, elas podem estar fazendo isso de uma forma que não abre espaço para o diálogo.

Uma de nossas entrevistadas, Mirte Postema, do Independent Journalism Fund da Seattle International Foundation, explica como “às vezes, sem querer, [o setor] acaba falando um pouco sobre ‘jornalismo para jornalistas’, com uma perspectiva da capital ou da classe média alta urbana”, o que não é algo que necessariamente repercute em muitos públicos:

Para mim, o que mais me preocupa é que pode haver muitas pessoas que não se sintam incluídas, ou [que sintam] que “esse meio não é para mim”, ou “essas mensagens não são para mim”, e podemos estar perdendo muitas oportunidades de disseminar informações.<sup>82</sup>

A exclusão de determinados grupos da produção de mídia também contribui para as percepções desses grupos sobre a falta de comunidade e de pertencimento.

Nas seções seguintes, compartilhamos mais sobre algumas das estratégias usadas pela sociedade civil para superar esses e outros desafios.

---

**78** A expressão “conversas significativas”, aqui, significa trocas de opiniões e posições políticas em que as pessoas podem ter perspectivas diferentes, mas ainda assim têm acesso a trocas saudáveis, acesso a informações de qualidade, em que pessoas de diferentes grupos constituintes podem se envolver em debates cívicos, diálogos e deliberações democráticas.

**79** Paes, “To improve the information ecosystem we need to rebuild trust.”

**80** “With me, or against me.”

**81** Joan Esteban and Debraj Ray, “On the Measurement of Polarization,” *Econometrica*, *Econometric Society* 62(4), (Julho de 1994): 819-851, <https://ideas.repec.org/a/ectm/emetrp/v62y1994i4p819-51.html>; Jesse McCrosky, “How Social Media May Redistribute Trust Away From Institutions,” *Data Ethics*, 16 de dezembro de 2020, <https://dataethics.eu/how-social-media-may-redistribute-trust-away-from-institutions/>.

**82** Entrevista com Mirte Postema

# Acesso significativo à informação



A informação é uma ferramenta que as pessoas podem usar para participar da democracia, aprender sobre questões que afetam suas vidas e contribuir para um espaço cívico mais robusto. Como afirmam Izabela Moi e Nina Weingrill: “A informação é fundamental. Por si só, ela não resolverá o problema, mas é fundamental para o processo de engajamento cívico.”<sup>83</sup>

Em nossa pesquisa, algo que logo ficou muito claro é que há uma percepção geral entre as pessoas que entrevistamos de que as necessidades básicas de informação das pessoas não estão sendo atendidas. Isso foi atribuído a uma série de causas, incluindo a falta de organizações de notícias locais, a escassez de cobertura jornalística para questões específicas, o financiamento limitado para o jornalismo, e o recrutamento e treinamento insuficientes das equipes de notícias, além de falhas do governo em garantir os direitos das pessoas à informação.

Isso é agravado pela falta de financiamento para infraestrutura, pelas disparidades no acesso à internet,<sup>84</sup> por políticas de exclusão econômica e marginalização, que afetam especialmente as áreas mais pobres e rurais, e por outras decisões de políticas públicas que afetam a produção e a disseminação de informações. As jornalistas Izabela Moi e Nina Weingrill escrevem:

O que seria, afinal, um ecossistema saudável de informação, suportado por políticas públicas, que torna as cidadãs e os cidadãos suficientemente equipados para participar do processo democrático? Para responder a essa pergunta, nós acreditamos ser preciso colocar uma nova lente sobre o que consideramos jornalismo. Resolver o problema de desinformação passa, portanto, por ampliar o conceito do que entendemos por produção e consumo de informação – em especial em nível local.<sup>85</sup>

---

<sup>83</sup> Entrevista com Izabela Moi e Nina Weingrill

<sup>84</sup> “Digital Inequality and Low-Income Households,” HUD Office of Policy Development and Research, Última atualização em outono de 2016, <https://www.huduser.gov/portal/periodicals/em/fall16/highlight2.html>.

<sup>85</sup> Izabela Moi and Nina Weingrill, “A gente quer salvar a indústria ou garantir o direito à informação?,” NEXO Jornal, (Abril 2023), <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2023/04/29/a-gente-quer-salvar-a-industria-ou-garantir-o-direito-a-informacao>.

Elas levantam a ideia de “mídia cívica”, uma ideia do ‘The Roadmap to Local News’ da Free Press, para descrever organizações que normalmente não se enquadram no que são consideradas instituições de notícias, mas que ainda assim se dedicam a informar o público, concentrando-se no envolvimento da comunidade.<sup>86</sup>

## Notícias e desertos de informação

Um termo que surgiu com frequência neste trabalho foi “deserto de notícias”, ou seja, uma comunidade com acesso limitado a fontes de notícias locais (e confiáveis).<sup>87</sup> Porém, a pesquisadora Jéssica Botelho escreve: “Os desertos também são biomas, eles têm vida”.<sup>88</sup> Ela argumenta que: “É necessário olhar para os desertos de notícias não como territórios isolados e incomunicáveis, mas como territórios que concentram vulnerabilidades, inclusive informacionais.”<sup>89</sup>

Embora os desertos de notícias apresentem uma escassez de informações, ainda existem sementes de jornalismo local para regar e propagar. Essas regiões não são isoladas, mas sim interconectadas e integrantes dos ecossistemas de informações.

Os desertos de notícias podem ser encontrados em toda a ALC, principalmente em áreas rurais, mas também em áreas urbanas. No Brasil, 50% dos municípios podem ser chamados de desertos de notícias, pois não contém sequer uma organização local de notícias. Outros ainda têm apenas uma ou duas instituições de notícias locais.<sup>90</sup> Na Argentina, o Fórum de Jornalismo Argentino descobriu em uma investigação de 2021 que 46,7% de todos os departamentos do país se enquadram na categoria de “deserto de notícias”, com mais 25,2% de departamentos que se enquadram no título de “semidesertos”. Nesses locais, há uma falta de cobertura jornalística local e independente, sendo que grande parte da cobertura jornalística se concentra nas narrativas oficiais do governo.<sup>91</sup>

Na terceira chamada comunitária que realizamos, intitulada “Sonhos de uma infraestrutura coletiva para ecossistemas de informação na América Latina”, vários membros do painel observaram a falta de informações de qualidade produzidas para atender às necessidades locais de informação em algumas áreas.

---

<sup>86</sup> Moi and Weingrill, “A gente quer salvar a indústria.”

<sup>87</sup> “What Exactly is a ‘News Desert’?”

<sup>88</sup> Jéssica Botelho (@jessbotelho), “Deserto também é bioma, tem vida....,” X, 14 de março de 2024,

<https://twitter.com/jessbotelho/status/1768300185371705575>.

<sup>89</sup> BRICADES, “Por uma política de reflorestamento dos desertos de notícias,” CartaCapital, (Março de 2024), <https://www.cartacapital.com.br/blogs/br-cidades/por-uma-politica-de-reflorestamento-dos-desertos-de-noticias/>.

<sup>90</sup> Izabela Moi and Nina Weingrill, “A urgência de investir nos ecossistemas locais de informação,” Stanford Social Innovation Review Brasil, (Julho de 2023), <https://ssir.com.br/governo/a-urgencia-de-investir-nos-ecosistemas-locais-de-informacao>.

<sup>91</sup> Júlio Lubianco, “News deserts and semi-deserts make up three quarters of Argentina and affect a third of the population,” LatAm Journalism Review, (Junho de 2021), <https://latamjournalismreview.org/articles/news-deserts-argentina-2021/>.

Durante essa chamada, Oscar Parra, da Rutas del Conflicto<sup>92</sup> na Colômbia, compartilhou que em algumas áreas do país, por exemplo, as pessoas só têm acesso às estações de rádio da polícia e do exército. Sua organização trabalha para suprir as necessidades de informação criando narrativas fora dos canais oficiais do governo - especialmente quando se trata de narrativas sobre conflitos armados e resistência - por meio do jornalismo de dados, da coleta de depoimentos de vítimas e da promoção da narrativa participativa, entre outras estratégias.

Outra participante da nossa chamada comunitária, Amarilys Llanos, do Movimiento Cesar sin Fracking y Sin Gas,<sup>93</sup> inclui as dimensões do poder econômico na conversa sobre quem tem acesso à internet e à tecnologia. Ela discute como, em alguns casos, as pessoas não têm absolutamente nenhum acesso à informação e, em outros casos, mesmo quando têm acesso, esse acesso é condicionado e ajustado para divulgar as narrativas dominantes daqueles que detêm o poder econômico e/ou político.<sup>94</sup>

Além de carecer de informações de qualidade e fontes diversas, algumas populações enfrentam a falta de recursos de informação que atendam a seu próprio perfil demográfico. Em uma conversa sobre “desertos de informação”, uma de nossas entrevistadas, Fabiola Gutiérrez, embaixadora da SembraMedia da Bolívia, compartilhou como a existência de “desertos de informação” pode afetar as pessoas de forma diferente de acordo com seus contextos, especialmente em ecossistemas de informação altamente influenciados pela plataformização: “Talvez outra maneira de pensar sobre os desertos [de informações] poderia ser [a idade]”.<sup>95</sup> Ela dá o exemplo de como as notícias na Bolívia se concentram geograficamente em cidades como La Paz, Cochabamba e Santa Cruz, e como grande parte das notícias é voltada para pessoas de 25 a 60 anos, com poucos recursos de informação para adolescentes e idosos.<sup>96</sup>

Desirée Esquivel, embaixadora da SembraMedia e fundadora do El Otro País, o primeiro veículo de jornalismo de soluções no Paraguai, acrescenta que há uma falta de informações disponíveis relacionadas a determinados tópicos, como gênero e meio ambiente. Ela dá um exemplo do Paraguai:

Também se fala muito pouco sobre questões rurais... Não falamos muito sobre desmatamento, [só] falamos sobre isso quando há incêndios [na região], que [tendem a acontecer] em agosto.<sup>97</sup>

Embora existam muitas questões climáticas urgentes que afetam diretamente os meios de subsistência das pessoas, a cobertura jornalística convencional na ALC

---

<sup>92</sup> “El Portal Periodístico que Sigue el Rastro del Conflicto Armado en Colombia,” Rutas del Conflicto, acessado em 25 de junho de 2024, <https://rutasdelconflicto.com/>.

<sup>93</sup> Movimiento Cesar Sin Fracking y Sin Gas (@cesar\_sinfracking\_ysingas), “profile,” Instagram, acessado em 25 de junho de 2024, [https://www.instagram.com/cesar\\_sinfracking\\_ysingas/](https://www.instagram.com/cesar_sinfracking_ysingas/).

<sup>94</sup> Johnson, “The hill is no longer called by its own name.”

<sup>95</sup> Entrevista com Fabiola Gutiérrez

<sup>96</sup> Entrevista com Desiree Esquivel

<sup>97</sup> Entrevista com Desiree Esquivel

geralmente ignora esses tópicos em favor de histórias maiores. Na verdade, uma preocupação crucial com os desertos de notícias e a falta de cobertura de notícias rurais, em particular, é que a mídia convencional geralmente deixa de fora questões importantes que afetam os contextos locais. Carolina Amaya, da MalaYerba, um meio de comunicação ambiental salvadoreño, compartilha:

Há fazendeiros que não entendem que estão se contaminando porque essa também é sua única alternativa. A falta de educação ambiental em El Salvador é tão grande que agora nosso objetivo é entrar mais na educação ambiental. E que as pessoas também saibam o que estão usando ou como melhorar sua qualidade de vida. Fazer algo mais propositivo, algo mais voltado para o jornalismo de soluções.<sup>98</sup>

Muitas das organizações com as quais conversamos estão trabalhando para reduzir as desigualdades de informação por meio de iniciativas centradas na valorização de histórias locais, no jornalismo participativo e na troca de diálogos para garantir que as vozes das pessoas sejam ouvidas nos ecossistemas de informação. Compartilhamos exemplos concretos desse trabalho na **Parte 2**.

## O jornalismo em nível local é crucial, mas enfrenta falta de financiamento e de pessoal

Está bem documentado que a ausência de ecossistemas de informação locais pode dar espaço para que a corrupção por parte das autoridades públicas não seja controlada, além de reduzir o acesso a direitos básicos e de desestimular a participação dos cidadãos em questões políticas ligadas às suas vidas diárias.<sup>99</sup>

Como argumentam as jornalistas Izabela Moi e Nina Weingrill: “uma cobertura local de qualidade cria e sustenta o sentimento de pertencimento a uma comunidade e abre espaços para a ação e a participação cidadã.”<sup>100</sup> Outras pessoas entrevistadas destacaram o quanto o apoio para jornalismo local é necessário e um desafio contínuo.

Um relatório dos EUA sobre o declínio do jornalismo local constatou que muitas das comunidades que perdem jornais não recebem substitutos impressos ou digitais: “Invariavelmente, as comunidades com dificuldades econômicas, tradicionalmente mal atendidas, e que mais precisam do jornalismo local, são exatamente os lugares onde é mais difícil manter organizações de notícias impressas ou digitais.”<sup>101</sup> O relatório condiz com pesquisas globais que sugerem que o declínio do jornalismo local também contribui para o declínio do engajamento cívico, a redução da confiança na mídia e o

---

<sup>98</sup> Entrevista com Carolina Amaya

<sup>99</sup> Leia mais: Danny Hayes and Jennifer L. Lawless, *News Hole: The Demise of Local Journalism and Political Engagement*, (Cambridge: Cambridge University Press, 2021); “Moi and Weingrill, “A gente quer salvar a indústria.”

<sup>100</sup> Moi and Weingrill, “A urgência de investir nos ecossistemas.”

<sup>101</sup> “Struggling Communities Hardest Hit by Decline in Local Journalism,” *Northwestern*, 29 de junho de 2022, <https://news.northwestern.edu/stories/2022/06/new-deserts-presskit/?fj=1>.

aumento da polarização. Da mesma forma, o Carnegie Endowment for International Peace descobriu que, quando as fontes de notícias locais são fechadas, na maioria das vezes elas são substituídas pelas redes sociais, pois as pessoas buscam diferentes caminhos para obter informações. Embora haja uma grande quantidade de informações confiáveis nas redes sociais, elas também abrem a porta para o aumento de casos de desinformação e polarização.<sup>102</sup>

Atender às necessidades informacionais das pessoas não significa necessariamente produzir mais informações; muitas das pessoas com quem conversamos estão interessadas, em vez disso, em garantir que as iniciativas de informação - sejam elas jornais, comunicação popular, mídia digital ou outras formas de mídia - respondam efetivamente às necessidades de informação locais das pessoas.

Indhira Suero, da SembraMedia na República Dominicana, fala sobre o foco excessivo das organizações de mídia na cobertura de políticas partidárias ou autoridades específicas, em vez da cobertura que atende às necessidades imediatas de informação das pessoas:

Aqui, tomamos café da manhã, almoçamos e jantamos com política partidária ou com o que o presidente faz. Portanto, há muitas organizações de mídia que se concentram nisso: no que o governo diz, no que o presidente está fazendo, etc. E isso se estende a tudo, à mídia digital, à mídia tradicional, a praticamente todo o ecossistema<sup>103</sup>

Outra entrevistada, Ana Arriagada, do Digital Forensic Research Lab (DFRLab) do Atlantic Council, explica: “O ecossistema de mídia na América Latina e no mundo em geral está muito danificado. Não há jornalismo hiperlocal (...) em que as pessoas confiem mais porque são pessoas de sua comunidade.”<sup>104</sup> Dayana Blanco Acendra (Ilex Acción Jurídica) também relaciona a falta de diversidade regional na mídia com a falta de legitimidade e confiança:

O que estamos falando aqui é que, muitas vezes, nesse sistema de informações, há outras coisas além de informações; estamos falando da mesma questão sobre a confiança nesses líderes, sobre quem é quem, qual é a legitimidade que existe no território. Que legitimidade é legitimamente considerada uma fonte valiosa de informações e como. Às vezes, essas organizações urbanas ou essa mídia urbana chegam aos territórios e não estão fazendo isso. Elas não chegam com a intenção de ouvir quais são as fontes legítimas de informação existentes. Integre-as a essas campanhas e trabalhe em relacionamentos mais duradouros, construindo relacionamentos ou nós de informações no território.<sup>105</sup>

---

<sup>102</sup> Bateman and Jackson, “Countering Disinformation Effectively,” 21.

<sup>103</sup> Entrevista com Indhira Suero

<sup>104</sup> Entrevista com Ana Arriagada

<sup>105</sup> Entrevista com Dayana Blanco Acendra

O jornalismo local é essencial para estabelecer conexões com as comunidades e criar fluxos de informações sólidos. Esse jornalismo deve incluir as vozes das pessoas das comunidades para garantir que haja fluxos de informações multidirecionais que reflitam as necessidades de informação das pessoas.

## Falta de diversidade entre as principais vozes nos ecossistemas de informação: Classe e gênero

Mirte Postema, do Independent Journalism Fund da Seattle International Foundation, destacou, em nossa entrevista, que muitas das pessoas que produzem histórias jornalísticas vêm de origens de classe média.

Em geral, essas também são as instituições que recebem financiamento mais estável, especialmente de doadores internacionais. Ela comenta: “Os beneficiários de fundos internacionais também são pessoas de classe média em centros urbanos com projeção internacional, o que, no final das contas, é um segmento muito particular da população e um segmento muito pequeno com o qual muitas pessoas não se identificam necessariamente.”<sup>106</sup>

Além das disparidades de classe, Carolina Amaya, da MalaYerba, menciona a falta de diversidade de gênero quando se trata da mídia salvadorenha. Ela compartilha: “Acho que no momento não estamos servindo de exemplo dentro do grupo de mídia salvadorenha de mulheres liderando a mídia, porque mesmo na mídia independente e na grande mídia, a maioria dos líderes são homens - só encontramos homens na mídia.”<sup>107</sup>

Os dois principais problemas enfrentados pelo jornalismo local são a falta de financiamento e a falta de pessoal. Há muito tempo, o jornalismo é um setor precário, mas pesquisas mostram que o campo está se tornando mais instável por meio de contratos débeis e freelancers, baixos salários (e diferenças salariais entre gêneros),<sup>108</sup> e redução de pessoal e demissões.<sup>109</sup>

Muitos dos desafios de financiamento identificados por nossos entrevistados têm a ver com sua percepção da escassez de recursos no campo. Alguns questionam a

<sup>106</sup> Entrevista com Mirte Postema

<sup>107</sup> Entrevista com Carolina Amaya

<sup>108</sup> Jana Rick and Thomas Hanitzsch, “Journalists’ Perceptions of Precarity: Toward a Theoretical Model,” *Journalism Studies* 25 (2) (Inverno 2023): 199–217, <https://doi.org/10.1080/1461670X.2023.2293827>.

<sup>109</sup> Erin Reid and Farnaz Ghaedipour, “Journalism jobs are precarious, financially insecure and require family support,” *The Conversation*, (Março de 2021), <https://theconversation.com/journalism-jobs-are-precarious-financially-insecure-and-require-family-support-157012>.

longevidade do jornalismo como uma carreira segura,<sup>110</sup> enquanto outros compartilham preocupações sobre a precariedade do trabalho freelancer, especialmente em regimes autoritários.<sup>111</sup> Mirte Postema, do Independent Journalism Fund da Seattle International Foundation, observa que o financiamento é fundamental para criar um ambiente mais estável para os jornalistas, para permitir que as organizações paguem salários mais altos, ofereçam benefícios e criem um espaço para ideias e colaborações mais ousadas e inovadoras.<sup>112</sup>

Ao explicar os desafios de produzir informações de qualidade sobre e na Amazônia, Stefano Wroblewski, da InfoAmazonia, explica como o acesso a treinamento de alta qualidade para jornalistas é limitado e pode ser ainda pior em regiões como o norte do país. Ao mesmo tempo, ele também fala sobre a dificuldade de reter talentos em certas regiões do país, já que há uma tendência de pessoas altamente qualificadas irem para estados como Rio de Janeiro e São Paulo, onde há um conjunto relativamente maior de oportunidades de trabalho na mídia e no jornalismo.<sup>113</sup>

Além de produzir mais jornalismo local, há uma necessidade urgente de disponibilizar informações a nível local e de maneira que as pessoas possam entender. A alfabetização, incluindo a alfabetização digital e de mídia, também são áreas que precisam de apoio.

As jornalistas Izabela Moi e Nina Weingrill nos contaram sobre o podcast que produziram durante a pandemia de COVID-19 para fornecer informações aos membros da comunidade, adaptando o formato para atender às necessidades de informação quando perceberam que as pessoas não tinham dinheiro para pagar pelo acesso ao jornal ou, às vezes, a educação necessária para ler as notícias.<sup>114</sup> Na discussão sobre acesso à informação, é importante considerar as mídias usadas na produção de conteúdo.

## Vendo além das notícias tradicionais e reconhecendo a necessidade de fortalecer outros agentes de informação

Ao longo das nossas entrevistas e pesquisas documentais, ficou evidente que, para garantir ecossistemas de informação saudáveis, outros sistemas de informação fora do ecossistema de notícias precisam prosperar. Como dizem Izabela Moi e Nina Weingrill,

Não basta falar sobre notícias e a produção profissional de informações, de notícias, mas também sobre o acesso à informação, que é mais do que apenas

---

<sup>110</sup> Entrevista com Daniel Villatoro

<sup>111</sup> Entrevista com Mirte Postema

<sup>112</sup> Entrevista com Mirte Postema; abordamos essa questão na Conclusão, quando discutimos as recomendações para financiamento

<sup>113</sup> Entrevista com Stefano Wroblewski

<sup>114</sup> Compartilhamos mais sobre esta história na Parte 2.

o acesso às notícias. A notícia é a informação que vence, o mercado que pode ser comprado e vendido. A informação necessária para viver e ter acesso aos direitos em uma localidade, em um território. Portanto, é isso que essa discussão sobre o ecossistema representa para nós.<sup>115</sup>

Além disso, elas argumentam que, ao consertar esse sistema, devemos começar perguntando ao público o que está faltando para ele: “O que você tem em termos de informação e o que você não tem?”<sup>116</sup> Mirte Postema, do Independent Journalism Fund da Seattle International Foundation, explica que atualmente há uma grande parcela da população que não lê, assiste ou ouve as notícias. É necessário que haja recursos de informação que cubram uma série de questões e que assumam formas que atendam às pessoas onde elas estão:

O jornalismo de qualidade fala com as pessoas. Embora nem todas as pessoas queiram necessariamente saber todos os detalhes do que o Congresso fez ontem, elas provavelmente querem saber por que não têm água, por que o trânsito está uma bagunça, por que suas necessidades de saúde não estão sendo atendidas; os tipos de questões práticas que as políticas públicas devem abordar. Mas o jornalismo nem sempre apresenta as informações dessa forma, ou talvez não esteja tão ciente das necessidades de outros segmentos da população.<sup>117</sup>



<sup>115</sup> Entrevista com Izabela Moi e Nina Weingrill

<sup>116</sup> Entrevista com Izabela Moi e Nina Weingrill

<sup>117</sup> Entrevista com Mirte Postema

# Falta de infraestrutura para apoiar as comunidades excluídas



Um dos maiores elementos estruturais que contribuem para o estado de desequilíbrio nos ecossistemas de informação da América Latina e do Caribe é a falta de infraestrutura necessária para incluir as comunidades que historicamente foram excluídas desses ecossistemas.<sup>118</sup> Essa infraestrutura inclui tecnologia e acesso à internet (especialmente em comunidades desfavorecidas), espaços físicos e financiamento estável para organizações que trabalham para apoiar comunidades marginalizadas.

Várias pessoas entrevistadas para este relatório disseram que as limitações tecnológicas e de dados em suas equipes (por exemplo, capacidade de pessoal, treinamento de habilidades, acesso a hardware e software) inibem sua capacidade de manter presenças ativas e seguras nas mídias sociais. A capacidade de pessoal e as lacunas de conhecimento também impedem que as equipes adotem a tecnologia nos fluxos de trabalho de maneira fluida, e as limitações de financiamento impedem a programação inovadora.

## A plataformização e os fatores para escolher e manter contas nas redes sociais

No setor de notícias, o aumento da relevância das redes sociais significa que mais produtores de notícias estão avaliando a importância das informações dos “trending topics”, usando esses dados para produzir conteúdo e, em seguida, gerando análises com base no envolvimento com o conteúdo.<sup>119</sup> As pessoas entrevistadas falaram sobre a infraestrutura das principais plataformas de redes sociais e como isso molda os ecossistemas de informações. E dentro das organizações da sociedade civil, há a questão de ter capacidade suficiente de pessoal para trabalhar com mídias sociais. Maira Berutti, da Quid, levanta algumas das complicações de não ter a capacidade de equipe para gerenciar contas de redes sociais ativas e dinâmicas:

<sup>118</sup> Paes, “For some in Latin America, the info ecosystem has always been hostile.”

<sup>119</sup> David Nieborg and Thomas Poell, “The Platformization of Making Media,” in *Making Media: Production, Practices, and Professions*, eds. Mirjam Prenger and Mark Dueze, (Amsterdam: Amsterdam University Press, 2019):85–96, <https://www.cambridge.org/core/books/abs/making-media/platformization-of-making-media/F54ECE2796B53614FB1CCC16A4249E08>.

Na estrutura das organizações que conheço, temos um departamento de comunicações - são pessoas que se concentram na atualização do site da organização. Só isso já dá muito trabalho. É muito difícil para essa mesma pessoa gerenciar grupos de WhatsApp. Uma das coisas que aprendemos com essas consultorias é que, se a organização não puder pagar uma pessoa dedicada para gerenciar essa comunidade, será muito difícil mantê-la ativa.<sup>120</sup>

**Gabi Juns (Instituto Lamparina) fala:**

Acho que há uma grande lacuna entre conhecer o comportamento da mídia e trabalhar na comunicação com base nesse comportamento, porque, por exemplo, precisamos entender o comportamento da mídia de pessoas mais conservadoras e mais velhas. Mas alguma organização está trabalhando no Facebook? Não. As organizações estão trabalhando no YouTube? Não. Portanto, há um desafio de implementar a comunicação em outros espaços além do Instagram.<sup>121</sup>

**Thiane Neves Barros, uma pesquisadora brasileira cujo trabalho “enfoca as experiências de mulheres negras na Amazônia”, fala sobre um grupo em Santarém que deseja construir seu próprio espaço digital, mas não tem a capacidade ou os recursos para tornar esse sonho realidade:**

Porém, o sonho delas é ter seu próprio espaço digital. Elas tinham um site. O site saiu do ar porque elas não sabem como mantê-lo no ar e também não têm dinheiro para mantê-lo. Pode parecer bobagem, um site, mas é esse lugar no mundo digital que permitirá que elas vendam, falem, escrevam. É o seu próprio espaço. E isso é incrível! Elas não querem um canal no YouTube. Não querem uma página super engajada no Instagram. Elas querem seu próprio espaço digital.<sup>122</sup>

As organizações menores e de base podem ter dificuldades para pagar (e manter) a tecnologia digital, mesmo quando há um forte desejo de fazê-lo. A tecnologia proporciona visibilidade e conexão para muitas organizações, mas a manutenção pode ser difícil. Gabi Juns, do Instituto Lamparina, acrescenta que pode ser difícil atrair uma equipe de comunicação competitiva em um campo que pode ser bastante lucrativo em outros setores.<sup>123</sup> Outros entrevistados observaram que as organizações geralmente não têm financiamento suficiente para o número de membros da equipe de comunicação de que precisam<sup>124</sup> nem a capacidade de treinar a equipe para usar as ferramentas disponíveis.<sup>125</sup>

---

<sup>120</sup> Entrevista com Maira Berutti

<sup>121</sup> Entrevista com Gabi Juns

<sup>122</sup> Entrevista com Thiane Neves Barros

<sup>123</sup> Entrevista com Gabi Juns

<sup>124</sup> Entrevista com Mirte Postema

<sup>125</sup> Entrevista com María Paula Murcia

A dependência de ferramentas e plataformas proprietárias, muitas vezes pagas, é uma dificuldade para jornalistas e organizações da sociedade civil. Ana Arriagada (DFRLab) observa que há preocupações com a transparência em termos de como essas plataformas funcionam e como elas conduzem a análise de dados - um problema que eles estão enfrentando à medida que adaptam a análise de IA ao seu trabalho.<sup>126</sup> Da mesma forma, os modelos de negócios das empresas de redes sociais resultaram em mais jornalistas e pequenas organizações da sociedade civil pagando por plataformas de rede social para verificação e para expandir seu alcance.

Algumas organizações tentaram se adaptar a esses modelos para aumentar a audiência e alcançar o público onde ele está. Francisco José González López (Movilizadorio) compartilha como a organização lançou uma campanha no TikTok de um currículo que produziram para incentivar a participação cidadã, trabalhando com influenciadores para dividir o conteúdo em mini vídeos. Eles descobriram que essa era uma maneira bem-sucedida de melhorar as habilidades das pessoas (aumento de 42%) e observam que um maior investimento em campanhas educacionais usando redes sociais seria uma intervenção útil para financiadores. Embora considerem essa campanha um sucesso, não têm recursos para replicar o que sabem que funciona ou explorar outras vias.<sup>127</sup>

Stefano Wroblewski, da InfoAmazonia, argumenta que o jornalismo é caro e pode parecer que os jornalistas estão competindo com as redes sociais no sentido de que há uma variedade de atores produzindo informações de baixa qualidade nas redes sociais e os jornalistas têm que competir com a saturação de conteúdo.<sup>128</sup>

## Infraestruturas para apoiar o acesso e o compartilhamento de informações

Além do cenário das redes sociais, ter os recursos e ferramentas para gerar conteúdo em formas que as pessoas realmente usarão (ou pelo menos poderão acessar) é um desafio contínuo.

Uma grande barreira para acessar conteúdo significativo é a conectividade com a internet, uma disparidade que atinge desproporcionalmente aqueles que foram historicamente e sistematicamente marginalizados. A América Latina tem altos níveis de desigualdade quando se trata de acesso à internet, e apenas 45,5% das famílias latino-americanas têm banda larga em casa. A divisão digital é particularmente acentuada em contextos urbanos/rurais e de gênero, com 67% das famílias urbanas tendo acesso à banda larga em comparação com 23% nas áreas rurais.<sup>129</sup>

---

<sup>126</sup> Entrevista com Ana Arriagada

<sup>127</sup> Entrevista com Francisco José González López

<sup>128</sup> Entrevista com Stefano Wroblewski

<sup>129</sup> "Latin America's Digital Divide: Overcoming Persistent Gaps," The Wilson Center, acessado 26 de junho de 2024, <https://www.wilsoncenter.org/event/latin-americas-digital-divide-overcoming-persistent-gaps>.

Em nossa terceira chamada comunitária, Kiado Cruz (Iniciativa INDIGITAL<sup>130</sup>) compartilhou como a divisão digital e a falta de tecnologia acessível, dispositivos e serviços de internet impactam as comunidades indígenas no México. Ele levanta a questão dos custos como uma grande barreira, com as comunidades rurais pagando um preço muito mais alto por um serviço inferior, em comparação com aqueles das cidades. Ele dá o exemplo de como, em sua comunidade [comunidade Zapoteca de Yagavila no Rincón de la Sierra Norte de Oaxaca], a internet é muito mais cara do que na cidade.<sup>131</sup> Isapi Rúa, da Red Chaco da Bolívia, compartilhou como a falta de infraestrutura (incluindo banda larga e eletricidade) resultou em pessoas só conseguindo acessar informações “pouco a pouco” em algumas situações. Isso é particularmente verdadeiro para as comunidades indígenas da Bolívia, especialmente quando se trata de acessar informações sobre o meio ambiente.<sup>132</sup>

Em nossa entrevista, Sandra Xoquic (da organização guatemalteca Instituto 25A, ou I25A) levanta a questão das lacunas de informação que existem devido à perda de espaços comunitários que possibilitam às pessoas acessar a internet gratuitamente, especialmente desde a pandemia de COVID-19. Ela diz:

Há uma grande barreira... Na Guatemala, o acesso à internet em nível nacional é muito limitado. Na cidade, por exemplo, para ter internet em casa, existem planos de cerca de 300 quetzales que nem todas as pessoas podem pagar. Os lugares onde as pessoas podem acessar wifi são algumas escolas e universidades privadas, também em centros comerciais... Então, a comunicação digital é considerada um privilégio [acessível] a um baixo percentual da população. Fora da cidade, é ainda mais difícil acessar a internet.<sup>133</sup>

Thiane Neves Barros diz que “a Amazônia continua sendo desfavorecida em comparação com outras partes do Brasil”, fazendo referência a um relatório do Comitê Gestor da Internet do Brasil<sup>134</sup> sobre como a Amazônia tem o menor acesso à mídia e a menor quantidade de infraestrutura de TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação):

Então, passa por vários lugares, passa pela infraestrutura macro, passa pelo acesso e passa pelo poder de compra de materiais, dispositivos e equipamentos. Quando você compra um computador online, quase sempre paga pelo frete, e o frete aqui é absurdamente caro. Enfim, este livro é sempre mais caro aqui na Amazônia por causa da infraestrutura do país, que é uma infraestrutura

---

<sup>130</sup> “Melquiades (Kiado) Cruz,” Stanford PACS, acessado 26 de junho de 2024, <https://pacscenter.stanford.edu/person/melquiades-kiado-cruz/>.

<sup>131</sup> Johnson, “The hill is no longer called by its own name.”

<sup>132</sup> Johnson, “The hill is no longer called by its own name.”

<sup>133</sup> Entrevista com Sandra Xoquic

<sup>134</sup> Regional Center for Studies on the Development of the Information Society and Brazilian Network Information Center, “Executive Summary - Survey on the Use of Information and Communication Technologies in Brazilian Households - ICT Households 2021,” Cetic.br, (Novembro de 2022), <https://cetic.br/pt/publicacao/executive-summary-survey-on-the-use-of-information-and-communication-technologies-in-brazilian-households-ict-households-2021/>.

que prioriza uma certa região, porque tem essa região ou regiões como os principais centros comerciais e industriais do país, e negligencia outra região que é mais da metade do território nacional.<sup>135</sup>

A falta de infraestrutura de informação pode ter consequências de longo alcance, por exemplo, quando se trata de garantir informações de qualidade e precisas sobre saúde reprodutiva. Dayana Blanco Acendra, da Ilex Acción Jurídica, expõe os desafios de fornecer informações de alta qualidade sobre acesso ao aborto e justiça reprodutiva na Colômbia, especialmente para mulheres afrodescendentes. Elas descobriram em seu trabalho que as populações que vivem em regiões com infraestrutura de informação precária são “principalmente populações racializadas, subordinadas ou empobrecidas, com pouco acesso a informações, internet, redes sociais, rádio ou televisão.”<sup>136</sup> Ela pergunta: “Quais são as possibilidades para os departamentos com população majoritariamente afrodescendente? Quais são as possibilidades que temos, por exemplo, de acessar a internet?”<sup>137</sup> Ela incita organizações focadas no acesso à informação a priorizar as regiões na Colômbia e no Brasil com habitantes majoritariamente afrodescendentes.

Apoiar infraestruturas digitais e físicas para manter fluxos contínuos de informação é uma parte fundamental da construção de ecossistemas de informação mais saudáveis. Reduzir as divisões digitais e atender às necessidades de tecnologia e dados das organizações, especialmente aquelas que operam em áreas rurais e atendem populações marginalizadas, será uma parte essencial para atender às necessidades de informação e preencher as lacunas de informação. Na **Parte 2** e na **Conclusão**, damos exemplos de organizações que estão trabalhando para enfrentar alguns desses desafios, bem como fornecemos recomendações para financiadores em relação ao apoio à infraestrutura.

---

<sup>135</sup> Entrevista com Thiane Neves Barros

<sup>136</sup> Entrevista com Dayana Blanco Acendra

<sup>137</sup> Entrevista com Dayana Blanco Acendra

# Combater a desordem informacional requer uma abordagem multissetorial



O aumento da desordem informacional, e da desinformação é uma ameaça urgente aos ecossistemas de informação. Também é uma ameaça aos processos democráticos como eleições, desestabiliza a coesão social<sup>138</sup> e prejudica a confiança nas instituições de notícias em todo o mundo.<sup>139</sup>

Em ‘Misunderstanding Misinformation’, Wardle argumenta que as pessoas tendem a compartilhar informações que reafirmam e validam suas visões de mundo. Um aspecto de compartilhar informações falsas ou enganosas pode ser atribuído aos maiores desejos de comunidade e necessidade de conexão. Wardle escreve: “Ao focar estreitamente no conteúdo problemático, os pesquisadores não conseguem entender o número cada vez maior de pessoas que criam e compartilham esse conteúdo e também ignoram o contexto mais amplo do que as pessoas realmente precisam saber.”<sup>140</sup> Para o propósito deste relatório, a questão que mais nos interessa é que as necessidades de informação das pessoas não estão sendo atendidas e que, para superar essa saturação de informações imprecisas, precisamos de estratégias que construam confiança, combatam e verifiquem narrativas falsas e melhorem a educação em alfabetização midiática.

Em nossa entrevista, Ana Arriagada, do Digital Forensic Research Lab (DFRLab) do Atlantic Council, compartilhou que um dos elementos mais valiosos dos treinamentos que oferecem para combater a desinformação é o esforço para entender algumas das narrativas subjacentes sobre por que e como as informações falsas são disseminadas. Arriagada diz: “É importante não apenas saber que informação é falsa, mas entender a narrativa por trás dela e como essa narrativa está sendo movida e impulsionada. Quem são os atores por trás da desinformação?”<sup>141</sup>. Entender os principais “super

<sup>138</sup> “Online disinformation: UNESCO unveils action plan to regulate social media platforms,” UNESCO, acessado 26 de junho de 2024, <https://www.unesco.org/en/articles/online-disinformation-unesco-unveils-action-plan-regulate-social-media-platforms>.

<sup>139</sup> Jesus Serrano, “Disinformation is a threat to our trust ecosystem. Experts explain how to curb it,” World Economic Forum, acessado 26 de junho de 2024, <https://www.weforum.org/agenda/2024/03/disinformation-trust-ecosystem-experts-curb-it/>.

<sup>140</sup> Wardle, “Misunderstanding Misinformation.”

<sup>141</sup> Entrevista com Ana Arriagada

espalhadores”<sup>142</sup> e originadores de narrativas falsas é um elemento importante para criar contra-narrativas.

Embora grande parte de nossa pesquisa se concentre em atores que contribuem para restaurar ecossistemas de informação, é importante olhar para alguns atores prejudiciais chave dentro dos ecossistemas de informação, incluindo governos autoritários, empresas de spyware, contas anônimas hiper partidárias,<sup>143</sup> políticos e indivíduos influentes.

A desinformação não é um fenômeno novo, mas a velocidade com que informações falsas são espalhadas globalmente através de novas tecnologias e IA é uma preocupação crescente.<sup>144</sup> Embora existam organizações que trabalham para rotular e verificar informações rapidamente, as informações falsas tendem a se mover mais rapidamente e a um custo menor do que as contra-narrativas e as informações corretivas.<sup>145</sup> A organização de checagem de fatos Chequeado pesquisou como informações falsas sobre saúde são exportadas dos EUA para a América Latina, com as plataformas demorando mais para responder e remover conteúdos prejudiciais quando estão em espanhol.<sup>146</sup> Há uma necessidade urgente de colaboração entre setores, idiomas e fronteiras para combater a desordem informacional. Nas seções a seguir delineamos algumas das estratégias e necessidades levantadas pelos entrevistados em relação à desordem informacional.

## Colaboração para combater a desordem informacional

Wardle identifica a questão de que, muitas vezes, aqueles encarregados de estudar, combater e financiar a desordem informacional o fazem de forma isolada, com base no contexto da própria informação, como eleições, saúde pública ou meio ambiente.<sup>147</sup> Olivia Sohr, do Chequeado, tem defendido uma abordagem regional para lidar com a disseminação de informações falsas e/ou enganosas, especialmente em questões relacionadas a gênero e justiça reprodutiva.<sup>148</sup>

---

<sup>142</sup> Matthew R. DeVerna et al., “Identifying and characterizing superspreaders of low-credibility content on Twitter,” PLoS One 19(5) (2024), <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1111090/>.

<sup>143</sup> DeVerna et al., “Identifying and characterizing superspreaders.”

<sup>144</sup> “United Nations Global Principles For Information Integrity: Recommendations for Multi-stakeholder Action,” United Nations, (2024), <https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/un-global-principles-for-information-integrity-en.pdf>.

<sup>145</sup> Bateman and Jackson, “Countering Disinformation Effectively,” 6.

<sup>146</sup> Cristina Tardáguila, “Disinformation for Export: how false content generated in the United States reaches Latin America,” Chequeado, 2 de setembro de 2021, <https://chequeado.com/investigaciones/disinformation-for-export-how-false-content-generated-in-the-united-states-reaches-latin-america/>.

<sup>147</sup> Wardle, “Misunderstanding Misinformation.”

<sup>148</sup> César López Linares, “Experts discuss at Summit how disinformation impacts democracy, migration, health, and gender issues in Latin America,” LatAm Journalism Review, (Outubro de 2023), <https://latamjournalismreview.org/articles/experts-discuss-at-summit-how-disinformation-impacts-democracy-migration-health-and-gender-issues-in-latin-america/>.

Ana Arriagada explica por que precisam existir mais soluções colaborativas além da verificação de fatos: “Ainda não há um entendimento de que isso é algo muito mais amplo e que tem muitas formas de ser abordado, e que, embora a verificação de fatos seja extremamente importante, é apenas uma parte do que podemos fazer.”<sup>149</sup> Várias pessoas entrevistadas e participantes de chamadas comunitárias, como Linterna Verde, Probox e Fundación Interpreta, observaram a eficácia da colaboração e da experimentação de novas abordagens no combate à desordem informacional e identificaram isso como uma área para financiamento e atenção adicionais. Na **Parte 2**, damos exemplos de organizações que colaboram para combater a desordem informacional.

## Organizações carecem de ferramentas tecnológicas para verificar efetivamente a desinformação

O Centro Latino-Americano de Jornalismo Investigativo (CLIP), com sede na Costa Rica, coordenou uma série de relatórios documentando o aumento da desinformação na América Latina e no Caribe, com descobertas mostrando como os mecanismos projetados para proteger contra a desinformação, na verdade, não o fazem.<sup>150</sup> De fato, não existe uma “solução mágica” para combater a desinformação, pois muitas das iniciativas usadas para combater a desordem informacional são não comprovadas, insuficientes ou não conseguem atingir efetivamente a causa raiz do porquê e como a informação enganosa é espalhada. Isso é ainda mais exacerbado pela adição de IA e pela disseminação desenfreada de informações enganosas e falsas nas plataformas de rede social.<sup>151</sup>

Um estudo chileno descobriu que informações falsas se espalham mais rápido, alcançando assim mais pessoas do que informações válidas no Facebook e no X (anteriormente Twitter).<sup>152</sup> As organizações estão lutando para acompanhar a inundação da desordem informacional e muitas vezes carecem de ferramentas e recursos para fazê-lo. Embora não seja a única solução, existem ferramentas importantes usadas para verificar a validade das informações. O CLIP compartilha que, para combater efetivamente informações falsas, há necessidade de mais ferramentas para verificar quais informações são verdadeiras, especialmente quando se trata de áudio. Eles observam, no entanto, que essas ferramentas são particularmente caras e difíceis de acessar.

Houve um aumento nos casos de deepfakes que são mais difíceis de verificar se são verdadeiros ou não. Políticos e figuras públicas sabem que são difíceis de verificar e sempre podem argumentar se é verdade ou não, que algum vídeo, algum áudio é

---

<sup>149</sup> Entrevista com Ana Arriagada

<sup>150</sup> Catherine Osborn, “Inside Latin America’s Fake News Problem,” *Foreign Policy*, (Agosto de 2023), <https://foreignpolicy.com/2023/08/04/fake-news-disinformation-social-media-internet-journalism-brazil-election/>.

<sup>151</sup> Bateman and Jackson, “Countering Disinformation Effectively.”

<sup>152</sup> Marcelo Mendoza et al., “A Study on Information Disorders on Social Networks during the Chilean Social Outbreak and COVID-19 Pandemic,” *Applied Sciences* 13, no. 9 (2023): 5347, <https://doi.org/10.3390/app13095347>.

falso e não há uma maneira fácil de desmenti-los por enquanto... especialmente no áudio. Porque nos vídeos ainda é mais ou menos fácil ver que sempre há erros no rosto ou nos olhos ou algo assim, mas no áudio é mais difícil de notar e não há realmente nenhuma ferramenta confiável para verificar isso.<sup>153</sup>

Tomás Lawrence, da Interpreta, uma fundação chilena que trabalha desde 2016 para eliminar barreiras ao acesso a dados e ferramentas de pesquisa digital, estima que a sociedade civil está “cinco anos atrás” daqueles que têm os recursos para trabalhar nessas questões no setor privado.<sup>154</sup>

Pablo Medina Uribe, do CLIP, acrescenta:

Eu realmente acredito que a tecnologia da desinformação avançou muito mais do que a tecnologia dos verificadores de fatos nos últimos anos. E acho que seria bom sentar e pensar em como desenvolver ferramentas mais avançadas, mas também de acesso gratuito, porque, com os últimos desenvolvimentos nas redes sociais, é mais difícil investigar com ferramentas de código aberto; por exemplo, no Twitter é quase impossível.<sup>155</sup>

A tecnologia sozinha não é suficiente para reverter a disseminação de informações falsas e enganosas, especialmente aquelas de atores maliciosos. No entanto, equipar organizações da sociedade civil e jornalistas com melhores ferramentas e recursos para verificar informações é uma maneira de realizar os esforços de verificação de fatos de forma mais rápida e econômica.<sup>156</sup>

## Abordando a raiz da desordem informacional

Sisi Wei, editora-chefe do The Markup, escreve que muitas comunidades que carecem de notícias locais confiáveis são inundadas com miragens de notícias, ou uma enxurrada de desordem informacional. Isso é especialmente verdadeiro durante eleições e em outros momentos polarizantes. Ela argumenta que combater isso não é apenas uma questão de checagem de fatos; trata-se também de garantir que áreas não sejam deixadas como desertos de notícias.<sup>157</sup> Como diz Daniel Dessen, presidente da Associação de Entidades Jornalísticas da Argentina (ADEPA): “Quando o dano já está feito, a maneira de atacá-lo e limpá-lo é com bom jornalismo.”<sup>158</sup>

Nossos entrevistados observam que “espaços vazios” fora das narrativas oficiais do governo podem deixar aberturas para a desinformação. Pesquisadores do

---

<sup>153</sup> Entrevista com Pablo Medina Uribe

<sup>154</sup> Entrevista com Tomás Lawrence

<sup>155</sup> Entrevista com Pablo Medina Uribe

<sup>156</sup> Bateman and Jackson, “Countering Disinformation Effectively,” 34.

<sup>157</sup> Sisi Wei, “News mirages (not news deserts) are the scarier problem,” Nieman Lab, dezembro de 2023, <https://www.niemanlab.org/2023/12/news-mirages-not-news-deserts-are-the-scarier-problem/>.

<sup>158</sup> Linares, “Experts discuss at Summit how disinformation impacts democracy.”

Brasil descobriram que as principais narrativas disseminadas pela desinformação frequentemente buscam minar a democracia, enfraquecer a confiança nas instituições e diminuir a confiança nos processos eleitorais.<sup>159</sup> Tomás Lawrence, da Fundación Interpreta Chile, dá um exemplo desse fenômeno em relação ao discurso anti-migrante:

Muitas vezes acontece que as autoridades não comunicam certas coisas e esse espaço fica aberto para rumores, para a desinformação, que muitas vezes é aproveitada por políticos, pela mídia e também por grupos de pessoas que aproveitam esse espaço para posicionar certos temas os associando a eles [migrantes]. É aí que também buscamos gerar esse nível de realidade versus esse imaginário... muitas vezes não é questionado em relação ao migrante. Então, evitamos, no final, que os direitos dos migrantes sejam violados.<sup>160</sup>

Olivia Sohr, do Chequeado, descreve como eventos como eleições e a pandemia de COVID-19 acabaram sendo usados por atores nocivos para espalhar desinformação:

Identificamos avalanches de informação, ou um excesso de informação, em que a desinformação é muito facilmente misturada. E esses momentos podem ser previsíveis. Como é uma eleição presidencial, sabemos que a última semana vai ser muito intensa por causa da quantidade de informação, porque vão dar informações ao mesmo tempo sobre as campanhas, as propostas, os locais de votação, a forma de votar, as atividades, etc. E há coisas imprevisíveis como uma pandemia que de repente toma a agenda de informações e por meses somos bombardeados e sentimos uma avalanche de informações em que é muito fácil a desinformação se infiltrar.<sup>161</sup>

Uma preocupação subjacente da disseminação de desinformação é a desconfiança nas notícias confiáveis. Chequeado diz que fontes tradicionais de legitimidade estão sendo questionadas: “pode ser por boas razões e também por más razões, mas o que isso significa é que uma autoridade que sai para negar algo não é suficiente para a população necessariamente acreditar que é falso. E isso também complica o ecossistema e a forma como nos comunicamos e o que acreditamos, e assim por diante.”<sup>162</sup> Restaurar a confiança é um elemento essencial para combater a desordem informacional. Na Parte 2 e na Conclusão damos exemplos mais específicos de como isso pode ser feito.

---

<sup>159</sup> Moi and Weingrill, “A urgência de investir nos ecossistemas.”

<sup>160</sup> Entrevista com Tomás Lawrence

<sup>161</sup> Entrevista com Olivia Sohr

<sup>162</sup> Entrevista com Olivia Sohr

An illustration featuring four diverse women in conversation. The top half shows three women in profile, facing right, with a fourth woman partially visible on the far right. They are set against a background of warm, abstract colors (orange, pink, purple) and stylized green leaves. A large, rounded rectangular text box is centered in the middle. The bottom half shows two women in profile, facing each other, with a similar background of warm colors and green leaves. The overall style is vibrant and artistic, with a focus on human connection and communication.

**Interlúdio:**  
Imaginando um ecossistema  
de informação saudável,  
forte e equilibrado para a  
América Latina e o Caribe

Em nossas conversas e entrevistas para este projeto, muitas pessoas nos relataram que em suas perspectivas, a América Latina e o Caribe (ALC) não conservaram necessariamente ecossistemas de informação saudáveis e equilibrados em larga escala no passado. Por causa disso, ao longo deste projeto, muitas de nossas interações com tecnologistas, organizadores e jornalistas foram guiadas pela questão subjacente: Com o que sonhamos quando sonhamos com ecossistemas de informação saudáveis e equilibrados?

Neste **Interlúdio**, queríamos reunir, em termos mais concretos, o que eram os objetivos que as pessoas e organizações que se envolveram com este projeto estavam coletivamente trabalhando para alcançar. Estas páginas incluem esperanças e ideias que as pessoas que participaram deste projeto têm cultivado por décadas (e que generosamente compartilharam conosco), assim como os elementos inegociáveis que eles imaginam como parte de um ecossistema de informação que sustenta a justiça social.

Essas visões coletivas refletem sonhos expansivos de ecossistemas de informação mais saudáveis, mais robustos e mais equilibrados. São visões que já estão sendo construídas. Como compartilhamos na **Parte 2**, a sociedade civil em toda a região tem trabalhado para tornar essa visão uma realidade e, como veremos na **Conclusão**, elas precisam de mais apoio para realizá-la.



## As necessidades de informação das pessoas são priorizadas e as iniciativas de informação locais, lideradas pela comunidade, estão prosperando

Ecosistemas de informação mais saudáveis e robustos respondem efetivamente das necessidades de informação mais imediatas das pessoas, especialmente aquelas que foram historicamente marginalizadas. São ecosistemas nos quais as iniciativas de informação locais lideradas pela comunidade prosperam. As pessoas têm acesso a um fluxo confiável de informações de qualidade sobre o que está acontecendo em suas cidades e bairros e sabem o que precisam para exercer seus direitos humanos básicos. Elas não são apenas “consumidores de notícias”: suas necessidades de informação são priorizadas e elas fazem parte de um diálogo. Nesta visão, o financiamento para ecosistemas de informação locais não é mais escasso e uma necessidade urgente.<sup>163</sup> Ele flui abundantemente para iniciativas organizadas pela comunidade.

## Jornalistas, ativistas e comunicadores populares estão seguros

Em ecosistemas de informação equilibrados, a segurança de comunicadores populares e jornalistas é priorizada. Mulheres, jornalistas, ativistas e comunicadores populares LGBTQI+, negros e indígenas já não sofrem os impactos desproporcionais da violência no ecossistema de informações. Enquanto investigam, reportam e informam, seu trabalho não é mais comprometido por ameaças e ataques à sua integridade (física e digital), e essas pessoas têm muito apoio para se manterem seguros. Elas têm as ferramentas, o conhecimento e os recursos necessários para manter sua segurança digital.



<sup>163</sup> Moi and Weingrill, “A urgência de investir nos ecossistemas.”

## As pessoas usufruem de um senso de comunidade e há espaços para conversas significativas que fortalecem os processos democráticos

Durante nossa primeira chamada comunitária, houve uma mensagem fundamental que continuou a ecoar durante todo o projeto:

Um ecossistema de informações saudável é aquele em que as pessoas são capazes de ouvir e conversar umas com as outras. <sup>164</sup>

Muitas pessoas que participaram desta pesquisa ecoaram a noção de que, em ecossistemas de informação fortes, as pessoas têm espaço para conversas significativas (que permitem a deliberação e o debate cívico). Isso é entendido como o antídoto para a polarização e uma deliberação política enriquecida.<sup>165</sup> Por exemplo, Iliana Aguilar, rapper feminista e comunicadora hondurenha, imagina ecossistemas de informação com menos violência, menos polarização e mais conversas: “Sem qualquer discriminação, sem qualquer tipo de violência contra as pessoas e, acima de tudo, com muita escuta, mas mais do que isso, mais humanos.”<sup>166</sup>

Da mesma forma, indivíduos que vivem em um ecossistema de informação saudável experimentam menos isolamento e alienação uns dos outros, e o sentimento de “nós contra eles” que se tornou prevalente em grande parte da ALC já não é tão forte. Assim, existem muitos esforços para fortalecer o diálogo cidadão e promover “espaços de discussão” que tragam “[pessoas] desconhecidas [juntas] com [outras pessoas] desconhecidas.”<sup>167</sup>

## O ecossistema de informação inclui uma diversidade de atores

Várias pessoas que entrevistamos falaram sobre como financiamento e recursos precisam estar disponíveis para um número maior de organizações baseadas em diferentes geografias, trabalhando a partir de diferentes pontos de vista e desempenhando diferentes papéis. Em ecossistemas de informação saudáveis, há muito financiamento, apoio e recursos para organizações da sociedade civil, ativistas e jornalistas que estão trabalhando para sustentar a saúde desses ecossistemas através de abordagens diferentes, complementares e colaborativas. As pessoas e as iniciativas são mais bem equipadas para entender as necessidades de informação das comunidades e para identificar e implementar estratégias eficazes para melhorar seus ecossistemas de informação locais, e já não estão mais lutando para acessar financiamento. Nesta visão, as iniciativas não

<sup>164</sup> Paes, “To improve the information ecosystem.”

<sup>165</sup> “With me, or against me.”

<sup>166</sup> Entrevista com Iliana Aguilar

<sup>167</sup> Ideia vindo de uma entrevista com Mutante

estão preocupadas em não receber tanto financiamento quanto os “atores nocivos”, e têm o poder de decidir suas próprias prioridades e gerir os fundos que recebem.

Igualmente importante, ecossistemas de informação saudáveis dão espaço para pessoas e comunidades que sofreram o impacto de ecossistemas de informação prejudiciais, como povos indígenas, afro-latinos, pessoas com deficiência, pessoas LGBTQI+, jornalistas comunitários e “vozes que não são da classe média”. Nesta visão, os ecossistemas de informação são fortes tanto em espaços urbanos e grandes cidades quanto em áreas rurais, florestas e além. Nesta visão, a justiça linguística é uma característica definidora dos sistemas de criação, troca, fluxo e uso de informação.

### **A infraestrutura tecnológica é construída de forma a centralizar a justiça social e climática**

Pesquisadores e organizadores com quem nos envolvemos ao longo desta pesquisa enfatizaram a importância de considerar as implicações ecológicas no desenvolvimento da infraestrutura - em outras palavras, levar em conta as repercussões eco-políticas de construir uma infraestrutura tecnológica e de informação mais robusta. Em ecossistemas de informação mais fortes, as pessoas têm acesso a tecnologias digitais que existem em harmonia com a justiça climática, a justiça da terra, a justiça racial e a justiça indígena; as tecnologias digitais não são vistas como a solução única quando se trata de criar melhores fluxos de informação; e as comunidades têm autonomia e poder de decisão sobre se, e de qual maneira se envolvem com as tecnologias digitais. Nesse cenário, a sociedade civil, jornalistas e comunicadores são capazes de usar tecnologia e dados para construir e manter os sistemas e plataformas que lhes permitam continuar a manter um ecossistema de informação saudável.



An illustration of a river landscape. In the foreground, a man in a yellow shirt is filming with a camera on a tripod. A woman in a pink top and yellow skirt stands with her arms crossed. In the middle ground, a woman in an orange top is taking a photo with her phone. In the background, a man in a blue shirt is talking on a mobile phone. The landscape features a winding river, green hills, and stylized cacti with signal waves above them. The sky is a mix of blue and purple.

## Parte 2

Restaurando os ecossistemas  
de informação: inspiração  
da sociedade civil

Nesta seção compartilhamos algumas das estratégias inspiradoras usadas pela sociedade civil para restaurar os ecossistemas de informação na região. Ao apresentarmos essas estratégias, reconhecemos - juntamente com muitas outras pessoas que realizaram extensas pesquisas nessa área - que determinar com precisão a combinação de estratégias que nos ajudará a alcançar um ecossistema equilibrado e próspero é uma tarefa que exigirá um exame mais cuidadoso e pesquisas sustentadas por um longo período de tempo.<sup>168</sup>

Ao mesmo tempo, também somos compelidas a compartilhar algumas das estratégias que têm o potencial de aproximar os ecossistemas de informação da ALC da visão coletiva que reunimos no **Interlúdio**. A saúde do ecossistema de informações é vital para as democracias da ALC e, embora estejamos defendendo com entusiasmo a realização de mais pesquisas sobre a eficácia de várias estratégias implementadas pela sociedade civil, também estamos ansiosas para ver parte desse trabalho sendo celebrado e apoiado o mais rápido possível.

O objetivo de compartilhar essa coleção de estratégias não é apontar nenhuma “solução mágica” ou “solução definitiva”, mas sim compartilhar alguns possíveis caminhos a seguir. Talvez seja cedo para dizer qual será o impacto de longo prazo que gerarão algumas das estratégias que compartilhamos aqui. No entanto, se as sementes que estão sendo plantadas não forem regadas, nunca saberemos.

---

<sup>168</sup> Wardle, “Misunderstanding Misinformation;” Bateman and Jackson, “Countering Disinformation Effectively.”

# Um olhar mais atento às sementes que queremos regar

Considerando o que foi exposto acima, esta seção destaca alguns trabalhos inspiradores e transformadores que surgiram em nossa pesquisa.<sup>169</sup>

Em vez de categorizar as iniciativas pelas técnicas por trás de suas intervenções (por exemplo, exemplos de checagem de fatos, exemplos de alfabetização midiática, exemplos de jornalismo local e assim por diante), estamos agrupando amplamente as estratégias por tipo de impacto, em outras palavras, pelas mudanças que elas trazem ao ecossistema de informações. Em vez de apontar para uma ou duas intervenções como “soluções bem-sucedidas”, nossa abordagem reconhece que o que pode ser necessário é uma diversidade de atores trabalhando com vários tipos de estratégias.

Nesta seção, destacamos as seguintes estratégias:

- 01.** Enfrentando os desafios de informação a partir de uma abordagem de ecossistemas
- 02.** Garantindo que as reais necessidades informacionais das pessoas sejam priorizadas
- 03.** Trabalhando em nível local: cultivando um senso de comunidade
- 04.** Diminuindo as distâncias: criando conversas significativas e indo além dos espaços digitais
- 05.** Criando a infraestrutura que imaginamos: construindo novos sistemas centralizando o meio ambiente, os contextos, os conhecimentos tradicionais e as tecnologias existentes
- 06.** Protegendo aqueles que sofrem com os impactos dos ecossistemas de informação que são hostis a ativistas, comunicadores e jornalistas
- 07.** Colaborando para criar ecossistemas saudáveis

---

<sup>169</sup> Há várias organizações, coletivos, grupos e indivíduos que também estão liderando o trabalho de enfrentamento desses desafios e que não estão listados aqui devido ao escopo limitado desta pesquisa, que não pretende ser um mapeamento detalhado e definitivo.



# 01

## Enfrentando os desafios de informação a partir de uma abordagem de ecossistemas

Conforme observado na Parte 1, uma perspectiva de ecossistemas permite que os atores entendam melhor e respondam às necessidades de informação das pessoas, além de compreender as interconexões mais amplas dos fluxos de tecnologia e informação.

### Ilex Acción Jurídica

#### *Trabalhando na costa do Pacífico da Colômbia, conectando mulheres com apoio jurídico*

Dayana Blanco Acendra, da Ilex Acción Jurídica, uma organização composta por advogadas afro-colombianas que lutam pela justiça racial por meio de mobilizações e pesquisas jurídicas,<sup>170</sup> considera que uma abordagem de ecossistema é essencial para seu trabalho de justiça reprodutiva na costa do Pacífico colombiano. A criação de diálogos inclusivos é a base de seu trabalho, diz ela - especialmente ao transmitir informações importantes, pois é essencial entender de onde as pessoas estão vindo:

Estamos um pouco cansadas de não sermos as sujeitas ativas de nossa própria pesquisa, com o grande poder transformador e técnico que nós, afrodescendentes, temos - e é por isso que nasceu uma organização como a *Ilex*. Todo o nosso trabalho é feito em uma estrutura de troca de conhecimento e diálogo... Isso significa que nós iríamos, elas nos ensinariam algo e nós também compartilharíamos parte do nosso conhecimento com elas.

<sup>170</sup> “¿Quiénes somos?” ILEX -Acción Jurídica, acessado 27 de junho de 2024, <https://ilexaccionjuridica.org/nosotros/quienes-somos/>.

Com essa perspectiva, a Ilex trabalha com associações de parteiras para promover a educação reprodutiva, principalmente o direito de escolha da mulher. Embora legalmente exista uma legislação de descriminalização que protege o aborto até a 24ª semana, na prática existem muitas outras barreiras para que as mulheres tomem livremente essas decisões, inclusive os imaginários morais e culturais que envolvem a interrupção voluntária da gravidez. “Existem outras coisas além da informação. Estamos falando da mesma questão sobre a confiança nessas lideranças, sobre quem é quem, que legitimidade existe no território. Sobre quem possui uma legitimidade considerada uma fonte valiosa de informações e como.”

Com frequência, quando mídias não-locais e organizações urbanas chegam aos territórios rurais, elas são alvo de desconfiança, em parte porque “elas não chegam com a intenção de ouvir quais são as fontes legítimas de informação”. Para combater isso, a Ilex trabalha para integrar as mulheres dessas comunidades em seu trabalho de incidência política, criando relacionamentos de longo prazo baseados na confiança mútua e em nós de informações de longa data. Além das associações de parteiras, a Ilex trabalha com diferentes agentes em todo o ecossistema de informações local, incluindo organizações locais, advogadas e membras da comunidade, para criar uma base de informações e um senso de confiança.

A Ilex constata que o aborto é algo que pode gerar muito medo e culpa nas pessoas. Estabelecer pessoas e locais de conhecimento com quem/onde elas possam ter conversas abertas e transparentes é um ponto de partida importante nesse trabalho. Elas se comunicam através de áudios em grupos de Whatsapp e espaços de reuniões comunitárias.

Em termos práticos, [alguém pode estar] na loja comprando um quilo de arroz, e [ela] se depara com [sua] vizinha e ela diz: “Ei, olha, eu estava em uma reunião com algumas meninas [de uma organização] chamada Ilex... E elas estavam falando sobre uma decisão lá. Ela aumenta o número de semanas para interromper a gravidez para 24 semanas....”<sup>171</sup>

Ao diminuir a distância entre os produtores de informações e as comunidades, a Ilex está adotando uma abordagem abrangente para garantir que as mulheres sejam informadas sobre as opções disponíveis para elas.



## 02

### Garantindo que as reais necessidades informacionais das pessoas sejam priorizadas

Garantir que existam canais e caminhos adequados para atender às necessidades de informação das pessoas é crucial, assim como assegurar que as reais necessidades de informação das pessoas estejam no centro deste trabalho - por exemplo, através do jornalismo participativo, troca de diálogo e exercícios de escuta.

Nesta seção compartilhamos exemplos de trabalhos que atendem às necessidades informacionais das pessoas, e dessa forma trabalham com as comunidades para garantir que elas possam utilizar essa informação para tomar decisões, votar, criar notícias, informar outros e inspirar mudanças.

#### MalaYerba

##### *Representando as histórias de afrodescendentes e povos indígenas*

MalaYerba é um meio especializado em jornalismo focado em problemas socioambientais na América Central, com o objetivo de democratizar informações sobre crises hídricas, alimentares e climáticas, além de registrar o deslocamento forçado de populações vulneráveis às crises climáticas e megaprojetos. Carolina Amaya compartilha que em MalaYerba há uma busca constante por contar as histórias de populações afrodescendentes e indígenas, não apenas sobre temas ambientais, mas também em histórias focalizadas em direitos humanos e liberdades. Para ela, fazer esse tipo de jornalismo é nadar contra a correnteza e perturbar frequentemente o status quo: “É por isso que se chama malayerba, porque, sabe, a erva daninha é aquela espécie que você não quer em lugar nenhum. Você quer erradicá-la, não é? Então, a erva daninha, não importa o quanto você queira, não importa o quanto você a corte, ela sempre voltará.”<sup>172</sup>

## Mullu

### *Documentário participativo*

Desirée Yépez, da Mullu TV e Radio Ambulante, nos faz refletir sobre as notícias não como bens, mas como serviços. Ela defende a importância de que as comunidades que tradicionalmente estiveram “fora da tomada de decisão”, como as comunidades indígenas e afrodescendentes, tenham papéis ativos sobre quais histórias são contadas. O coletivo audiovisual Mullu utiliza o cinema e o jornalismo como “plataformas para lutar por um mundo mais justo, diverso e coletivo”.<sup>173</sup> Desirée explica como sua metodologia inclui a criação e distribuição colaborativa de filmes, reportagens e vídeos, nos quais as histórias e as realidades das comunidades indígenas, afrodescendentes e da linha de frente são amplificadas:

O que fazemos é integrar membros dessas comunidades na equipe para tentar desenvolver espaços de troca onde possam aprender sobre as partes mais técnicas do jornalismo ou sobre partes metodológicas específicas. E aprofundar e aprender detalhadamente sobre suas histórias. Quando fazemos exposições desses documentários nessas comunidades, geramos reflexões. São documentários de alta qualidade em termos de imagem, com o poder narrativo do jornalismo.<sup>174</sup>

Desirée também compartilhou um exemplo de alguns projetos documentais concluídos por Mullu, todos os quais envolveram filmagens em várias comunidades no Peru, Equador e México. A equipe trabalhou ao lado das pessoas que viviam nessas comunidades, integrando-as à equipe do projeto e criando caminhos para o diálogo e reflexão.<sup>175</sup>

## I25A

### *Atendendo às necessidades da comunidade por meio da Avenida Comunidad na Cidade da Guatemala*

O Instituto 25A estabeleceu um programa chamado Avenida Comunidad<sup>176</sup> na Cidade da Guatemala com o objetivo de promover um senso de pertencimento comunitário mais forte e responder às necessidades de informação da comunidade. Inspirado pelas mobilizações de 2015,<sup>177</sup> a Avenida Comunidad dedica-se a apoiar setores específicos da cidade. Em nossa entrevista Sandra Xoquic disse:

---

<sup>173</sup> “Mullu,” Mullu, acessado 26 de junho de 2024, <https://mullu.tv/>.

<sup>174</sup> Entrevista com Desirée Yépez

<sup>175</sup> Entrevista com Desirée Yépez

<sup>176</sup> “Aprendizaje y Comunidad,” Instituto 25a, acessado 26 de junho de 2024, <https://i25a.gt/aprendizaje-y-comunidad/>.

<sup>177</sup> Em 2015, houve uma série de manifestações na Guatemala devido ao envolvimento do presidente com vários escândalos e corrupção política que levaram à sua renúncia no mesmo ano. Leia mais: Juan Paullier, “La revolución pacífica en la región más violenta del mundo,” BBC News Mundo, (Setembro de 2015), [https://www.bbc.com/mundo/noticias/2015/09/150903\\_guatemala\\_renuncia\\_otto\\_perez\\_molina\\_revolucion\\_tranquila\\_jp](https://www.bbc.com/mundo/noticias/2015/09/150903_guatemala_renuncia_otto_perez_molina_revolucion_tranquila_jp).

Esse é o horizonte que temos como instituto... É essa busca para afirmar a confiança do senso de comunidade do bairro entre as pessoas da vizinhança, por meio de ferramentas como teatro e muralismo, com o uso da metodologia da educação popular, gerando reflexão crítica sobre as condições de vida nas áreas onde vivemos. Nossos processos de pesquisa comunitária também nos deram dados sobre como a população se desloca dentro da cidade, quem são, o que fazem e quais são suas necessidades.

Ao fazer este trabalho, a natureza política de fomentar um senso de pertencimento é reafirmada:

Queremos que as pessoas se sintam realizadas vivendo em seu território. O I25A busca, junto com as pessoas, entender que nosso dia a dia é condicionado por decisões políticas e isso impacta nossas vidas através, por exemplo, de serviços públicos como segurança, transporte, educação e saúde.

Alguns dos projetos em que a *Avenida Comunidad* trabalhou incluem programação de rádio comunitária e um projeto de mural, reunindo idosos e jovens da comunidade. A comunidade é central para todos os elementos deste trabalho, com a tecnologia sendo usada como uma ferramenta para facilitar a comunidade, bem como interações presenciais. Sandra dá o exemplo:

Nos territórios comunitários, isso é algo natural, algo que herdamos de nossos avós, de nossos pais. Agora que a tecnologia foi adicionada, usamos o WhatsApp, mas anteriormente, quando havia uma assembleia, chamávamos de *Cabildo Abierto*, convocávamos as pessoas e íamos de porta em porta... [para] também a construção comunitária. Para mim, isso é muito parte da organização. Dentro da organização, há alguém que cuida da água, há alguém que cuida da proteção territorial, há alguém que também cuida da estrada. Estamos constantemente em comunicação. Conheço meu vizinho e assim por diante. É reconhecido que há, por exemplo, uma liderança, porque também fazemos serviço comunitário através da Prefeitura Indígena; ou seja, reconhecemos nossas autoridades locais e sabemos qual é a função delas dentro de nossa comunidade. Em outras palavras, estamos muito imersas na comunidade, nada está desconectado do nosso trabalho político diário. Essa experiência nos ajudou para que os moradores da Cidade da Guatemala possam se organizar em seus bairros.

Essa estrutura, de trabalhar de dentro da comunidade para fora, permitiu ao I25A utilizar uma variedade de formas de comunicação, tecnologias e estratégias educacionais para garantir que os membros da comunidade fiquem informados e conectados às necessidades de informação uns dos outros.



## 03

### Trabalhando em nível local: cultivando um senso de comunidade

Como visto no caso do I25A, o fortalecimento do “local” nos ecossistemas de informação locais é essencial para desenvolver um senso de pertencimento e combater a polarização. Durante todo este projeto ecoou a sensação de que as iniciativas de informação locais, e lideradas pela comunidade, são fundamentais para promover ecossistemas de informação mais fortes na região como um todo.

Em nossas conversas, chamadas comunitárias e entrevistas, o trabalho que fortalece os ecossistemas de informações locais foi descrito de várias maneiras, o que é um indício de como esse tipo de trabalho pode ser diverso por natureza. Às vezes, os entrevistados descreviam as iniciativas de informações locais como um trabalho que está sendo liderado pelas comunidades locais; às vezes, as iniciativas de informações locais eram descritas mais detalhadamente como iniciativas que respondiam de forma eficaz às necessidades de informações das pessoas em seus contextos locais; outras vezes, as iniciativas de informações locais eram descritas como uma combinação de ambas as coisas. O mais importante é que as iniciativas que estão trabalhando para melhorar os ecossistemas de informações locais estão lidando com a desigualdade de informações e facilitando o envolvimento cívico.

## Agência Mural

### *Brasil: Podcasts de informações sobre saúde pública*

Izabela Moi, da Agência Mural, do Brasil, descreve como eles usaram diferentes tipos de mídia local para transmitir informações importantes durante a pandemia de Covid-19:

Se você estiver no território, sabe o que está faltando, sabe o que funciona. Vou dar um exemplo da Agência Mural. No início da pandemia, todo mundo estava discutindo informações: [as pessoas estavam perguntando] como as pessoas iriam sobreviver, não havia vacina, ninguém estava falando sobre máscaras e assim por diante. A equipe da Mural estava muito preocupada com o nosso público, por saber que entre suas famílias e seus amigos, ninguém ia poder ficar em casa. Todos estavam fazendo trabalhos essenciais. No ano em que ‘todos pararam’, essas pessoas não pararam, continuaram fazendo seu trabalho. Elas precisavam se proteger. Elas não tinham dinheiro para comprar informações em paywalls de jornais... As informações tinham que chegar até elas. A nossa equipe disse: “Essa informação tem que chegar todos os dias via WhatsApp e áudio”. Fizemos um podcast de áudio todos os dias durante um ano, em 2020. O número de mensagens dizendo “obrigada, porque não consigo ler”, “obrigado, porque isso vai para o chat do grupo da minha família, para o chat do grupo dos meus amigos”. E todos diziam que as informações eram úteis.<sup>178</sup>

## Agência Mural e Énois

### *Garantindo o acesso a informações sobre processos eleitorais no Brasil*

Desde 2010, a Agência Mural de Jornalismo das Periferias vem produzindo jornalismo local que celebra as complexidades das periferias de São Paulo e reconhece a importância política das comunidades locais. Com uma equipe diversificada, a Agência Mural faz jornalismo local por pessoas da periferia, para as periferias, com o objetivo de combater estereótipos e garantir o acesso a informações.<sup>179</sup>

Fundada em 2009, a Énois é um laboratório que trabalha para impulsionar a diversidade, a representatividade e a inclusão no jornalismo brasileiro. Mais de 500 jovens de periferias já se formaram em jornalismo e mais de 4 mil alunos cursaram a Escola de Jornalismo on-line. Com o tempo, esses jovens, por meio da Énois, produziram conteúdo em parceria com veículos de comunicação de alcance nacional.<sup>180</sup>

<sup>178</sup> Izabela Moi em uma entrevista com Izabela Moi e Nina Weingrill

<sup>179</sup> Saiba mais sobre o impacto que a Agência Mural tem gerado na vida dos moradores de São Paulo: “Na Vida Real,” Agência Mural, acessado 26 de junho, 2024, <https://agenciamural.org.br/institucional/impacto/>.

<sup>180</sup> Saiba mais sobre o trabalho da Énois: “Projetos”, Énois, acessado em 26 de junho de 2024, <https://enois-conteudo.com.br/projetos>.

Em 2020, durante as eleições municipais de São Paulo, a Agência Mural e a Énois fizeram uma parceria para aumentar o acesso dos cidadãos às informações sobre os processos eleitorais. Juntas, elas contrataram carros de som para percorrer sete regiões da cidade e transmitir cinco episódios do podcast Em Quarentena. Produzidos pela Mural, os áudios foram dedicados a explicar o processo eleitoral aos seus ouvintes: moradores das periferias.<sup>181</sup>

Essa parceria resultou em mais de 35 horas de conteúdo compartilhado por toda a cidade, abordando desde as diferenças entre vereadores e prefeitos até o conteúdo do plano de metas referente às periferias - as quais a população tinha o direito de exigir e cobrar de seus representantes, uma vez eleitos.<sup>182</sup> Para elas, essa iniciativa foi uma resposta à desordem informacional que se tornou tão predominante na época das eleições no país: “Era urgente esclarecer a confusão que havia sido espalhada em grandes volumes, especialmente via WhatsApp. Pensar em maneiras de transmitir a mensagem ao público-alvo também exigia outra forma de produzir e distribuir informações.”<sup>183</sup>

---

**181** Moi and Weingrill, “A urgência de investir nos ecossistemas.”

**182** Essa parceria é apenas um exemplo de como a Agência Mural e a Énois estão trabalhando para garantir que as informações cheguem às pessoas. As duas organizações têm muitos outros projetos por meio dos quais estão trabalhando de forma criativa para melhorar os ecossistemas de informações. Saiba mais em [agenciamural.org.br](http://agenciamural.org.br) e [enoisconteudo.com.br](http://enoisconteudo.com.br).

**183** Moi and Weingrill, “A urgência de investir nos ecossistemas.”



## 04

### Diminuindo as distâncias: criando conversas significativas e indo além dos espaços digitais

Em nossa pesquisa encontramos várias iniciativas que trabalham para reduzir as distâncias ideológicas e políticas com estratégias que envolvem a promoção de espaços para conversas significativas, em oposição ao fornecimento de informações unidirecionais, e não se concentram exclusivamente em espaços digitais. Com isso, elas estão questionando as lacunas existentes entre “produtores de informação” e “receptores de informação” e trazendo mais pessoas para funções ativas dentro dos ecossistemas de informação.

Esse trabalho pode assumir muitas formas. Esta seção destaca alguns exemplos.

#### Colectivo Noís Radio

##### *Colômbia: O rádio como um “medio de conversación”*

O Colectivo Noís Radio, na Colômbia, cria programas de rádio ao vivo que integram paisagens sonoras com voz, música e performances.<sup>184</sup> Elas não se consideram uma rádio tradicional, mas veem seu trabalho como um “medio de conversación” (meio de conversas) para a troca fluida de informações.<sup>185</sup>

#### Agencia Baudó

##### *Colômbia: “Jornalismo que conecta comunidades”*

A Agencia Baudó está usando ferramentas de comunicação inovadoras para fazer “jornalismo que conecta comunidades”, cobrindo questões ambientais e climáticas, paz e conflito, gênero e inclusão.<sup>186</sup> A Agencia Baudó trabalha com contadores

<sup>184</sup> “Convite,” Noís Radio, acessado em 26 de junho de 2024, <https://noisradio.co/>.

<sup>185</sup> Paes, “To improve the information ecosystem.”

<sup>186</sup> “Baudó,” Baudó Agencia Pública, acessado em 26 de junho de 2024, <https://baudoap.com/>.

de histórias que não são apenas fornecedores de informações, mas líderes locais que trabalham em suas comunidades para a transformação social. Um de seus projetos, Los Rastros del Cambio Climático, apresenta uma representação audiovisual de como a emergência climática toma forma na América Latina, com fotos, vídeos e áudio que trazem as vozes dos povos indígenas.<sup>187</sup>

## data\_labe

### *Brasil: Coletando dados ambientais através do Whatsapp*

O CocôZap do data\_labe usa dados gerados por moradores para exigir justiça ambiental nas favelas do Rio de Janeiro.<sup>188</sup> Em uma cidade onde quase um milhão de pessoas vivem em áreas com risco de inundações ou deslizamentos de terra, a emergência climática piorou a situação, especialmente para as pessoas de bairros de baixa renda e de maioria negra.<sup>189</sup> No Complexo de Favelas da Maré, onde muitos têm sofrido com enchentes e falta de saneamento,<sup>190</sup> o data\_labe criou o CocôZap como uma ferramenta para os membros da comunidade relatarem suas experiências com água e saneamento, usando o WhatsApp para enviar fotos, vídeos e histórias.

Os dados vão para sua própria base de dados, projetada para complementar os dados governamentais – que muitas vezes negligenciam as formas desproporcionais pelas quais as injustiças ambientais impactam as pessoas que vivem nas favelas. A equipe do CocôZap, composta por jovens da Maré, se reúne frequentemente com os vizinhos e produz artigos sobre justiça ambiental, promovendo uma conversa contínua. O CocôZap é simples e altamente sofisticado ao mesmo tempo. A construção cidadã de dados para/ com uma comunidade é um trabalho que exige uma compreensão profunda das necessidades complexas da comunidade e uma visão crítica de como os dados “oficiais” do governo podem ser insuficientes (e, em alguns casos, tendenciosos).<sup>191</sup> Com o CocôZap e outros projetos, o data\_labe ajuda a moldar a conversa sobre justiça ambiental e climática nas favelas brasileiras.

Construir relacionamentos com comunidades não é fácil. Uma jornalista de um país caribenho compartilha como, embora algumas iniciativas em seu país possam dar os passos técnicos para estabelecer canais de comunicação, isso pode não ser suficiente para que a conversa ocorra:

---

<sup>187</sup> “Los Rastros del Cambio Climático,” Baudó Agencia Pública, acessado em 26 de junho de 2024, <https://baudoap.com/cambio-climatico-en/>.

<sup>188</sup> “Coco Zap,” data\_labe, acessado 26 de junho 2024, <https://cocozap.datalabe.org/>.

<sup>189</sup> André Trigueiro, “RJ tem 925 mil pessoas vivendo em áreas de risco de enchentes ou deslizamentos, diz estudo,” Globo, (Fevereiro de 2022), <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/02/25/rj-tem-925-mil-pessoas-vivendo-em-areas-de-risco-de-enchentes-ou-deslizamentos-diz-estudo.ghtml>; “Chuvas no Rio repetem tragédia anunciada e acentuam desigualdades,” Observatório do Clima, (janeiro 2024), <https://oc.eco.br/chuvas-no-rio-repetem-tragedia-anunciada-e-acentuam-desigualdades/>.

<sup>190</sup> Edilana Damasceno, “O clima mudou. E agora?,” Data \_Labe, 18 de novembro 2022, <https://datalabe.org/o-clima-mudou-e-agora/>.

<sup>191</sup> “Coco Zap.”

Há alguns meios de comunicação, por exemplo, que criam canais no WhatsApp ou Telegram, etc., mas não vejo essa comunicação ou esse relacionamento com a comunidade.<sup>192</sup>

O que parece ser essencial nas iniciativas que estão facilitando conversas significativas de maneira eficaz é que estão dando passos ativos para projetar estratégias que fomentem vínculos: estão ouvindo profundamente as necessidades e prioridades da comunidade, indo de encontro às pessoas e colocando as necessidades das pessoas no centro do seu trabalho.

## Mutante

### *Um movimento digital para a conversa cidadã*

Mutante é um “movimento digital para a conversa cidadã” que trabalha na América Latina criando alternativas para enfrentar a polarização, as fake news, a “tirania do clique” e as “agendas públicas” fabricadas por interesses privados. Focando em gênero, direitos humanos, saúde mental e meio ambiente, Mutante pratica o que chamam de “jornalismo participativo,” convidando o público a falar ativamente sobre seus problemas, construindo uma agenda pública coletivamente.<sup>193</sup> María Paula Murcia, Editora de Análise e Impacto na Mutante, explica:

Digamos que a Fundação Mutante parte da ideia de que o jornalismo não deve ser unilateral no sentido de produzir informações para pessoas que as consomem, mas não se sentem compelidas por elas ou não respondem a essas informações. Ao contrário ... [a Mutante trabalha com] uma ideia participativa e construtiva de jornalismo na qual existem diferentes agentes que têm a mesma validade. Nós entendemos as pessoas que consomem essa informação como agentes. Elas são fontes ... cujas histórias são tão legítimas quanto aquelas que se encontram, por exemplo, em reportagens tradicionais. Dessa forma, construímos o jornalismo participativo a partir das plataformas de rede social, que são a base da nossa infraestrutura de informações.<sup>194</sup>

A metodologia da Mutante prioriza “tecer relacionamentos e vínculos com as pessoas”, abrangendo três fases: *Hablar* (onde coletam histórias, opiniões e respostas a partir das perspectivas do público), *Comprender* (onde convidam especialistas a contribuir com evidências) e *Actuar* (onde implementam ações e conteúdos que empoderam os cidadãos a fazer algo sobre os problemas que estão enfrentando).

### **Começando por onde as pessoas estão**

Durante os primeiros anos da Mutante, a organização optou por não ter um site, mas sim focar na construção de um relacionamento com seu público nas plataformas e nos espaços mais comumente utilizados:

<sup>192</sup> Entrevista com um jornalista que trabalha em um país do Caribe

<sup>193</sup> “Somos Mutante,” Mutante, acessado 26 de junho 2024, <https://www.mutante.org/somos-mutante/>.

<sup>194</sup> Entrevista com María Paula Murcia;

No início... optamos por estar onde as pessoas estavam. No fim, construir um público que migre para uma página web a partir das plataformas de rede social tradicionais é muito complexo. Então fizemos ao contrário: primeiro construímos um público nas redes sociais, principalmente no Instagram, Facebook e Twitter, e a partir daí construímos um site.

Mutante promove conversas sobre questões de gênero, saúde mental, emergência climática e direitos humanos. Na época em que conversamos com a organização para esta pesquisa, *Mutante* estava promovendo conversas para ampliar o entendimento da mobilidade humana devido a causas climáticas na Colômbia e para expor as desigualdades por trás da pobreza energética nas ilhas colombianas. Desde então continuaram a criar espaços para o diálogo sobre os impactos da emergência climática.<sup>195</sup>

Uma estratégia fundamental descrita pelos entrevistados consiste em reconhecer que os ecossistemas de informação são formados por espaços on-line e off-line. Embora a lógica das plataformas digitais possa influenciar os fluxos atuais de informações, mesmo em contextos de baixa conectividade, muitas pessoas que participaram desta pesquisa destacaram a necessidade de se concentrar também em espaços não digitais para realmente fortalecer os ecossistemas de informações.

Muitas pessoas entrevistadas enfatizaram especialmente o valor de construir espaços para conversas em espaços físicos como uma forma de quebrar silos e o isolamento, e ajudar a fomentar um senso de comunidade. Por exemplo, as jornalistas Izabela Moi e Nina Weingrill explicam como isso pode ajudar indivíduos e comunidades a se tornarem mais resilientes à desinformação que circula nos espaços on-line:

Se não criarmos esses ecossistemas que são uma mistura [de espaços digitais e não digitais], como criamos essa resiliência? Em nossa visão [achamos importante levantar a questão]: “Mas e se nos afastarmos do digital?” Trata-se de fazer as pessoas verificarem essas informações na vida real. Por exemplo, sempre falamos sobre participar de conselhos municipais, sobre como isso é uma forma de acessar informações que fazem as pessoas saberem como verificá-las. Se uma pessoa é informada pelos serviços que acessa, ele será mais resiliente [à desinformação]. Quando há uma mensagem como “não se vacine, isso vai te matar”, se ela conhece o centro de saúde [público], e o centro de saúde tem uma relação informacional com ela, ela será mais resiliente [à informação falsa]. De qualquer forma, ainda acredito na imprensa local, por

---

<sup>195</sup> Mutante, “Refundar en “tierra firme”: Necesidades y acciones para hablar, comprender y actuar sobre el desplazamiento climático,” Mutante, (Fevereiro de 2024), <https://www.mutante.org/contenidos/refundar-en-tierra-firme-necesidades-y-acciones-para-hablar-comprender-y-actuar-sobre-el-desplazamiento-climatico/>; Juan Manuel Flórez Arias (con apoyo de La Liga Contra El Silencio), “La luz perdida: cuando el sol se apagó en las islas,” Mutante, (Março de 2024), <https://www.mutante.org/contenidos/la-luz-perdida-cuando-el-sol-se-apago-en-las-islas/>; Mutante (@Mutanteorg), “Alguna vez estuviste en una playa que, años después, desapareció? ¿Te preocupa lo que podría pasar con las playas en Colombia?...” Instagram, 19 de março de 2024, <https://www.instagram.com/mutanteorg/reel/C4tGEJBotcr/?hl=en>.

isso dizemos que é uma composição muito complexa,<sup>196</sup> mas protegerá as pessoas da [desigualdade informacional], talvez não completamente, mas oferecerá mais ferramentas para que as pessoas lidem com isso.<sup>197</sup>

## Instituto Lamparina

### *Mobilizando através de exposições públicas de arte*

O Instituto Lamparina construiu estratégias narrativas para causas de justiça social no Brasil que combinam campanhas digitais e cultura pop com uma forte presença em espaços físicos. Gabi Juns, diretora e cofundadora do Instituto Lamparina, explica a lógica por trás da campanha Juízas Negras Para Ontem, que coordenou exposições de arte nas ruas de todo o Brasil, para criar mobilização em torno da demanda de ter a primeira mulher negra juíza no Supremo Tribunal Federal do país:

Nossa ideia não é focar em campanhas puramente digitais... percebemos que podemos ter um impacto maior nas emoções das pessoas quando coisas reais acontecem. [Não focar exclusivamente em espaços digitais] traz esse senso de realidade. O [espaço] digital está em uma disputa cultural de desinformação, desconfiança e assim por diante. Mas quando vamos para a rua, construímos confiança no digital. Percebemos que às vezes ações muito simples, como colar um cartaz nos muros da cidade e ter uma foto disso nos jornais – quando temos [algo como esses cartazes destacados no] jornal, [a campanha] tem muito mais impacto do que [quando nada é] feito offline. Às vezes, coisas muito simples trazem um senso de “isso é real, isso está acontecendo”, e isso comove [os leitores]. É menos para as pessoas que passam pela rua e mais para [o impacto] de ter uma imagem de [uma intervenção na] vida real acontecendo.<sup>198</sup>

Considerando que o governo do Brasil é composto majoritariamente por homens brancos, essa iniciativa responde a uma necessidade urgente dos movimentos locais de justiça social.<sup>199</sup> Durante uma das chamadas comunitárias para este projeto, Nina Viera, curadora do Juízas Negras Para Ontem, compartilhou como reproduziram murais com obras de arte de 24 artistas em várias cidades do Brasil, atraindo a atenção da mídia.<sup>200</sup> Nina explicou como o uso da arte e da ação coletiva fez com que uma questão que era muito importante para os movimentos sociais fosse discutida na mídia tradicional e se impusesse no “imaginário”

---

<sup>196</sup> Para facilitar a compreensão, nesta seção, a pessoa entrevistada está se referindo à ideia de que a imprensa local faz parte de uma composição mais ampla de atores, como instituições locais de confiança, que deveriam estar trabalhando para combater a desigualdade de informações.

<sup>197</sup> Izabela Moi em uma entrevista com Izabela Moi e Nina Weingrill

<sup>198</sup> Entrevista com Gabi Juns

<sup>199</sup> Bruna Pereira and Macarena Aguilar, “More Black women are running for office in Brazil than ever. Can they win?,” Open Democracy, 23 de setembro de 2022, <https://www.opendemocracy.net/en/5050/black-women-candidates-brazil-general-election/>.

<sup>200</sup> “Mostra Nacional: Juízas Negras para Ontem,” Juízas Negras para Ontem, acessado 26 de junho 2024, <https://www.juizasnegrasparaontem.com.br/>.

nacional. Este projeto usou o espaço físico (bem como um espaço multimídia) para transmitir conscientização sobre uma questão para novos públicos, invocando novas representações de mulheres negras na mídia e provocando conversas públicas.<sup>201</sup>

## Quid e Instituto Lamparina Mobilização “polivocal” com sentimentos de esperança e de comunidade

A Quid e o Instituto Lamparina compartilharam conosco alguns aprendizados de seu trabalho em uma campanha coletiva, que envolveu muitos atores da sociedade civil, para fazer com que os jovens brasileiros se registrassem para votar durante uma das eleições mais importantes da história do país.<sup>202</sup>

Maíra Berutti, Diretora de Inteligência da Quid, fala sobre o trabalho de incentivar os jovens a votar – ela diz que focar na recuperação de sentimentos positivos anteriormente associados às instituições democráticas é fundamental:

Fizemos uma análise de escuta social que nos ajudou a entender o que estava sendo dito sobre o cadastro de título de eleitores, como os jovens estavam mobilizados ou desmobilizados em relação a essa questão [eleitoral]. Identificamos muita nostalgia [...] Tivemos essa primeira percepção de que precisaríamos resgatar um pouco disso, desse sentimento positivo que existia em relação àquele momento do voto. Depois, realizamos grupos de discussão para entender um pouco da desmotivação. Conversamos com jovens que já haviam se registrado para votar e jovens que não haviam, para podermos entender algumas dessas nuances.

Gabi Juns do Instituto Lamparina falou sobre como eles trabalharam dentro de um ecossistema de campanha – ou seja, um grupo de diferentes campanhas, de diferentes organizações, com objetivos semelhantes <sup>203</sup> – que enfatizou ao público que as questões sobre as quais estavam fazendo campanha não eram apenas questões “ativistas”: elas diziam respeito à vida das pessoas. Isso foi especialmente importante devido ao contexto altamente polarizado do Brasil:

---

**201** É importante observar que, ao mesmo tempo em que essa campanha estava acontecendo, outras organizações brasileiras também estavam fazendo campanhas com os mesmos objetivos, o que aumentou o impacto da campanha. A organização Mulheres Negras Decidem e o Instituto Marielle Franco, por exemplo, são duas organizações lideradas por mulheres negras que têm trabalhado para aumentar a participação política das mulheres negras e que realizaram campanhas de alto impacto.

**202** Essa campanha envolveu muitos atores da sociedade civil no Brasil e incentivamos os leitores a saber mais sobre esse esforço colaborativo: “Speak Yourself: Mobilizing Youth to Win Brazil’s 2022 Election,” Words to Win By, podcast, accessed 26 de junho 2024, <https://wordstowinby-pod.com/speak-yourself/>; Letícia Paiva, “Mobilizações nas redes sociais buscam aumentar peso do voto jovem nas eleições 2022,” Jota, (abril 2022), <https://www.jota.info/eleicoes/mobilizacoes-nas-redes-sociais-buscam-aumentar-peso-do-voto-jovem-nas-eleicoes-2022-25042022?non-beta=1>; Mariana Sanches, “Quem está por trás de campanha por voto jovem postada por Leo DiCaprio e que irritou Bolsonaro?,” BBC News Brasil, (maio 2022), <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61347034>.

**203** “Words To Win By,” Words to Win By, podcast, acessado 26 de junho 2024, <https://wordstowinby-pod.com/wp-content/uploads/2023/12/BRAZIL-WORDS-TO-WIN-BY-S3-Google-Docs.pdf>.

Acho que o que acertamos muito [na campanha] foi encontrar [vários] canais e mensageiros, não [apenas] ativistas. [Para que o público] entenda que nossas causas não são causas “ativistas”: são sobre a vida. E então conseguimos algumas coisas em 2022 que foram interessantes: em vez de todas as organizações fazerem uma única campanha, entendemos que iríamos para uma estratégia de muita diversidade. [Com isso], também criamos a sensação de que todos estão falando sobre [o assunto] – não apenas um “pequeno grupo de ativistas”. Estamos vendo a força da “pulverização”. Então, se eu tiver que fazer materiais de campanha para cinco organizações poderem se posicionar com cinco identidades [visuais] diferentes, eu vou fazer.

Com isso, a campanha se definiu como “polivocal”, com “muitas vozes se unindo, cada voz individual e distinta falando por mudanças na mesma direção”. Elas usaram mensagens que inspirariam os jovens a votar, trazendo as razões pelas quais votariam (como “Vá votar pela Floresta Amazônica” ou “Vá votar pela participação indígena na política”) e usaram estratégias criativas como trabalhar com o fã-clubes de uma banda de K-Pop popular, obter apoio de celebridades e influenciadores e criar peças bonitas que aludissem ao futuro progressista pelo qual estavam trabalhando.<sup>204</sup>

Em 2022, ano em que essa campanha foi lançada, o Brasil teve um número recorde de jovens eleitores se registrando para votar.<sup>205</sup>

---

<sup>204</sup> “Words To Win By.”

<sup>205</sup> “TSE comemora número recorde de jovens eleitores nas Eleições 2022,” Tribunal Regional Eleitoral-CE, last updated 19 de junho 2022, <https://www.tre-ce.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Maio/tse-comemora-numero-recorde-de-jovens-eleitores-nas-eleicoes-2022>.



## 05

### **Criando a infraestrutura que imaginamos: construindo novos sistemas centrados no meio ambiente, nos contextos, nos conhecimentos tradicionais e nas tecnologias existentes**

Nossos entrevistados e outras pessoas com as quais interagimos durante esta pesquisa enfatizaram a necessidade de infraestrutura que respeite diferentes tradições de conhecimento, especialmente indígenas e quilombolas, e que evite métodos extrativistas.

Ao longo de nossa pesquisa, nossos entrevistados e participantes das chamadas comunitárias compartilharam exemplos de como têm literalmente construído novos sistemas e infraestruturas digitais do zero, para permitir que uma diversidade de atores contribua na produção, uso e compartilhamento de informações.

Esses métodos se baseiam no conhecimento de comunidades e líderes indígenas, quilombolas e afrodescendentes, reconhecendo que essas fontes de conhecimento e formas de saber são cruciais para disseminar informações. Eles incorporam a justiça climática e o meio ambiente como elementos centrais.

Em nossa terceira chamada comunitária, Kiado Cruz, da Indigital Initiatives, nos lembrou que, ao desenvolver infraestrutura, devemos lembrar do custo ecológico das novas tecnologias. Ele trouxe a conversas ideias de reciclar infraestrutura e re-investigar soluções existentes para construir uma infraestrutura mais robusta. Em toda a região, outros também estão pensando em como a infraestrutura pode ser construída de maneiras mais alinhadas com a justiça socioambiental. Por exemplo, uma organização no Brasil, Coolab, desenvolveu um protótipo de torre de bambu como uma infraestrutura de rede comunitária mais inclusiva e local.<sup>206</sup>

Amaryllis Llanos, do Movimiento Cesar sin Fracking y Sin Gas, também alertou contra as práticas extrativistas e os resíduos minerais que comumente ocorrem na adoção de novas tecnologias. Ela nos lembrou que deve haver um equilíbrio entre ampliar o acesso à informação e respeitar o meio ambiente.<sup>207</sup>

---

<sup>206</sup> Krishnakumar Singh et al., “Bamboo for community networks: A plantation manual for Green Tower infrastructure,” APC and Rhizomatica, (Fevereiro 2023), <https://www.apc.org/sites/default/files/final-book-english.pdf>.

<sup>207</sup> Johnson, “The hill is no longer called by its own name.”

A pesquisadora brasileira Thiane Neves Barros compartilha como é necessário uma reestruturação e “reimaginação” de como a infraestrutura se dá na Amazônia. Ela discute como, em sua perspectiva, o governo do Brasil não priorizou a região amazônica, apesar de cobrir mais da metade do território nacional. Em termos de acesso à internet, ela argumenta que o desenvolvimento de mais infraestrutura deve refletir as necessidades e contextos das pessoas. Ela diz:

Precisamos pensar em como podemos revisar esse modelo de negócios e, ao mesmo tempo, garantir e estimular a participação comunitária. Porque, da mesma forma que a rádio comunitária revolucionou as redes comunitárias, o acesso à internet hoje pode ser uma oportunidade para se apropriar da tecnologia, acesso e apropriação da tecnologia, e acesso e autonomia para as decisões comunitárias sobre o que fazer e como fazer.

Colocar as necessidades e a participação da comunidade no centro é fundamental na construção de infraestruturas, assim como respeitar as tradições de conhecimento e estruturas existentes.<sup>208</sup>

Criar sistemas de documentação e arquivos também é essencial para reter o conhecimento do que foi feito e do que funcionou. Às vezes, os projetos terminam devido a limitações de pessoal ou financiamento, mas as lições aprendidas e o conhecimento adquirido são fundamentais para construir novas infraestruturas e práticas. Em entrevista conosco, Leonardo Aranda, do Medialabmx, compartilha:

O esforço é muitas vezes muito grande e é natural que chegue um momento de exaustão e você diga: “Bem, o projeto cumpriu seu ciclo de vida, ele desaparece.” E quando esses tipos de projetos desaparecem, muitas vezes não deixam história e muitas vezes não deixam arquivo. E isso faz parecer que nada foi feito quando muito foi feito. Estamos por aqui há dez anos, mas há espaços que talvez existam há 20; há [também] espaços que existiam há 20 anos e não existem mais hoje.<sup>209</sup>

Garantir que os projetos tenham uma pegada digital, documentar as histórias das organizações, preservar memórias e manter arquivos continuamente são maneiras pelas quais as organizações podem lembrar e construir sobre estruturas existentes.<sup>210</sup> Da mesma forma, além da documentação, escolher ferramentas e tecnologias que promovam autonomia e resiliência são outras áreas em que as organizações estão intencionalmente construindo infraestruturas. Em nossa entrevista com VitaActiva, elas comentaram que, com o advento de novas ferramentas e tecnologias, sentiram a necessidade de criar seus próprios sistemas enquanto tentam “usar as ferramentas

---

<sup>208</sup> Entrevista com Thiane Neves Barros

<sup>209</sup> Entrevista com Leonardo Aranda

<sup>210</sup> Para saber mais sobre nossa documentação, leia nossos blogs: Bárbara Paes, “How do we document (and communicate!) our work when there’s so much other work to do,” The Engine Room (blog), 24 de julho, 2023, <https://www.theengineroom.org/library/how-do-we-document-and-communicate-our-work-when-theres-so-much-other-work-to-do/>; Cathy Richards, “How to Tell Your Organisation’s Data Story,” The Engine Room (blog), 21 de março 2024, <https://www.theengineroom.org/library/how-to-tell-your-organisations-data-story/>.

sem que elas nos usem”.<sup>211</sup> Garantir autonomia, especificidade contextual e tomada de decisões ambientalmente conscientes na restauração das infraestruturas de informação é demorado, mas essencial para construir sistemas que prosperem.

## Como o Medialabmx está adotando abordagens inovadoras para contar histórias

Em seu trabalho, o Medialabmx critica a adoção de tecnologias e ferramentas pelo valor nominal. Em nossa entrevista, eles revelam o quão importante é questionar os “entendimentos dominantes” que definem o que é tecnologia e o que é mídia. Eles “expandem a noção de mídia e tecnologia” para incluir arte, bem como uma reflexão crítica sobre como usamos tecnologias digitais e como elas se relacionam com o espaço.

Eles levam essa estrutura para seu trabalho, usando tecnologia e arte de maneiras criativas para contar histórias. No projeto Voz Pública, que trabalhou para documentar relatos de violência de gênero, eles criaram uma plataforma on-line para que mulheres e pessoas não-binárias pudessem contribuir anonimamente com relatos pessoais, textuais e escritos, de violência de gênero.<sup>212</sup>

Dora Bartilotti, do Medialabmx, explica que a organização também queria combinar as materialidades dos têxteis e eletrônicos para o projeto:

O têxtil... estava [lá] para expandir a noção de tecnologia, como uma tecnologia a partir da qual poderíamos trabalhar diferentes metáforas sobre a relação entre corpo, território, texto têxtil, voz, corpo e espaço público. Com base nessas relações, uma série de têxteis foi gerada, que funcionava como um mecanismo de porta-voz que amplificava as histórias de violência de gênero coletadas na plataforma on-line.

O texto online acabou formando um banco de dados de histórias que depois eram automaticamente baixadas através do têxtil eletrônico e convertidas em voz por meio de um processo de síntese de voz. Tinha um pequeno programa, um micro laptop – e então também há metáforas entre mobilidade e corporeidade; para poder levar essas histórias para o espaço público.<sup>213</sup>

O Medialabmx também adotou abordagens inovadoras para visualizar e documentar casos de desaparecimentos forçados e extrativismo mineral no México por meio de práticas de mapeamento. A abordagem do Medialabmx – de ampliar nossa compreensão sobre o que é tecnologia e como interagimos com ela – resultou em plataformas poderosas que contam histórias usando uma variedade de materiais, metodologias e mensagens.

<sup>211</sup> Entrevista com Nicole Martin

<sup>212</sup> Para mais informação sobre esse projeto, visite: “Voz Pública”, Medialabmx, acessado 26 de junho 2024, <https://medialabmx.org/tag/voz-publica/>

<sup>213</sup> Entrevista com Dora Bartilotti



## 06

### Protegendo aqueles que sofrem os impactos da hostilidade: ativistas, comunicadores e jornalistas

Ecosistemas de informação saudáveis abrem espaço para fontes de informação diversas e pluralistas.<sup>214</sup> No entanto, como discutido anteriormente, a região da América Latina e o Caribe (ALC) muitas vezes não é segura para aqueles que trabalham para criar e disseminar informações. Para os indivíduos e organizações que se engajaram com esta pesquisa, a restauração dos ecossistemas de informação deve, portanto, incluir iniciativas destinadas a melhorar a segurança e o bem-estar de comunicadores populares, jornalistas e a sociedade civil.

Nesta seção compartilhamos aprendizados do trabalho de alguns dos indivíduos e organizações que contribuem para proteger e apoiar ativistas, jornalistas e comunicadores que enfrentam violência, ameaças de violência ou perseguição devido à natureza de seu trabalho.<sup>215</sup>

#### Vita Activa

##### *Um refúgio feminista contra a violência de gênero facilitada pela tecnologia*

Em toda a ALC, as demonstrações de machismo são comuns dentro do ecossistema de informação, com jornalistas, comunicadores e ativistas frequentemente sendo alvos das violências e ataques on-line que têm dimensões de gênero.

A violência de gênero facilitada pela tecnologia (VGFT, às vezes também referida como violência de gênero on-line) tem impactos críticos nas vidas das pessoas que a sofreram – interrompendo suas vidas, bem-estar e muitas vezes sua capacidade de realizar seu trabalho e ativismo. A VGFT é usada como estratégia

<sup>214</sup> Radsch, “From our Fellows.”

<sup>215</sup> Reconhecemos que há um extenso trabalho sendo feito em toda a região relacionado à proteção da sociedade civil e dos jornalistas, bem como várias listas e recursos de organizações que oferecem proteção, apoio à segurança, apoio jurídico e muito mais. Esta seção não pretende ser uma revisão extensa de todas as iniciativas que trabalham com essas questões na região, mas sim uma indicação de como esse trabalho é necessário e crucial.

para silenciar e censurar jornalistas, ativistas e comunicadoras – especialmente mulheres e pessoas LGBTQI+ – e tem repercussões mais amplas no ecossistema geral, afetando criticamente as condições para que fontes de informação diversas e pluralistas prosperem.

Um número crescente de iniciativas está combatendo essa tendência preocupante em toda a região, construindo ativamente estratégias para apoiar as pessoas impactadas pela VGFT e pavimentando o caminho para o que poderiam ser ecossistemas de informação mais saudáveis para a ALC.<sup>216</sup> Uma dessas iniciativas é a *Vita Activa*, um canal de atendimento (*helpline*) fundado em 2019 que fornece primeiros socorros psicológicos e digitais para mulheres e pessoas LGBTQI+, jornalistas, ativistas e defensoras dos direitos humanos que enfrentam violência de gênero on-line, estresse, ansiedade, fadiga crônica, trauma e dor.<sup>217</sup>

Nicole Martin, diretora da *Vita Activa*, diz:

Sempre citamos esses dados do IWMF que dizem que uma em cada três mulheres jornalistas considera deixar a profissão por causa de ataques e ameaças on-line. Isso é muito perigoso para o ecossistema de informação.<sup>218</sup>

Nicole compartilha como as principais ferramentas de trabalho da *Vita Activa* são a escuta ativa e os primeiros socorros psicológicos, pois lidar com a VGFT é uma experiência desestabilizadora e emocionalmente difícil, que muitas vezes deixa as pessoas que a vivenciam sentindo que perderam a autonomia e o controle:

Muitas vezes, em uma crise, a pessoa sente como se tivesse perdido o controle ou como se o controle de sua própria vida tivesse sido tirado, talvez parecendo como se agora sua própria vida estivesse nas mãos de outra pessoa. Nosso acompanhamento no canal de atendimento é especificamente dedicado a fornecer primeiros socorros psicológicos para equilibrar, focar e restaurar o senso de controle da pessoa.<sup>219</sup>

Entre muitas outras coisas, o trabalho da *Vita Activa* foca em garantir que a autonomia esteja nas mãos daqueles que sofreram o dano:

Nossa abordagem é a partir de um lugar de empatia e autodeterminação da pessoa. [Um lugar] da autonomia da pessoa para decidir, para tomar seu próprio rumo... Fazemos a estabilização emocional durante a crise, para que seja a pessoa que decida autonomamente como quer continuar [e lidar com a crise].<sup>220</sup>

---

**216** Listamos algumas dessas iniciativas aqui e incentivamos os leitores a explorar mais: Bárbara Paes, “10 inspiring initiatives fighting online political violence against women in Latin America,” The Engine Room (blog), 16 de outubro 2023, <https://www.theengineroom.org/library/10-inspiring-initiatives-fighting-online-political-violence-in-latin-america/>.

**217** “Somos una línea de ayuda/ We are a helpline,” *Vita Activa*, acessado 26 de junho 2024, <https://vita-activa.org/>.

**218** Entrevista com Nicole Martin. Ela cita um relatório da International Women’s Media Foundation que examina os perigos profissionais de ser uma jornalista mulher na mídia. Uma das descobertas é que um terço das mulheres jornalistas pensou em abandonar a profissão em decorrência de ataques e violência on-line. Leia mais: “Attacks and Harassment: The Impact on Female Journalists and Their Reporting,” International Women’s Media Foundation, acessado em 26 de junho de 2024, <https://www.iwmf.org/attacks-and-harassment/>.

**219** Entrevista com Nicole Martin

**220** Entrevista com Nicole Martin



# 07

## Colaborando para construir ecossistemas saudáveis

As pessoas entrevistadas por nós afirmaram que a colaboração e as redes permitem que diferentes atores se conheçam,<sup>221</sup> se manifestem em segurança (principalmente em contextos onde a liberdade de expressão é limitada)<sup>222</sup> e também expandam o trabalho do acesso à informação.<sup>223</sup> Em nossa primeira chamada comunitária, participantes comentaram sobre a importância do diálogo entre países na promoção de espaços onde ativistas e jornalistas possam trabalhar para construir ecossistemas de informação mais saudáveis. Parte dessa discussão abordou a necessidade de colaboração para discutir as tendências de desinformação na região e trabalhar juntos para antecipar ameaças antes que elas surjam.<sup>224</sup> Esse sentimento foi ecoado em nossa segunda chamada comunitária, onde um participante observou: “Se os atores que estão danificando os ecossistemas de informação são muito bons em colaborar, temos que ser ainda melhores.”<sup>225</sup> Os seguintes exemplos mostram colaborações bem-sucedidas das quais nossos entrevistados participaram, especificamente no combate à desordem informacional em várias áreas temáticas.

### CLIP

#### *Colaboração como elemento essencial do jornalismo investigativo*

Pablo Medina Uribe, do CLIP, explica que um elemento importante do seu trabalho de jornalismo investigativo é formar alianças transnacionais para investigar e entender tópicos relevantes em vários países. Isso permite amplificar o trabalho de seus parceiros e “ser capaz de investigar coisas que talvez não

<sup>221</sup> Entrevista com Tomás Lawrence

<sup>222</sup> Entrevista com Pablo Medina Uribe

<sup>223</sup> Entrevista com Stefano Wroblewski

<sup>224</sup> Paes, “To Improve the Information Ecosystem.”

<sup>225</sup> Paes, “Community Diagnosis.”

“pudéssemos investigar sozinhos.” Eles definem seu trabalho como adotando uma abordagem tradicional do jornalismo, com o objetivo de “fornecer ao público informações claras e concisas sobre como o poder se move,” especialmente na América Latina.<sup>226</sup>

Nós fazemos treinamentos para jornalistas – principalmente sobre como investigar melhor. Fazemos isso em vários tópicos, às vezes em pesquisas corporativas, às vezes em pesquisas de mercado internacional, às vezes em pesquisas digitais, às vezes em pesquisas digitais de código aberto e um pouco mais, dependendo da experiência que acumulamos nas pesquisas que fizemos... e a última coisa é que tentamos criar uma comunidade onde você encontra jornalistas, membros da sociedade civil e cidadãos interessados em alguns desses temas, onde podemos discutir melhor não apenas como cobrir esses temas, mas quais temas são importantes e como você pode fazer alianças além do jornalismo para abordar esses temas.

Eles explicam que, ao adotar essa abordagem colaborativa e focada na comunidade, são mais capazes de ver como os problemas estão interconectados. Por exemplo, podem ver paralelos na desinformação em torno de questões de mineração, emissões de carbono e corrupção corporativa. Ao conectar organizações da sociedade civil que trabalham com carbono e desinformação, novas conexões e estratégias surgem.<sup>227</sup>

Um exemplo do trabalho do CLIP é o projeto de jornalismo investigativo colaborativo Mercenários Digitais, uma investigação transnacional que é o resultado de uma aliança entre organizações de mídia da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Espanha, Estados Unidos, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.<sup>228</sup> Ao reunir evidências sobre o impacto de uma rede internacional de atores de desinformação operando na região, a investigação foi capaz de revelar como empresas de marketing político estão ligadas à extrema direita.

## Chequeado

### *Construindo alianças para checagem de fatos*

A Chequeado descobriu que a colaboração é um elemento essencial do seu trabalho de checagem de fatos. Em particular, eles encontraram valor nas coalizões para pesquisa e alianças durante processos eleitorais:

---

<sup>226</sup> Entrevista com Pablo Medina Uribe

<sup>227</sup> Entrevista com Pablo Medina Uribe

<sup>228</sup> Mercenarios digitales é uma investigação coordenada pelo CLIP e que incluiu Chequeado (Argentina), UOL e Agência Pública (Brasil), LaBot (Chile), Colombiacheck e Cuestión Pública (Colômbia), CRHoy, Interferencia e Lado B (Costa Rica), GK (Ecuador), Fact Chequeado (EUA), Ocote (Guatemala), Contracorriente (Honduras), Animal Político e Mexicanos Contra la Corrupción y la Impunidad (México), Confidencial y República 18 (Nicarágua), Ojo Público (Peru), El Surti (Paraguai), La Diaria (Uruguai) e três jornalistas investigativas (Bolívia e Espanha/Colômbia); Cazadores de Fake News (Venezuela), Fundación Karisma (Colômbia), Interpreta Lab (Chile), Lab Ciudadano (Honduras) e DRFLab (EUA); estudantes de “Using Data to Investigate Across Borders” dirigido por professora Giannina Segnini (University of Columbia, USA).

Em tempos eleitorais, começamos a fazer essas alianças com mais de 100 veículos de comunicação em todo o país para desmentir desinformação, e ao mesmo tempo desenvolvemos novas áreas que iam além do jornalismo e, então, desenvolvemos a área de educação para focar nos adolescentes, na alfabetização midiática. E também para trabalhar com jornalistas nas técnicas de checagem de fatos, e por fim a parte de inovação para desenvolver tecnologia.<sup>229</sup>

Essas colaborações permitiram que eles levassem o trabalho um passo além do inicialmente planejado:

Acho que nosso papel passou de criar uma publicação não tradicional, porque sempre fomos digitais, mas pensados como algo mais tradicional, para um espaço que tenta intervir em diferentes partes desse ecossistema e de diferentes maneiras.

Eles dão o exemplo específico de uma grande aliança da qual participaram, chamada *Reverso*, em 2019, 2021 e 2023. Antes desse trabalho, eles focavam em alianças mais direcionadas com instituições de mídia para escrever colunas, mas isso expandiu o trabalho para um compartilhamento mais intencional de recursos educacionais e informacionais. Eles disseram: “Começamos com a parte jornalística e depois veio a parte educacional e, então, a parte de inovação e tecnologia.”

Eles descobriram que alianças de pesquisa são uma estratégia eficaz no combate à desinformação por meio do compartilhamento de conhecimento, mapeamento dos fluxos de informação e realização de pesquisas. Olivia Sohr explica:

A segunda coisa é gerar alianças e espaços nos quais aqueles que têm essas diferentes capacidades possam interagir para gerar esse mapa. Acho que é muito importante e necessário ter pesquisas sobre as tendências mais gerais, sobre como a desinformação circula nas diferentes plataformas, entre plataformas e entre países e assim por diante, e que façamos muito disso como uma camada suplementar à própria checagem de fatos ou à checagem específica. Muitas vezes usamos a checagem de fatos específica como um insumo para então ter um quadro mais geral.<sup>230</sup>

Trabalhar em colaboração com outros jornalistas e pesquisadores permitiu um alcance expandido e esforços de checagem de fatos mais robustos.

---

<sup>229</sup> Entrevista com Olivia Sohr

<sup>230</sup> Entrevista com Olivia Sohr



# Conclusão

## Formas de apoiar a restauração dos ecossistemas de informação



No **Interlúdio**, apresentamos visões coletivas para ecossistemas de informação saudáveis e fortes que reunimos ao longo do desenvolvimento do projeto. Como parte de nossa pesquisa, também nos propusemos a mapear os recursos e o suporte necessários para os indivíduos e organizações que estão trabalhando para melhorar os ecossistemas de informação na América Latina e Caribe (ALC), enquanto se esforçam para tornar essa visão uma realidade.

Esta **Conclusão** resume essas necessidades, focando principalmente em dois temas amplos. O primeiro tema relaciona-se às necessidades tecnológicas e de dados que esses atores atualmente possuem – muitas das quais podem ser atendidas com maior apoio da comunidade de financiadores. O segundo tema foca nas maneiras pelas quais os financiadores e doadores podem amplificar seu apoio geral a esses atores.<sup>231</sup> Com base nas percepções reunidas anteriormente, agora estamos focados em identificar os recursos e apoios específicos que esses atores precisam para fortalecer e expandir ainda mais os projetos que estão funcionando.

---

<sup>231</sup> É importante observar que, ao longo de nossa pesquisa, as pessoas entrevistadas e participantes das chamadas comunitárias compartilharam conosco outros tipos de apoio e recursos dos quais o setor poderia se beneficiar, que poderiam vir de uma variedade de atores, incluindo governos, legisladores, organizações internacionais e universidades. Este relatório não explora essas questões em profundidade.

# Visão geral das necessidades tecnológicas e de dados dos atores que trabalham para aprimorar os ecossistemas de informação

Muitas das pessoas e organizações que participaram desta pesquisa estão usando tecnologia (ou estão interessados em usar tecnologia) em seus trabalhos.

Como uma organização que trabalha para garantir que organizações de justiça social estejam melhor equipadas para usar tecnologia e dados de maneira segura, responsável e estratégica, enquanto ativamente mitigam as vulnerabilidades criadas pelos sistemas digitais, estávamos curiosos para saber como a tecnologia e os dados poderiam amplificar ainda mais a força do trabalho daqueles que as utilizam de várias maneiras para construir ecossistemas de informação mais fortes na região.

Em nossas conversas com as pessoas que participaram desta pesquisa, pedimos que compartilhassem seus principais desafios e necessidades quando se trata do uso de tecnologia e dados. Nesta seção, compartilhamos uma visão geral desses desafios.

## Melhorando a resiliência digital em ecossistemas de informação hostis

Uma das necessidades mais comuns mencionadas pelos entrevistados e outras pessoas que participaram desta pesquisa foi a necessidade de fortalecer as práticas de cuidado digital e, tão importante quanto, ter acesso a recursos para melhorar sua resiliência digital.<sup>232</sup>

---

<sup>232</sup> Atualmente, a The Engine Room define a resiliência digital como: “um conjunto de práticas que apoiam a capacidade de uma organização de se proteger e responder a ameaças à segurança digital, de garantir o bem-estar de seus membros/indivíduos e de adotar infraestruturas que respondam às necessidades e aos contextos em constante mudança da organização e de seus membros”. Saiba mais Carolina Hadad, “New Project: Strengthening Our Digital Resilience,” The Engine Room (blog), 7 de julho de 2022, <https://www.the-engineerroom.org/new-project-strengthening-our-digital-resilience/>.

Como abordado em outras partes deste relatório, não é incomum que ativistas, jornalistas e comunicadores experimentem (ou se preocupem com a possibilidade de experimentar) violações de sua privacidade, vigilância por parte de Estados ou outros atores nocivos e outros incidentes de segurança.

Em nossa pesquisa, vimos que é crucial que aqueles que trabalham para melhorar os ecossistemas de informação tenham mais recursos para mitigar vulnerabilidades e melhorar a resiliência digital em nível organizacional, a longo prazo. Nesse sentido, alguns dos desafios mapeados durante esta pesquisa incluem acesso insuficiente a ferramentas que permitam colaboração e comunicação seguras, acesso limitado a recursos para apoiar a identificação de ameaças potenciais e mitigação de vulnerabilidades de segurança digital, desigualdades no acesso à internet e tecnologias digitais, e baixa disponibilidade de recursos para implementar processos internos que aumentariam sua resiliência digital.

## **Apoio para tomar decisões informadas sobre ferramentas tecnológicas alinhadas com valores de justiça social**

Outra área de apoio identificada através desta pesquisa é a construção de capacidades, e de recursos, para tomar decisões informadas sobre tecnologia de maneiras que estejam alinhadas com os valores políticos dos indivíduos e os objetivos organizacionais.

Foi visto como fundamental ter a capacidade e o acesso a recursos que permitam às organizações desenvolver e aprofundar o que foi chamado por alguns entrevistados de “visão crítica da tecnologia e dos dados.”

Ao longo das chamadas comunitárias e entrevistas, as pessoas que participaram desta pesquisa destacaram como, em sua percepção, há uma necessidade de a sociedade civil – e especificamente aqueles que trabalham para melhorar os ecossistemas de informação – entrar em um diálogo coletivo e crítico em torno do uso da tecnologia. Muitos falaram sobre seu interesse em engajar-se criticamente com tecnologias mainstream e, além disso, engajar-se com alternativas baseadas na justiça. Isso inclui ter recursos para tomar decisões sobre quais ferramentas usar de maneiras que estejam alinhadas com seu trabalho, usar e manter ferramentas de código aberto que respeitam a privacidade, hospedar ferramentas eles mesmos e/ou com parceiros, e participar de treinamentos que lhes permitam desenvolver intuição tecnológica e familiaridade com essas ferramentas.

## Capacidade de escolher, desenvolver e manter ferramentas tecnológicas e de dados

Há uma necessidade de apoio para acessar ferramentas e dados que permitam a jornalistas, comunicadores e outros atores entender e navegar melhor pelas complexidades dos ecossistemas de informação em que operam.

Por exemplo, jornalistas e comunicadores expressaram interesse em ter melhor acesso a ferramentas que lhes permitam “ouvir suas audiências” e entender com quais tipos de conteúdo elas se envolvem melhor, bem como ferramentas para construir seus próprios espaços digitais. Organizações da sociedade civil expressaram interesse similar em acessar ferramentas que lhes permitam entender melhor o comportamento das pessoas nas redes sociais e, conseqüentemente, fornecer-lhes mais dados para desenvolver estratégias sobre como se comunicar nessas plataformas.

Outro exemplo, mais relacionado ao trabalho de organizações que pesquisam desordem informacional e temas correlatos, é a necessidade de poder acessar dados que permitam às organizações fazer monitoramento de mídias sociais. Quando se trata de organizações que afirmam a necessidade de usar ferramentas para verificar a veracidade do conteúdo que está circulando nos ecossistemas de informação, pessoas que entrevistamos compartilharam que essas ferramentas são caras e exigem habilidades técnicas, o que pode se tornar um obstáculo.

## Indo para além da novidade: desenvolvendo soluções tecnológicas próprias para além do protótipo

Durante nossa pesquisa, organizações compartilharam como, em sua percepção, parece haver mais interesse dos financiadores em apoiar trabalhos inovadores, novas soluções e protótipos – e menos financiamento disponível para mover um produto além da fase de protótipo e para a fase de desenvolvimento. Mais financiamento para o desenvolvimento permitiria que mais organizações, por exemplo, compartilhassem a tecnologia que desenvolvem com outras organizações, pensassem mais estrategicamente sobre o uso potencial dessa tecnologia a longo prazo, e/ou a melhorassem ainda mais até o ponto desejado.

Olivia Sohr, do Chequeado, explica como o financiamento para a manutenção de ferramentas pode ser essencial:

Na verdade, neste exato momento, estamos em um processo com cinco organizações latino-americanas, além de nós mesmos, fazendo iterações para uma ferramenta que desenvolvemos como versão beta. É uma ferramenta de monitoramento de redes sociais que permite ter uma espécie de painel com [informações que] circulam no Twitter, Facebook, Instagram, TikTok, YouTube, Telegram, tudo em um só lugar. Desenvolvemos a versão beta e agora acabamos de garantir financiamento para a próxima fase, não apenas para desenvolvê-la,

mas para fazê-lo junto com essas organizações e receber feedback de outras. A ideia não é desenvolver algo que seja útil apenas para o Chequeado, mas envolver outras organizações desde o início para ter suas contribuições.<sup>233</sup>

Uma pessoa entrevistada que trabalha com participação política e alfabetização midiática descreveu como enfrenta desafios para garantir recursos para manter um de seus projetos - um banco de dados que apresenta uma visão geral das “narrativas que circulam nas redes sociais”... “O sonho para nós seria ter um observatório muito mais permanente.”<sup>234</sup>

## Apoio na luta por infraestrutura tecnológica que centraliza a justiça climática e ambiental

Desigualdades no acesso à internet, bem como desigualdades mais amplas no acesso às tecnologias de informação e comunicação, foram observadas como desafios ao trabalho de indivíduos e organizações que trabalham por melhores ecossistemas de informação. Essas desigualdades refletem um quadro maior que afeta especialmente pessoas de comunidades historicamente marginalizadas por sistemas opressivos.

No trabalho das organizações da sociedade civil, essas desigualdades geram obstáculos práticos para seus esforços de tentar garantir que informações de qualidade cheguem às pessoas em suas atividades diárias. Apoiar o desenvolvimento de infraestrutura que seja respeitosa ao meio ambiente e específica para o contexto, para reduzir as divisões digitais e incluir comunidades excluídas, é um desafio contínuo. Os entrevistados indicaram que resolver questões relacionadas à falta de infraestrutura pode exigir, por exemplo, intervenção governamental para ampliar o acesso à banda larga por meio de subsídios e investimento em comunidades rurais, bem como esforços gerados pela comunidade, como programas de rádio comunitária, redes comunitárias e espaços comunitários físicos.

Relacionado a isso, a necessidade de poder escolher infraestruturas digitais que apoiem a justiça climática e ambiental foi destacada como fundamental. Pessoas entrevistadas e participantes de chamadas comunitárias foram rápidos em indicar que o trabalho que busca aumentar o acesso à tecnologia e à internet deve ser conduzido de maneiras alinhadas com a justiça climática e ambiental, bem como com os direitos e necessidades daqueles mais afetados por injustiças sociais.

---

<sup>233</sup> Entrevista com Olivia Sohr

<sup>234</sup> Entrevista com um líder da sociedade civil que optamos por não identificar

## Capacidade de contratar especialistas na área de dados e tecnologia que estão interessadas em apoiar organizações da sociedade civil

Como visto na **Parte 1**, pessoas entrevistadas e participantes de chamadas comunitárias compartilharam seus desafios na contratação e manutenção de pessoal com expertise técnica, o que pode dificultar suas operações e projetos. Maíra Berutti, da Quid, compartilha como é difícil contratar profissionais de tecnologia em um mercado competitivo: “É a complexidade de contratar profissionais qualificados, porque [tecnólogos] são muito bem pagos no mercado privado. Então é muito difícil trazê-los [para o setor sem fins lucrativos] com salários competitivos.”<sup>235</sup> Gabi Juns, do Instituto Lamparina, compartilha dessa perspectiva: “E contratar equipes com esse conhecimento – isso é muito difícil para as ONGs, porque os salários são muito diferentes.”<sup>236</sup>

Olivia Sohr, do Chequeado, fala sobre como tem sido difícil manter uma equipe de tecnologia interna, mas ser capaz de fazer isso tem sido significativo para seu trabalho: “Ter uma equipe de programação que já está trabalhando em todas essas questões e que tem uma trajetória e assim por diante, também nos ajuda muito a saber onde colocar nossa energia.” María Paula Murcia, da Mutante, compartilhou como contratar pessoas com habilidades tecnológicas e uma compreensão da missão da organização ajudou a organização a avançar em seu trabalho. Ao mesmo tempo, isso não é viável sem financiamento dedicado: os entrevistados compartilham de que é desafiador arcar com os custos de contratação desses profissionais.

---

<sup>235</sup> Entrevista com Maíra Berutti

<sup>236</sup> Entrevista com Gabi Juns

# Um olhar sobre algumas das maneiras pelas quais os financiadores podem oferecer um maior apoio a saúde dos ecossistemas de informação

## Cultivando organizações sustentáveis

Um estudo recente intitulado “Panorama de financiamento filantrópico para ecossistemas de informação saudáveis”<sup>237</sup>, feito pela TAI-Collaborative revela que, globalmente, a proporção de recursos filantrópicos dedicados ao financiamento de projetos voltados para alcançar ecossistemas de informação mais saudáveis é muito baixa em comparação com outras áreas.<sup>238</sup> De acordo com Candid’s Foundation Directory, um banco de dados atualizado de doações filantrópicas organizadas por códigos temáticos que se especializam em dados dos Estados Unidos (EUA), apenas 2,7% dos fundos totais são alocados para essa área temática.<sup>239</sup> Além disso, uma parte significativa desses fundos permanece nos EUA; de acordo com esse banco de dados, apenas cerca de 6,2% do financiamento filantrópico para apoiar ecossistemas de informação foi canalizado para países beneficiários. Esses dados ecoam a escassez que frequentemente afeta o trabalho diário de vários indivíduos e organizações que participaram desta pesquisa.

Mirte Postema, do Independent Journalism Fund da Seattle International Foundation, observa que há cada vez menos opções para solicitar financiamentos que cubram mais de um ano de trabalho.<sup>240</sup> Isso representa desafios para organizações de

---

**237** No título original em inglês, “Philanthropic Funding Landscaping for Healthy Information Ecosystems”.

**238** Cristina Ordóñez, “Philanthropic funding landscaping for Healthy Information Ecosystems,” Tai Collaborative, (abril 2024), <https://taicollaborative.org/philanthropic-funding-landscaping-for-healthy-information-ecosystems>.

**239** Ordóñez, “Philanthropic funding landscaping for Healthy Information Ecosystems”

**240** Entrevista com Mirte Postema

jornalismo e da sociedade civil que buscam produzir informações confiáveis e independentes nesta região, em um contexto de assédio de regimes autoritários, violações de direitos humanos e pressão de empresas extrativistas. Ela diz:

Há também muito estresse e muito medo e muita escassez. A existência de limitações em termos de recursos significa que as colaborações são sempre desafiadoras, ou seja, como doadores, sempre teremos que garantir [que as colaborações sejam viáveis para as organizações]. Acho que só resolvendo essa situação de escassez será possível ter uma dinâmica de cooperação e coordenação muito mais fluida no ecossistema de informação.

Postema acrescentou que para haver mais colaboração, uma narrativa forte e criatividade, organizações e atores precisam de apoio e acesso a financiamentos estáveis e confiáveis.

Carolina Amaya, fundadora do MalaYerba, o primeiro veículo de comunicação independente especializado em temas ambientais em El Salvador, fala sobre suas experiências ao solicitar financiamento:

No meu caso, muitas vezes me sinto sobrecarregada solicitando de mini-subsídio em mini-subsídio para conseguir pagar as contas. Vivemos de projetos e, conforme desenvolvemos temas, cada um de nós tem outro trabalho além do MalaYerba.<sup>241</sup>

Ela conclui ecoando algo que ouvimos de outras pessoas entrevistadas e participantes de chamadas comunitárias ao longo do projeto: que o sistema de financiamento tende a priorizar o financiamento de atividades específicas ou a busca de certos objetivos estratégicos, às vezes negligenciando a importância de construir capacidades fundamentais dentro das organizações.

Começando por obter aconselhamento jurídico para garantir status legal. Também existe a necessidade de iniciativas que se concentrem em educação financeira, bem como programas voltados para promover o bem-estar e a saúde mental ou garantir a segurança física de suas equipes.

## Investindo na capacidade do sistema

Várias organizações enfatizaram a importância de estruturas de financiamento com uma abordagem ecossistêmica. Para alcançar isso, é necessário facilitar conexões entre diversas partes interessadas, incluindo organizações da sociedade civil que trabalham em diferentes causas, jornalistas, ativistas, comunicadores de base, pesquisadores e representantes do governo. Promover trocas de longo prazo e reforço mútuo é fundamental para fortalecer os ecossistemas de informação.

---

<sup>241</sup> Entrevista com Carolina Amaya

Durante uma das chamadas comunitárias para este projeto, Agustina Paz Frontera, da Latfem, um meio de comunicação feminista localizado na Argentina com impacto regional na América Latina, mencionou que, embora a desinformação e seus fluxos operem transnacionalmente, e seja importante unir esforços transfronteiriços, atualmente há vários desafios práticos que podem impedir o trabalho em rede com aliados de outros países.<sup>242</sup>

Esses desafios na colaboração transfronteiriça foram ainda mais exacerbados pela pandemia, como aponta Leonardo Aranda, do Medialabmx, uma organização que busca expandir a ideia de mídia e tecnologia por meio de atividades comunitárias e artísticas.<sup>243</sup> Vários eventos presenciais que serviam como “vasos comunicantes” para o ecossistema foram diluídos, assim como os recursos para sustentar redes pré-existentes. (Exemplos do impacto desses eventos presenciais incluem, por exemplo, as reuniões anuais de organizações hackfeministas regionais ou a rede LabsurLAB MediaLabs, que ajudavam a gerar um diálogo contínuo entre organizações com diferentes perspectivas.)

“Às vezes, a manutenção da rede é vista como algo secundário, quando na verdade são esses laços de solidariedade que ajudam a sustentar o espaço no médio prazo”, conclui Aranda, chamando a atenção para a importância de os financiadores começarem a ver a capacidade do sistema como um resultado em si, necessário para manter todos os outros resultados.

A importância de investir em diálogos de construção progressivos e laços de confiança foi ecoada por Carol Misorelli, do IRIS, que mapeou os desafios enfrentados por organizações que trabalham com mudança de narrativa na região em 2023. Em uma das chamadas comunitárias para este projeto, Misorelli observou como colaborações internacionais ou nacionais exigem um processo de alinhamento de valores, expectativas e definição de agendas que muitas vezes é subfinanciado. Como apontado em um relatório recente intitulado “Investindo na capacidade de mudança de sistemas”<sup>244</sup>, escrito por Susan Misra e Marissa Guerrero para a Stanford Social Innovation Review, o valor de um ecossistema forte reside não apenas em acelerar o progresso em momentos oportunos, mas também em proteger melhor os avanços quando estão sob ameaça.<sup>245</sup>

## Incluindo abordagens responsivas

Algumas organizações enfatizaram a importância de os doadores não apenas buscarem “ganhos estratégicos”, mas também adotarem abordagens que sejam sensíveis às evoluções das necessidades do ecossistema. Por exemplo, as pessoas entrevistadas

---

**242** Alguns desses desafios incluem a disponibilidade limitada de financiamento para projetos transnacionais, dificuldades práticas associadas à transferência de fundos e ao envio de dinheiro para aliados em outros países, especialmente no contexto argentino. As reflexões dessa chamada comunitária estão disponíveis no blog: Paes, “Community Diagnosis.”

**243** Entrevista com Leonardo Aranda

**244** No título original em inglês, “Investing in Systems Change Capacity”

**245** Misra, Susan, and Marissa Guerrero. “Investing in Systems Change Capacity (SSIR)”. Stanford Social Innovation Review, (Janeiro de 2024). <https://ssir.org/articles/entry/investing-in-systems-change-capacity>.

notaram que programas de treinamento às vezes são lançados em países específicos e sobre certos tópicos principalmente porque há financiamento disponível, em vez de serem as necessidades locais mais urgentes. Em outro exemplo, Juliana Uribe, fundadora e diretora do Movilizadorio, compartilhou que, desde 2019, sua equipe gostaria de implementar o treinamento de alfabetização midiática para preparar os cidadãos para o advento da inteligência artificial, mas essa iniciativa tem lutado para ganhar tração, pois garantir recursos para esse trabalho tem sido um desafio.<sup>246</sup>

Uribe também acredita que os doadores devem se comunicar de forma mais eficaz, não apenas com seus beneficiários, mas também entre si. Isso ajudaria a minimizar a duplicação de esforços em todo o ecossistema. Ela sugere: “Se os financiadores se comunicassem entre si, poderiam coordenar seus investimentos de forma mais eficaz, compreendendo o foco das organizações financiadas por cada um deles. Dessa forma, eles poderiam garantir que o financiamento fosse direcionado de forma coordenada.” Ao promover essa comunicação e colaboração abertas, os doadores podem alocar seus recursos de forma mais eficiente e eficaz, reduzindo a sobreposição e maximizando o impacto de suas contribuições.

## Compromisso com a diversidade

Para Thiane Neves Barros, pesquisadora brasileira que trabalha há anos com as experiências das mulheres negras da Amazônia com as tecnologias digitais, os esforços filantrópicos para fortalecer os ecossistemas de informação devem garantir que as vozes com pouca representatividade sejam financiadas.<sup>247</sup> Como Rachel Kleinfeld, do Carnegie Endowment for International Peace,<sup>248</sup> argumenta em seu artigo “Democratização e desescalada”<sup>249</sup>, em sociedades com níveis crescentes de divisão, como na América Latina, “as coalizões em prol da democracia não podem continuar sendo alianças urbanas de elite”. Para evitar que as pessoas continuem a falar dentro de câmaras de eco (nas quais só encontram informações ou opiniões que refletem e reforçam as suas próprias) e para garantir que amplos setores da população sejam alcançados com informações que se conectem com suas vidas, o financiamento deve fortalecer não apenas as redações, mas também os comunicadores comunitários e os criadores independentes, que produzem informações em diversos formatos.

Por exemplo, na Guatemala, onde a mídia tradicional perdeu legitimidade devido a acusações de reportagens tendenciosas em favor de um partido ou outro, figuras como Sonny Figueroa e Marvin del Cid criaram grandes públicos orgânicos por meio de seus canais do WhatsApp e perfis do Facebook em torno de artigos investigativos que expõem e mobilizam os cidadãos contra a corrupção. Da mesma forma, Iliana Aguilar, rapper e comunicadora feminista hondurenha, criou conteúdo feminista por meio do

---

<sup>246</sup> Entrevista com Juliana Uribe

<sup>247</sup> Entrevista com Thiane Neves Barros

<sup>248</sup> Rachel Kleinfeld, “Democratization and De-escalation,” BTI Transformation Index (blog), 23 de abril de 2024, <https://blog.bti-project.org/2024/04/23/democratization-and-de-escalation/>.

<sup>249</sup> No título original em inglês, “Democratization and De-escalation”

TikTok, mas afirma que é difícil encontrar financiamento para manter a comunidade digital que ela construiu.<sup>250</sup> Ela diz que descobrir a comunidade do Creadoras Camp e receber treinamento deles em manuseio de câmera, design e narração de histórias foi fundamental para ela.<sup>251</sup> Agora que tem um público, ela gostaria de ter mais recursos para produzir mais vídeos. No entanto, há poucas oportunidades de microfinanciamento para fortalecer esses novos formatos e vozes.

Durante a segunda chamada comunitária para este projeto, Ana Lucia Ramirez, da Mujeres Al Borde, uma organização transfeminista que organiza festivais e escolas de cinema, e produz e distribui filmes sobre os direitos LGBTIQP+<sup>252</sup> compartilhou que, na sua perspectiva, o jogo não se joga em condições iguais, e que algumas organizações podem ter vantagens sobre outras.<sup>253</sup> Ela diz que, na sua experiência, as estruturas das chamadas para financiamento às vezes podem ser direcionadas para um “tipo muito específico” de organização. Sobre este mesmo tema, Dayana Blanco Acendra, diretora do ILEX-Acción Jurídica, uma organização liderada por advogados afro-colombianos que apoia organizações de base que trabalham pela justiça social, acredita que também é importante que os doadores estejam cientes de que é crucial das as mesmas condições às novas lideranças, como as mulheres negras. Em regiões como a costa pacífica colombiana, essa diversificação das estruturas de poder pode, por exemplo, combater as estruturas patriarcais que bloqueiam o acesso das mulheres a informações relacionadas aos direitos reprodutivos e sexuais.<sup>254</sup> A Foundation for a Just Society e a Wellspring Philanthropic Fund publicaram pesquisas sobre como as associações filantrópicas têm negligenciado o financiamento para organizações feministas negras na ALC, observando que, muitas vezes, essas organizações dependem de fundos autogerados para realizar seu trabalho.<sup>255</sup> Aumentar o financiamento para organizações sub-representadas, especialmente aquelas lideradas por mulheres negras e aquelas que divergem das normas sexuais e de gênero, será um passo essencial.

A burocracia também afeta algumas organizações mais do que outras. Organizações novas, principalmente as de áreas rurais ou com equipes pequenas, relatam sofrer com a “burocratização” da concessão de financiamento. Muitas vezes, é exigido que elas tenham um “patrocinador fiscal”, uma organização estabelecida que gerencia os fundos do subsídio em seu nome, o que talvez elas ainda não tenham, ou talvez não tenham contas com algumas características específicas. Essas barreiras

---

**250** Iliana Aguilar (@isaaaaura), “video,” TikTok, 5 de outubro de 2022, <https://www.tiktok.com/@isaaaaura/video/7151042191547239686>.

**251** “Creadoras Camp,” Creadoras LatAm, acessado em 26 de junho de 2024, <https://creadoraslatam.com/>.

**252** A organização Mujeres Al Borde usa a sigla LGBTIQP+ em suas comunicações. Neste trecho do relatório, optamos por manter a nomenclatura adotada pela organização: <https://mujeresalborde.org/mujeres-al-borde/historia/>.

**253** Ana Lucia Ramirez de Mujeres Al Borde durante uma das chamadas comunitárias para este projeto.

**254** Entrevista com Dayana Blanco

**255** Foundation for a Just Society and Wellspring Philanthropic Fund, “Resourcing Black Feminist Organizing in Latin America and the Caribbean,” Black Feminists Latin America and the Caribbean, Última atualização em 2023, <https://blackfeministlac.org/>.

burocráticas costumam afetar de forma desproporcional as organizações lideradas por comunidades pouco representadas, limitando ainda mais seu acesso a oportunidades cruciais de financiamento. Além disso, o conhecimento de inglês afeta o acesso das organizações ao financiamento de financiadores internacionais e a falta de treinamento em ciclos de financiamento representa limitações significativas. Para enfrentar esses desafios, Pablo Medina, da rede de jornalismo investigativo CLIP, diz que uma das funções que eles desempenham é servir como intermediário, ajudando a mídia emergente a receber seu primeiro financiamento para iniciar projetos investigativos conjuntos.

## Investindo em estratégias para melhor atender ao público

Novas estratégias para criar espaços mais participativos em torno da informação estão surgindo na região, o que requer o envolvimento de pessoas e comunidades não apenas como fontes ou públicos, mas também como participantes de conversas genuínas. Para conseguir isso, são necessárias novas ferramentas - digitais ou analógicas - para ouvir profundamente as necessidades, os interesses e as vulnerabilidades do público em relação à desinformação. Portanto, estratégias inovadoras devem ser almejadas para compartilhar esse conhecimento com esses públicos, a fim de melhor atendê-los.

No entanto, existem poucas fontes de financiamento que permitem que jornalistas e organizações da sociedade civil estabeleçam relacionamentos de médio prazo com comunidades específicas. Por exemplo, a I25A da Guatemala afirma que se beneficiaria de ter fundos mais consolidados para a geração de dados e recursos para aprofundar ainda mais suas relações com os vizinhos, fortalecer sua associação de moradores e abordar melhor os problemas comuns “por meio de capacitação, espaços de escuta e geração de conhecimento narrativo”.<sup>256</sup> Alguns meios de comunicação que praticam o jornalismo de soluções nos disseram que seu trabalho não se resume a “cobrir um evento”, mas a se envolver em um processo de longo prazo com as comunidades locais, o que lhes permite entender melhor os problemas que afetam as pessoas e identificar as soluções coletivas que as comunidades querem defender. Essas investigações jornalísticas podem envolver processos que duram vários meses e, muitas vezes, não há financiamento suficiente.<sup>257</sup>

Para atingir determinados públicos, outra limitação está relacionada aos altos custos das ferramentas de pesquisa de plataforma digital/escuta social e à disponibilidade limitada de dados: “Como podemos também acessar e ouvir massivamente nossos públicos quando as ferramentas que nos permitem fazer isso custam o que custam?”, pergunta María Paula Murcia, da Mutante.

---

<sup>256</sup> Entrevista com Sandra Xoquic

<sup>257</sup> Nós compartilhamos mais sobre o trabalho de El Otro País nesse post em nosso blog: Vélez Vieira, “Roots and Infrastructure.”

Checadores de fatos e organizações que desejam trabalhar no filtro preventivo (ou prebunking) ou na análise do discurso discriminatório contra grupos vulneráveis na internet também reclamam das barreiras de acesso a softwares especializados para rastrear campanhas de desinformação.<sup>258</sup> Eles também gostariam de analisar rumores ou informações problemáticas que trafegam entre diferentes países da região, ou ter ferramentas melhores para verificar deepfakes, mas não têm apoio suficiente.

Várias pessoas entrevistadas mencionaram que os doadores continuam muito focados em financiar equipes de comunicação tradicionais, compostas por um jornalista, um gerente de comunidade e alguém dedicado a eventos. No entanto, diante da crescente economia da atenção, em que a informação compete com o entretenimento e o “ruído digital”, os grupos da sociedade civil e as redações precisam ter recursos internos não apenas para manter contas de mídia social, mas também para criar e manter comunidades e públicos conectados.

Por exemplo, Maira Berutti, diretora de inteligência da Quid, afirma que, no Brasil, uma das formas mais eficazes de distribuição de conteúdo é por meio do WhatsApp. No entanto, para que isso funcione, as organizações precisam ter várias pessoas dedicadas a manter a dinâmica da comunidade nesses espaços diariamente, o que é difícil de financiar. Também é importante formar estratégias de distribuição entre organizações e artistas, produtores de documentários e criadores culturais, permitindo a colaboração com o setor de entretenimento em busca de mudanças de narrativas (que tem sido observado como um portfólio crescente de doadores em todo o mundo).<sup>259</sup>

---

**258** Prebunking refere-se ao processo de avisar as pessoas de que elas podem ser expostas à desinformação e/ou à informação incorreta, de modo que, se forem expostas a elas, serão mais resistentes. Leia mais em: Stephan Lewandowsky and Sander van der Linden, “Countering Misinformation and Fake News Through Inoculation and Prebunking,” *European Review of Social Psychology* 32 (2) (2021): 348–84, <https://doi.org/10.1080/10463283.2021.1876983>; Jon Roozenbeek, Sander van der Linden, and Thomas Nygren, “Prebunking interventions based on “inoculation” theory can reduce susceptibility to misinformation across cultures,” *Harvard Kennedy School’s Misinformation Review*, (February 2020), <https://misinforeview.hks.harvard.edu/article/global-vaccination-badnews/>.

**259** Aisha Shillingford, “Building the Cultural Power Ecosystem,” *Stanford Social Innovation Review*, (Inverno de 2024), [https://ssir.org/articles/entry/building\\_the\\_cultural\\_power\\_ecosystem#](https://ssir.org/articles/entry/building_the_cultural_power_ecosystem#).

Em suma, quando se trata de restaurar os ecossistemas de informação na América Latina e no Caribe, a mudança não acontecerá da noite para o dia. Como vimos ao longo deste relatório, os desequilíbrios dos ecossistemas de informação nessas regiões refletem problemas sistêmicos mais amplos. Ao mesmo tempo, esta pesquisa também deixou claro que a visão coletiva de ecossistemas de informação saudáveis e mais robustos já está sendo construída. Várias iniciativas da sociedade civil (algumas das quais foram mencionadas neste relatório, muitas outras não) estão trabalhando para nos aproximar de onde queremos estar.

Para que o trabalho destas iniciativas continue a florescer, elas precisam de mais apoio. Esperamos que este relatório forneça alguma visão, inspiração e orientação para aqueles que estão buscando ampliar esse trabalho.

The background features a light blue, wavy pattern representing a river or stream. Scattered throughout are stylized, purple, umbrella-shaped trees and small tufts of green grass. The overall aesthetic is clean and modern.

# Apêndice

## Pessoas entrevistadas

- Ana Arriagada, Atlantic Council's Digital Forensic Research Lab (DFRLab)
- Carolina Amaya, MalaYerba
- Daniel Villatoro, International Women's Media Foundation
- Dayana Blanco Acendra, Ilex Acción Jurídica
- Desiree Esquivel, SembraMedia
- Desirée Yépez, Ella Cuenta, Mulu TV e Radio Ambulante
- Dora Bartilotti, Medialabmx
- Eliana Robles, Ilex Acción Jurídica
- Fabiola Gutiérrez, SembraMedia
- Francisco José González López, Movilizadorio
- Gabi Juns, Instituto Lamparina
- Iliana Aguilar, Creadoras Camp e La Terricuerpa
- Indhira Suero, SembraMedia
- Izabela Moi, Agência Mural de Jornalismo das Periferias
- José Hernandez, SembraMedia
- Juliana Uribe, Movilizadorio
- Leonardo Aranda, Medialabmx
- Maira Berutti, Quid
- María Paula Murcia, Mutante
- Mirte Postema, Independent Journalism Fund of Seattle International Foundation
- Nicole Martin, Vita Activa
- Nina Weingrill, Énois e Escola de Jornalismo
- Olivia Sohr, Chequeado
- Pablo Medina Uribe, Centro Latinoamericano de Investigación Periodística (CLIP)
- Sandra Xoquic, Instituto 25A
- Stefano Wroblewski, InfoAmazonia
- Thiane Neves Barros, Rede Transfeminista de Cuidados Digitais
- Tomás Lawrence, Interpreta



# THE ENGINE ROOM